

23° 30'

37° 45'

S T R I T O

F U N H A L O U R O

L. Sungue
L. Paane
L. Chitropo
L. Chitunquasse
L. Chumbane
L. Chiquisse
L. Chiquisse A
L. Chiquisse B
L. Chiquisse C
L. Chiquisse D
L. Chiquisse E
L. Chiquisse F
L. Chiquisse G
L. Chiquisse H
L. Chiquisse I
L. Chiquisse J
L. Chiquisse K
L. Chiquisse L
L. Chiquisse M
L. Chiquisse N
L. Chiquisse O
L. Chiquisse P
L. Chiquisse Q
L. Chiquisse R
L. Chiquisse S
L. Chiquisse T
L. Chiquisse U
L. Chiquisse V
L. Chiquisse W
L. Chiquisse X
L. Chiquisse Y
L. Chiquisse Z

Chissie

M O C A M B I Q U E

35° 00'

23° 30'

35° 30'

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MORRUMBENE

ECONOMIA COLONIAL, GUERRA E RECONSTRUÇÃO

"Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane"

POR

Ana Maria A. Caetano

MAPUTO

1996

HT-14

94 (679)
C 123 m *de*

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 26 179
DATA 8 / Setembro 1998
AQUISIÇÃO <i>Olanta</i>
COBA HT-14

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Em memória a minha mãe

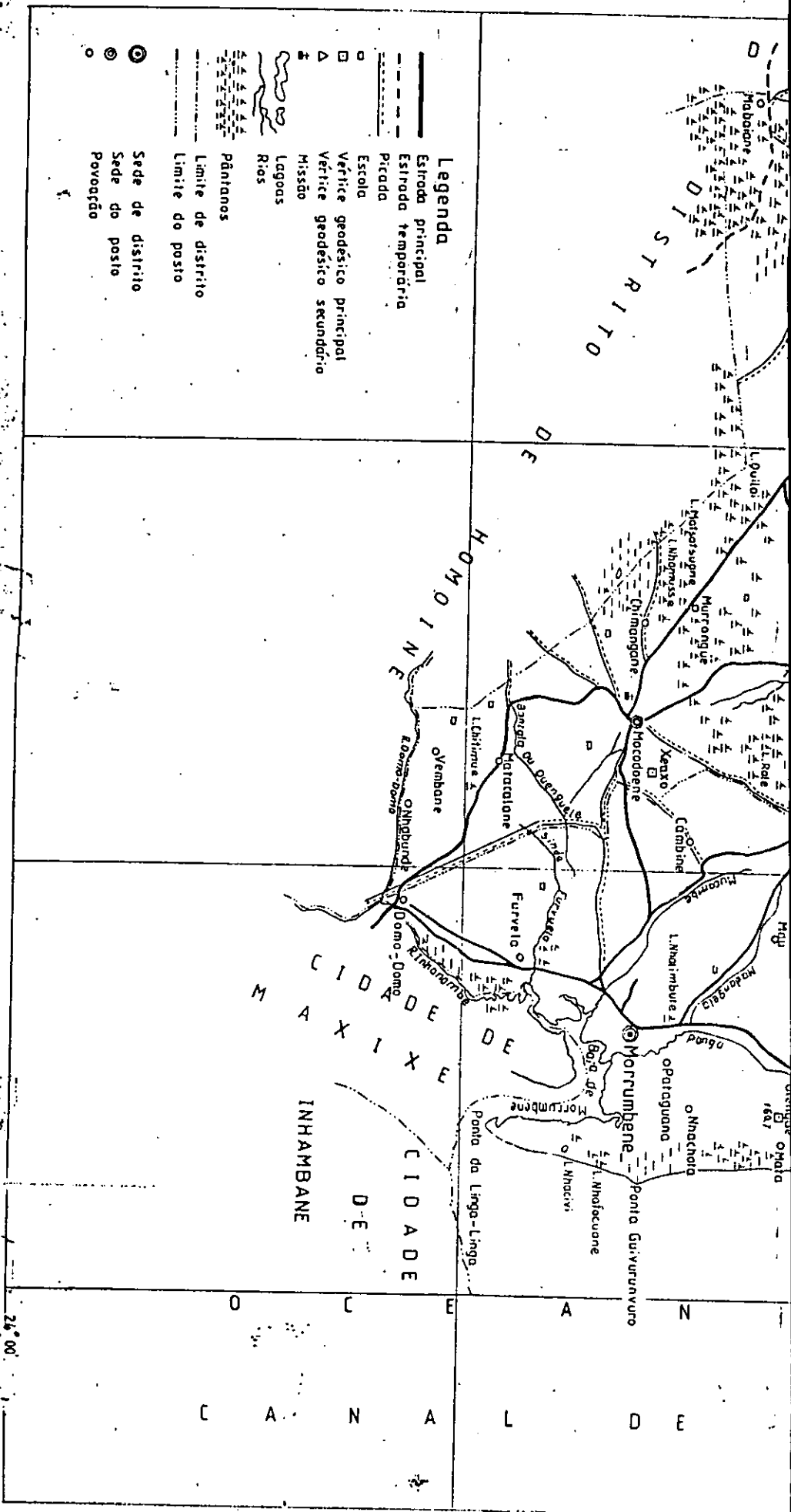
Ao meu pai que me guiou até a este nível e ao meu filho que sempre ficou desprovido da atenção da mãe e tanto me ajudaram na inspiração e no bom desempenho deste trabalho.

26° 00'

35° 45'

35° 00'

35° 30'



ESCALA: 1/250.000 DATA: 16/11/60

DISTRICTO

DE HOMINE

CIDADE DE MORRUMBENE

CIDADE DE INHAMBANE

CIDADE DE MAXIXE

CANAL DE

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Ponta da Langa-Langa

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

Morrumbene

CRONOLOGIA

- 1881- Chegada de Missionários Metodistas da Junta Americana para missões no Estrangeiro no Distrito de Inhambane
- 1883- Missionários Americanos da Igreja Congregacional estabelecem-se na circunscrição da Maxixe na povoação de Mongoé
- 1884- Missionários Congregacionistas estabelecem-se em Mocodoene/Cambine
- 1886- Batalha de Chingungussa a 23 de Outubro
- 1890-1902- Morrumbene como sedê do Comando Militar do Distrito de Inhambane com localização em Panga
- 1891- Cria-se a circunscrição de Morrumbene através da Portaria nº2695
- 1934- Anexação da circunscrição da Massinda a Morrumbene
- 1936- Fundação da Igreja da Santa Maria de Mocodoene
- 1942- Desagregação de Massinga de Morrumbene
- 1956- Fundação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Morrumbene
- 1975- Morrumbene distrito
- 1981- Início de infiltração dos rebeldes da RENAMO na Província de Inhambane- 28 membros dos Serviços Secretos sul africanos, são desembarcados em Funhalouro
- 1982- Infiltração dos rebeldes da RENAMO em Morrumbene. Primeiro ataque no distrito- Escola Secundária de Cambine
- 1983- Assalto e destruição da base provincial da RENAMO em Tome/Funhalouro
Estabelecimento da RENAMO em Nhararre/Nhamungwe em Homóine
- 1987- Ataque a vila sede do distrito de Morrumbene
- 1988- Ataque a vila sede do Distrito

SUMÁRIO

PÁGINA

SUMÁRIO	I-II
Índice de Abreviaturas.....	III
Cap. I. INTRODUÇÃO	1-2
1.1 Sobre fontes.....	2
1.2 Metodologia.....	2
1.3 Problematização/hipóteses.....	3
Cap. 2. O MEIO NATURAL	4
2.1 Breve caracterização do meio natural do distrito.....	4
a) Solos.....	4-5
b) Vegetação.....	5-6
c) Clima.....	6-7
d) Recursos hídricos.....	7-8
Cap. 3. HISTÓRIA ADMINISTRATIVA E SERVIÇOS PÚBLICOS	8-11
3. Instituições.....	11
3.1 Igreja Metodista Unida.....	11-14
3.2 Igreja Católica.....	14-16
3.3 Redescolar.....	16-17
3.4 Redes sanitária.....	17-18
Cap. 4. TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E SÓCIO-ECONÓMICAS (1900-1980)	19
4.1 Introdução.....	19
4.2 Origens da população.....	19-23
4.3 Actividades económicas.....	23
4.3.1 Introdução.....	23
4.3.2 Agricultura e produção para o consumo.....	23-29
4.3.3 Pecuária.....	29-32
4.3.4 Pesca.....	32
4.3.5 Comércio.....	33
4.4 Impacto social do regime colonial.....	33-38
4.5 Conclusões.....	38

Cap.5	A RENAMO, GUERRA E O SEU IMPACTO.....	39
5.1	Introdução.....	39
5.2.	Guerra,contextogeral.....	39-43
5.3.	Situação em Inhambane e Morrumbene.....	43-45
5.3.1.	Introdução.....	45-48
5.3.2.	OrganizaçãodaRENAMO.....	48-49
5.3.3	Organização militar do governo.....	49-52
5.3.3.	Asfasesdaguerra.....	52-53
5.4.	Opções da população civil.....	54
5.5	Impacto da guerra na economia doméstica.....	54
5.5.1.	Populaçãoeconomia.....	54-55
5.5.2.	Pecuária.....	55-56
5.5.3	Comércio.....	57
5.6	Impacto nos Serviços do Estado.....	58
5.6.1	RedeEscolar.....	58-59
5.6.2	Rede Sanitária.....	59-60
5.7.	Conclusões.....	60-61
Cap.6	RECONSTRUÇÃO.....	61
6.1.	Introdução.....	61
6.2.	Reabilitação de infraestruturas estatais.....	61-62
6.2.1	Agricultura.....	62
6.2.2	Obras Públicas e Habitação.....	62-64
6.2.3	Educação.....	64-67
6.2.4	Saúde.....	67-68
6.2.5	Comércio.....	68-69
6.2.6	Energia.....	68-69
6.3	Reabilitação económica e regresso da população.....	70-74
6.3.1	Regresso da População.....	74-75
	Conceito sobre o reassentamento.....	74-75
6.4	Destruição de minas.....	75-76
6.5.	Relançamento de projectos de desenvolvimento.....	76-77
6.6.	Problemas de conflitos de terra.....	77-79
6.7.	Conclusões.....	79
Cap.7	CONCLUSÕES GERAIS.....	80-82
	BIBLIOGRAFIA.....	83-87
	ANEXOS, ENTREVISTAS E MAPAS.....	88

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

ANUÁRIO DA PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE - APM

ANUÁRIO DO ESTADO DE MOÇAMBIQUE - AEM

AGÊNCIA INTERNACIONAL AMERICANA DE DESENVOLVIMENTO - USAID

EMPRESA MOÇAMBICANA DE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS -

AGRICOM = INTITUTO DE CEREAIS DE MOÇAMBIQUE - ICM

COMMUNITY AID ABROAD - CAA

CONCERNED AMERICANS FOR RECONSTRUCTION OF EUROPE - CARE

CRUZ VERMELHA DE MOÇAMBIQUE - CVM

DEPARTAMENTO PARA O COMBATE AS CALAMIDADES NATURAIS - DPCCN

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FUR TECHISCHE ZUSAMMENARBEIT - GTZ

ESTADO MAIOR REGIONAL NORTE - EMRN

ESTADO MAIOR REGIONAL SUL - EMRS

GABINETE DE ESTUDOS DE PROJECTOS EDUCACIONAIS - GEPE

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE MIGRAÇÃO - OIM

PROGRAMA GERAL DE REABILITAÇÃO DE PRODUÇÃO AGRÁRIA - PGRPA

PROGRAMA DE SEMENTES E UTENSÍLIOS - PESU

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF

UNITED NATIONS OPERATION FOR HUMANITARIAN ASSISTANCE
COORDENATION -UNOHAC

RESUMO

O presente trabalho de investigação levado a cabo no distrito de Morrumbene, na Província de Inhambane, serviu para a avaliação das transformações sócio-económicas durante o período colonial (com mais insidência no período depois de 1934), a guerra e o processo de reconstrução no pós guerra.

O trabalho baseou-se fundamentalmente na bibliografia e fontes arquivísticas consultadas e no relato das experiências individuais (fontes orais).

Iniciei com a caracterização do esboço do meio ambiente. Em seguida optei pela apresentação das estruturas administrativas para logo passar à outras instituições que prestam serviço às populações.

Depois da caracterização do distrito, segue a guerra que constitui o foco do trabalho.

Da guerra, passaremos ao seu impacto para às populações, infraestruturas estatais, acabando por desaguar no processo de reconstrução e reabilitação de tudo quanto foi destruído e dos problemas que advém neste processo.

Há um certo número de assuntos e conceitos não suficientemente aprofundados e quantificados mas penso ter contribuído a História da Guerra e certos aspectos da sobrevivência das pessoas durante o conflito armado.

I- INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é Morrumbene: economia colonial, guerra e a reconstrução no período pós guerra registada após a independência de Moçambique em 1975, como o título indica.

Tratar-se-á de um estudo de caso. Daí a escolha ser o distrito de Morrumbene na Província de Inhambane. Debruçar-nos emos sobre os aspectos económico, político e social.

Todavia, o estudo estará virado à História social de guerra.

O trabalho estará dividido em sete capítulos: (I)-Introdução, (II)-A caracterização do distrito(meio natural, (III)- A história administrativa e os serviços públicos. (IV)- As transformações culturais e sócio-económicas no período 1900-1980, (V)- A RENAMO, guerra e o seu impacto, (VI)- A reconstrução e finalmente, as conclusões gerais.

Inicialmente estudei a guerra e o pós guerra. Porém, para uma compreensão melhor do estudo sócio-económico do distrito, recuei no tempo isto até 1934 e em alguns casos até 1881, 1891, 1908 etc.

O foco do trabalho é a guerra e a reconstrução no período pós guerra.

Por se tratar de um período mais recente- História Contemporânea do país, a maior parte das informações serão de fontes que directo ou indirectamente, viveram os factos.

Apesar de o estudo ser direccionado ao distrito de Morrumbene, este, foi em alguns itens aproveitado informações das circunscrições limítrofes como Massinga, para procurar entender as transformações que se operaram ao longo dos anos e que tiveram influência no distrito alvo.

Entre os móbeis que estão por detrás deste estudo figuram a necessidade de se conhecer e analisar as várias situações que a população afectada pelo conflito enfrenta.

Tendo em conta que o processo de reassentamento da população é uma nova experiência, muitas das questões não possuem resposta no início do processo.

Assim, o objectivo do trabalho é tentar responder a estas questões tendo em conta o *background* histórico da região antes da guerra, durante e no fim da guerra assim como as actividades e novos hábitos que a população deslocada teve nos locais para onde se dirigiu.

A guerra constituiu um catalizador para a saída maciça das populações quer para dentro ou fora do distrito, ficando assim sem a terra para produzir para o consumo bem

como para o mercado.

O aumento da população deslocada nas vilas, criou o superpovoamento e consequentemente a incapacidade das instituições sociais atender as necessidades ora criadas.

Com o fim da guerra, espera-se que todo o processo de reconstrução e reabilitação das infraestruturas danificadas durante a guerra, ocorra da melhor maneira embora exista escassez de meios para a materialização dos projectos de desenvolvimento

1.1. SOBRE FONTES

A bibliografia e fontes arquivísticas consultadas, apesar de não tratar directamente o tema em estudo, contém informações de extrema importância. Nela podem-se distinguir relatórios de Governadores que estiveram em serviço no então Distrito de Inhambane, relatórios de serviços de inspecção da administração Civil e Negócios Indígenas que oferecem conhecimentos em vários campos sobre a região desde a sua criação e consequente evolução.

Para os tempos mais recentes encontramos alguns estudos feitos por algumas organizações não governamentais em coordenação com o Ministério da Agricultura e Pescas sobre o desenvolvimento rural do Distrito, assistência técnica entre outros.

Esses estudos confirmam a validade de alguns relatórios do período colonial sobre a caracterização da zona.

1.2. METODOLOGIA

Como estratégia para o desenvolvimento do trabalho, fiz um levantamento de fontes escritas (primárias e secundárias) no Arquivo Histórico de Moçambique que abordam vários assuntos sobre a Província no geral e ainda aquelas que focam alguns ítems relacionados com o Distrito.

Para além do Arquivo, efectuei trabalhos de campo em 1994 e 1995 para a recolha de fontes orais visto que o tema em estudo, envolve necessariamente as populações que são o alvo principal deste trabalho. Em virtude de as suas vozes estarem muitas vezes ausentes em documentos oficiais, considerei importante a auscultação destas, para que fosse possível fazer um juízo não fugindo da realidade que se vive na região em estudo.

No terreno, as entrevistas não só foram com as populações visadas como também foi

com as entidades oficiais, instituições e ainda com aquelas que indirectamente viveram o clima de guerra.

1.3. PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES

O estudo visava fazer um levantamento em torno das seguintes questões:

Quais são os factores da migração da população intra-distrito ou inter-distritos?

Qual é o grau de influência que tais factores pode exercer no processo de reassentamento populacional no distrito?

Tendo em conta que a economia de emergência durante a guerra resolveu questões pontuais relacionadas com o abastecimento das populações, que alternativas a adoptar para que o fornecimento de bens necessários seja eficaz?

Sendo a economia do distrito basicamente agrícola e piscatória, quais os outros sectores que se podem desenvolver para cativar as populações para o retorno às suas origens permitindo que o processo de reafixação ocorra positivamente?

A base dos dados levantados sobre os temas acima referenciados sugiro as seguintes hipóteses de trabalho:

- 1^a. Para além das calamidades naturais que têm sido um factor que normalmente têm obrigado as populações a abandonarem certas regiões, a guerra agravou mais este fenómeno. Ela funcionou como um catalizador para a migração massiva da população para dentro e fora do distrito.
- 2^a. As condições actuais no distrito, a curto e médio prazos, não favorecem a efectivação positiva do programa de regresso populacional. Factores como falta de infraestruturas, problemas de água, falta de material de construção, minas e actividades que cativem as populações ao regresso às zonas de origem, obrigam a que estas optem por se estabelecer nos locais que outrora

serviram de refúgio.

CAPÍTULO 2 MEIO NATURAL

2.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO MEIO NATURAL DO DISTRITO

O distrito, caracteriza-se por um meio natural diversificado. Este, contribui para a actividade agrícola e o transporte (rios e mar). Rios e mar constituem ao mesmo tempo recursos como é o caso da pesca e o aproveitamento das baixas dos rios para o desenvolvimento da agricultura.

Pela sua importância para o desenvolvimento da actividade humana, o estudo debruçar-se-à sobre os solos, vegetação, clima e recursos hídricos.

a) SOLOS

Encontramos neste distrito solos pertencentes à categoria dos pedalféricos¹ os quais enquadram os solos da faixa arenosa costeira e os vermelhos dos urrongas de acordo com a classificação feita no estudo de reconhecimento ecológico agrícola de Moçambique, equivalente aos complexos I, III, VIII e XI ² que é os da zona do litoral de Homóine e o extremo sul das áreas de Morrumbene e Mocodoene, correspondente à mancha dos calcários neolíticos do plioceno³.

Estes solos derivam de grés ou mais frequentemente de mantos de areias que cobriram aqueles. Em regra deve tratar-se de dunas antigas já há muito aplanadas parcialmente.

Aparecem solos cinzentos, amarelados, alaranjados, pardos, pardo-avermelhados, pardo-claros, laranja, vermelhos, franco-arenosos e argilo-arenosos. A sua textura varia entre o arenoso e o argilo-arenoso.

Deste modo, temos o solo areno-argiloso ou seja terra encarnada e arenosa bem como

1 ALMEIDA 1950:40

2 GOUVEIA e AZEVEDO 1955: 123 1955.

3 GOUVEIA e AZEVEDO 1955:123-124.

areia branca, que constitui solos relativamente pobres. As culturas produzidas são milho, amendoim, feijão nhemba, feijão jugo, mexoeira, mapira, batata doce, citrinos, coqueiro e cajú.

Também encontramos o solo húmifero ou *nhaca* que é predominante na costa. Este, é rico argiloso e possui uma alta composição orgânica e uma facilidade de fornecimento de água.

Neste solo, para além dos produtos acima indicados ainda se cultivam as hortícolas, cebolas e alhos.

Finalmente os machongos que são solos hidromórficos, cinzentos muito escuros a negros, muito ricos em matéria orgânica estremecendo com o andar, de textura variada entre arenosa e argilosa e com abundância de água que impede a decomposição rápida da matéria orgânica.

Estes solos encontram-se na faixa arenosa costeira das planícies onde se dá a acumulação da água das chuvas, e ao longo dos rios e seus afluentes, lagoas e são mais férteis e não muito dependentes do clima.

Para além das culturas acima mencionadas, ainda temos o arroz, a cana de açúcar e uma variedade de hortícolas, cultivados nas zonas baixas.

b) VEGETAÇÃO

A formação vegetal do distrito que é resultante da natureza do solo, do relevo e do clima, constitui um recurso natural que tem peso na economia pois, ela é um elemento influente na distribuição da população uma vez que limita a circulação das pessoas.

Em Morrumbene, desenvolve-se uma vegetação de tipo mata cerrada, mata esparço e mato esparço (vide o mapa nº2 em anexo).

Todavia, é difícil definir o tipo de vegetação da faixa costeira devido a acção do homem que é marcante uma vez que o cultivo de terras é intensivo para a sua sobrevivência (coqueiros, cajueiros, citrinos, além de eucaliptos etc.).

Neste contexto, encontramos no interior deste distrito uma certa limitação das actividades do homem devido a adversidade do clima registando-se uma densidade populacional menor o que faz com que a qualquer momento as pessoas que habitam nestes locais, emigrem para outras zonas favoráveis à agricultura.

Abundam nesta vegetação quatro tipos de madeira, três destes tipos de madeiras com valor que são a chanfuta, henguete e tule particularmente nas localidades do interior que se tivesse um melhor aproveitamento em termos de sua exploração não traria emprego para a comunidade da região como também no uso em algumas indústrias. A quarta é messassa (tzondso ou bschysteynia).

Relativamente à fauna, na devida época era notório a presença de caçadores a procura de perdizes, gazelas e porcos bravos. Actualmente com a degradação ambiental, as zonas que serviam para o homem a praticar a caça deixaram de dar o seu contributo naquele aspecto.

Deste modo, os hábitos das populações mudaram no que diz respeito a sua dieta alimentar. A carne de caça que a qualquer momento era possível tê-la em casa, agora só aparece em casos de grandes cerimónias ou quando chegam visitas de famílias vindas de outras regiões.

c) CLIMA

O clima deste distrito é tropical húmido (na parte costeira) e seco (no interior) e é caracterizado por um regime anti-ciclónico e de depressões das latitudes médias de acordo com as características de todo o sul do Save.

Este clima tem algumas implicações para as actividades económicas e a distribuição da população, pois, para a prática da agricultura e ainda a actividade piscatória, a maior parte da população, concentra-se na costa que é favorável à prática das suas actividades primárias, como a agricultura, entre outras.

Em relação ao interior como as Localidades de Sitila, Gotite o clima já é tropical seco com muitos problemas de água dificultando as actividades agrícolas.

Exemplificando com um dos factores climáticos, a chuva, em relação a sua distribuição, poder-se-à dizer que a faixa litorânea do distrito é a mais beneficiada em relação ao oeste o que implica que a maior parte da população se concentre no litoral e encontramos no interior uma acentuada aridez.

O regime pluvial é ciclónico, caindo as chuvas com a passagem das depressões.

Encontramos a época quente ou de meses mais chuvosos no período entre Novembro e Março, e os restantes meses apresentam chuvas regulares ou sem chuva, especialmente nos anos de seca.

No entanto, existe um período de transição que é de Abril-Julho em que também, às vezes, tem caído chuva.

A pluviosidade atinge 800mm/ano. Sabe-se que no período 1934-1955, a maior queda pluviométrica registou-se em 1944 tendo chovido cerca de 1.410mm no mês de Fevereiro e a menor, data 1941 com apenas 492,5mm de chuva.

d) RECURSOS HÍDRICOS

Morrumbene é um Distrito com muitos lagos, lagoas e rios de sentido oeste/este, com extensão que varia de 2Km a 50Km de curso e uma área de 300 a 500 Km², todos desaguando no estuário de Morrumbene, atendendo a disposição do relevo da própria Província (vide o mapa nº3 em anexo).

Os principais rios são: o Domo-Domo, Inhanombe com o comprimento de 45 Km e uma área de 354 Km², Furvela ou Guilongwe, Jogó com 15 Km de comprimento e área de 472 Km², Madangela ou Toma de água, Chicuane, Cambine, Panga, Malaia entre outros cujos cursos de água são permanentes.

Estes rios, de acordo com a região por onde eles passam, podem tomar um outro nome diferente.

O rio de Cambine no passado possuía uma barragem que fornecia energia a Missão do mesmo nome.

A maioria destes rios apresentam na área costeira uma vasta região de baixas próprias para o cultivo de diversas culturas que não só são de subsistência para as famílias mas também o abastecimento do mercado local.

Para além de rios, também existem alguns lagos assim como lagoas. Exemplificando, temos a de Chicungussa, que actualmente não tem água, e ainda a de Nuachicalane na zona de Tambajane que não reúnem condições agrícolas, senão para as actividades pecuárias, quer de animais domésticos (espécie bovina e caprina) e selvagens.

Em termos de abastecimento de água, a sede do Distrito e as localidades periféricas, não sofreram restrições de água, pois a fonte fornecedora (o rio Toma de água ou Madangela) não ficou paralisada mesmo no período de guerra.

Porém a guerra desde 1982 provocou a migração de populações à procura de locais mais seguros, originando rápido crescimento da vila e das sedes de localidades e

consequentemente a carência de água potável.

Nas regiões do interior a falta deste precioso líquido é muito saliente. Apesar de terem sido abertos alguns furos em determinados locais, em nada resultou para além de que muitas vezes a água é salgada ou então os furos secam.

Outro factor a salientar é que durante os anos de guerra, os furos ficaram sem assistência uma vez que as equipas de trabalho não podiam se deslocar para essas zonas por serem intransitáveis.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA E SERVIÇOS PÚBLICOS

3. IDENTIFICAÇÃO ADMINISTRATIVA

O distrito de Morrumbene, outrora quarta circunscção⁴ do Distrito de Inhambane, situa-se no centro da actual Província de Inhambane e foi criado pela Portaria nº2695 de 6 de Junho de 1891 e foi publicado no Boletim Oficial nº21, 1ª Série de 21 de Maio de 1966⁵. De 1890 a 1902, Morrumbene, constituía um Comando militar com a sede na povoação de Panga(B.O 10/1890; B.O 9/1893; B.O 1/1901 e B.O 32/1902⁶.

De acordo com o regulamento das circunscções dos Distritos de Lourenço Marques e Inhambane, aprovado por Portaria nº671-A de 12 de Setembro de 1908, foi mantida a circunscção de Panga e criada a de Morrumbene.

Morrumbene esteve anteriormente dividida por duas circunscções civis (Panga e Mocodoene), extintos por Portarias nºs 511 de 29/6/1923, B.O 25 e 2.107 de 14/10/1933, B.O 41 respectivamente.

Panga passou para Mocodoene sede, agora posto administrativo com algumas áreas a pertencer a Morrumbene e as circunscções de Massinga e Homoíne.

Em 1934, pela Portaria nº2.189 de 14 de Fevereiro, B.O nº7, foi extinto a circunscção de Massinga passando a posto administrativo de Morrumbene.

⁴ DIAS [1981]:223. Em 1908, Morrumbene foi transformado em quarta circunscção civil segundo a Portaria nº671 no B.O nº40/1908.

⁵ AEMO 1972/73: p.996.

⁶ SAUL [1981]:223.

A circunscrição passa a ser constituída pelas regedorias de Zunguza, Mapera, Massinga, Inguana⁷, Savanguana, Panga, Quissico Grande, Furvela, Jogó, Guifutela, Condula, Cocane, Pateguana, Magumbo, Linga-Linga e Tinga-Tinga⁸ (Vide o mapas n^o1 sobre as regedorias).

Em 1942, pela Portaria n^o 31.896 de 27 de Fevereiro, houve a reposição da circunscrição de Massinga e as terras dos regulados de Zunguza, Mapera e Massinga foram desagregadas de Morrumbene.

A 26 de Maio de 1947, foi nomeado um administrador provisório- Arnaldo Alves Vieira, ao mesmo tempo que se criou um posto administrativo em Funhalouro (que hoje constitui um distrito independente).

Contudo, as melhorias aconteceram a partir de 1949, onde a circunscrição passa a ocupar uma área de 2508Km², ficando Mocodoene como um posto administrativo de Morrumbene que continua até aos nossos dias.

Regista-se uma maior movimentação em termos de povoamento de população europeia, asiática e ainda no desenvolvimento de várias actividades económicas ao nível da circunscrição.

Assim, verifica-se o fluxo de aquisição de títulos de ocupação de terrenos para exploração e subida de número de titulares de propriedades.

A população nesta altura era de 67.259⁹ habitantes da qual 417 eram europeus e asiáticos. A densidade populacional era de 26,82h/km².

A nível dos serviços administrativos, há melhoramentos que se vão reflectir nos impostos.

Os impostos colectados registaram um índice elevado em relação aos números dos tributados (arrolados).

Embora sem cifras do início dos anos 50, poder-se-á dizer que os impostos no período 1958-1963, tiveram uma tendência de crescimento como se pode verificar nos impostos de

⁷ AEM1972/73:996. Nesta Regedoria encontramos a planície de Chicungussa que em 23 de Outubro de 1886, se travou o combate entre as forças do distrito de Inhambane e as do Gungunhana.

⁸ CABRAL 1910:40
INTENDÊNCIA DOS NEGÓCIOS INDÍGENAS E EMIGRAÇÃO 1914:25

⁹ De acordo com o censo efectuado em 1950 pelas brigadas técnicas do reconhecimento algodoeiro encarregados desta tarefa junto das autoridades administrativas locais.

tributação em relação ao imposto colectado que, de certo modo, é igual por não se ter efectuado o recenseamento. (Vide a tabela 1 que se segue).

TABELA 1
Impostos tributados e cobrados no período (1959-1963)

ANOS	IMP/TRIBUTAD	IMP/COBRADO	IMPORTANCIA	%
1959	12.720	13.060	3.948.000\$00	-103,45
1960	12.745	13.354	4.053.750\$00	106,02
1961	12.867	13.664	4.136.800\$00	107,16
1962	13.051	13.052	4.249.290\$00	100,00
1963	13.051	13.100	4.276.135\$00	100,08

FONTE: JÚLIO, Cristovão. Relatório de inspeção ordinária à circunscrição de Morrumbene. AHM. Cx.36. 1964. P.79

O número dos tributados foi de 13.051 e cobrados na sua totalidade, 5.976 impostos normais com uma percentagem de 39,77% se deduzir que 1.739 impostos foram cobrados na África de Sul, e a autoridade administrativa local apenas 3.938, decrescendo para 30,38% de cobrança efectiva na circunscrição.

Com a a independência a 25 de Junho de 1975, Morrumbene como outras circunscrições, passou a distrito de 1ª Classe, de acordo com o Decreto nº6/75 de 18 de Janeiro, publicado pelo Governo de Transição segundo o artigo nº1¹⁰.

A partir de então, as autoridades tradicionais, responsáveis pela distribuição de terras, organização de certas actividades administrativas e sociais dentro do quadro jurídico administrativo estatal português, perderam a sua autoridade e consequentemente o poder de controle que se vai verificar no movimento da população dentro do distrito.

A administração pública possui dois postos administrativos, dos quais um na sede e outro em Mocodoene, e seis localidades. Estas localidades, cabem a cada um, três respectivamente.

Fazem parte do posto da sede, as localidades da própria sede, Cambine e Malaia com cerca de onze povoações, trinta e oito povoados e sete bairros.

Finalmente, o posto administrativo de Mocodoene integrando as localidades de Sitila e Gotite de que fazem parte sete povoações e trinta e três povoados.

O administrador local, coordena todas as actividades dos representantes dos diferentes ministérios presentes a este nível.

3.1 INSTITUIÇÕES

Neste capítulo, não pretendo discutir sobre todas as instituições públicas existentes no Distrito.

Assim, das várias instituições há aquelas que podem ser consideradas vitais para a população como é o caso das escolas, hospitais, entre outras.

Para o efeito, cingir-se-à a alguns aspectos relacionados com as missões religiosas, quer protestantes ou católicas no respeitante ao seu papel educativo no passado e hoje, bem como os sectores da educação e saúde.

Para uma melhor compreensão, no concernente às missões, recuarei no tempo isto é, a partir da década de 30.

Nos ramos de educação e saúde, falarei da situação no período anterior à independência, depois e durante a guerra que durou cerca de uma década e meia em Moçambique.

3.2 IGREJA METODISTA UNIDA

As missões religiosas, desempenharam no passado, um papel preponderante na sociedade moçambicana, colaborando na área educativa, como meio de expansão do cristianismo e ainda como um instrumento ideológico.

A conquista portuguesa e a penetração no sul do país do capitalismo mineiro e agrícola da África do Sul, provocou a saída em grande escala de moçambicanos devido ao emprego.

O contacto destes trabalhadores com outros povos, fê-los de transportadores dos ventos das missões não cristãs ou seja protestantes para Moçambique.

A chegada de alguns missionários metodistas para missões no estrangeiro, em particular Moçambique, vai cativar a criação destas missões.

É na materialização destes ideais, que por volta de 1880, começaram a se estabelecer missões protestantes partindo das sedes dos territórios vizinhos como África do Sul.

Em 1881, missionários metodistas da Junta Americana para missões no estrangeiro, chegaram no então Distrito de Inhambane com o objectivo de tentar fundar várias missões.

Os missionários americanos da Igreja Congregacional, em 1883, se instalaram também na circunscrição da Maxixe, região de Mongoé, a uma hora de barco da baía de Morrumbene.

Destes missionários, destacou-se um de nome **Richards** que desenvolveu acções com vista a instalação daquela instituição religiosa.

Por questões ligadas ao espaço, considerado exíguo, estes, transferiram-se para o posto administrativo de Chicuque pertecente ainda à mesma circunscrição.

Na continuidade das suas acções, passaram para a circunscrição de Morrumbene, posto administrativo de Mocodoene, instalaram-se em Cambine em 1884, onde a missão esteve a cargo de um americano negro.

Mais tarde, os missionários deixaram Moçambique indo se estabelecer na então Rodésia do Sul onde haviam fundado missões com particular destaque em Mount Selinda.

Dr. Richard desapontado com a saída dos missionários, decidiu regressar para a América, à sua terra natal, onde contactou a Igreja Metodista Episcopal.

Chegado no local, expôs a preocupação que lhe levara para lá ao mesmo tempo que pediu apoio para o prosseguimento das actividades já iniciadas.

Foi assim que, em 1890, a Igreja Metodista Episcopal pegou nas missões instaladas e continuou com os trabalhos que haviam sido iniciados.

No meio desta evangelização, nasce uma outra Igreja denominada Irmãos Unidos que possuía um reduzido número de membros. As duas igrejas resolveram fundir-se e criaram uma única chamada Igreja Metodista Unida.

Cada uma das partes envolvidas, deveria suprimir uma palavra do anterior nome à escolha. Assim, na Igreja Irmãos Unidos a palavra riscada foi Irmãos e na Metodista

Episcopal foi tirada a Americana¹¹.

Foi no desenvolvimento das acções desta Igreja que Cambine, passou a ter uma missão e um internato designado Bodine que era apenas frequentado por rapazes com capacidade de albergar 240 alunos.

Quando o número excedesse ao estipulado, as famílias em redor da escola e das casas de evangelistas, recebiam-nos e tinham as aulas normalmente de acordo com o regulamento. Os parentes, enviavam mantimentos para a alimentação.

Para além da missão e o internato, havia machambas trabalhadas pelos próprios alunos e a produção não só servia para a subsistência mas também para a alimentação de animais que o centro possuía.

Neste internato, eram formados evangelistas e pastores. Nos finais da década 30, por exemplo, estes, deslocavam-se para apoiar as populações fora do povoado onde estava a missão por um período de um a dois meses, não somente como também educando e proporcionando pequenos cuidados médicos etc..

Muitas vezes, eram instalados postos de socorros móveis especialmente com medicamentos de primeira necessidade e dava-se assistência aos partos para evitar que a população recorresse aos curandeiros.

A missão tinha também uma carpintaria, uma alfataria e uma sala ampla onde eram feitos trabalhos em algodão colhido nas machambas, com particular destaque a camisolas, pequenas mantas e meias. A missão instalou uma barragem hidro-eléctrica junto às margens do rio Cambine, o qual alimentava todas as infraestruturas da missão.

A partir dos anos 70, a missão começou a apoiar às populações na construção de escolinhas que não só serviam para se ministrar a catequese como também para à instrução das próprias crianças.

Afim de se melhorar o abastecimento de água a igreja instruiu as populações a contruírem cisternas. Estas cisternas ajudavam às famílias a reservar água evitando-se assim a que se percorresse distâncias longas à procura deste líquido precioso.

Depois da independência, o internato e a respectiva missão ficaram sob a

¹¹

O nome de Igreja Metodista Episcopal Americana foi dada pelos portugueses uma vez que o aparecimento desta na região foi com os americanos. Todavia de acordo com CHAMUSSO, Pedro Alfredo, estas constituíram de facto duas igrejas bem distintas. Maputo:15/9/95.

responsabilidade do governo tendo o centro sido transformado numa Escola Secundária para o ensino geral que continua até hoje embora as instalações, tenham sido já devolvidos em Dezembro de 1994¹².

3.3 IGREJA CATÓLICA

Como me referi anteriormente, as missões tomaram dianteira na educação da população.

No Estado Colonial Português, a Igreja Católica durante a década de 30, constituía uma das instituições que implementava algumas medidas traçadas desde a exploração económica, adopção duma filosofia de ocupação baseada no "orgulho nacional, na fé, no dever, no humanismo..."¹³.

O Estado Novo para ver os seus intentos realizados, entra em acordos com o Vaticano assinando convénios como a Concordata e o Acordo Missionário em Maio de 1940.

A partir do Estatuto Missionário de 1941, instrumento regulamentador, a Igreja Católica era consagrada ao papel da sua doutrina como força inspiradora e justificadora do regime colonial fascista português.

É assim que a Igreja católica se expande, criando missões em meios rurais que concorreriam com as missões protestantes que se dedicavam ao ensino das populações locais.

Mesmo antes da publicação oficial de criação de órgãos de tutela das missões religiosas, elas já estavam lá instaladas a desempenharem as suas funções saindo a normaço posteriormente.

Estas duas instituições (missões católica e protestante), vão começar a ter divergências que não só se vão fazer sentir na sua expansão como também no veículo de comunicação- língua.

Enquanto a católica utilizava a língua portuguesa, a protestante aproveitava-se da língua local da zona onde estivesse instalada.

Todavia, mesmo com as suas diferenças, ambas trabalharam na educação das populações.

12 CHAMUSSO, Pedro Alfredo (pastor da Igreja Metodista Unida o qual foi um dos estudantes em Bodine) na entrevista concedida em Maputo aos 15 de Setembro de 1995.-

13 História de Moçambique, vol III. Maputo: UEM, 1993. p.118

Quando em 1942, chegou a Moçambique o novo Governador Geral, fez-se a revisão de toda a legislação até então vigente.

Assim sendo, na implementação de algumas medidas ora tomadas, a Igreja católica vai jogar um papel de relevo.

Esta, vai pressionar as populações a aceitar o trabalho nas actividades coloniais e a pagar impostos como também verificar-se-à a expropriação de terras aos camponeses e a utilização de mão de obra sujeita a salários baixos.

Os alunos serão forçados ao trabalho agrícola na machamba da própria missão, onde a receita revertia a favor desta, pagando assim a educação recebida.

Foi assim que no Distrito em estudo, na década de 30, foi fundada a missão de Santa Maria de Mocodoene a 4/03/1936 tendo como superior o padre Diamantino Maciel Rodrigues¹⁴.

Nesta, também trabalhavam irmãs franciscanas hospitalares na área de educação, catequese, saúde e responsáveis pelo centro da promoção da mulher ou seja internato feminino.

Existia um posto sanitário e maternidade também a cargo destas irmãs.

Até os primeiros anos de existência da missão, estavam sob tutela cerca de 22 escolas com aproximadamente 3500 alunos¹⁵.

No respeitante a missão de Nossa Senhora da Conceição de Morrumbene, esta foi fundada a 8/12 de 1956 por Cardeal Dom Teodósio Clemente de Gouveia e estava a cargo dos padres franciscanos tendo como superior o padre José Gonçalves da Cunha.

A missão tinha até os primeiros anos de sua existência 18 escolas com 35 professores com cerca de 2.000 alunos¹⁶.

Porém, antes de existirem instalações próprias no que respeita a missão da vila (Nossa Senhora da Conceição), quer a escola como local de cultos, funcionaram no comissariado da polícia.

As duas missões estavam subordinadas a Diocese de Inhambane- Arciprestado de Inhambane, criado pelo Papa João XXIII, pela Bula Supremi Muneris, de 3 de Agosto de

14 PINHEIRO 1975:161.

15 PINHEIRO 1975:162

16 PINHEIRO 1975:162

1962 confiado aos Missionários Franciscanos.

De acordo com a divisão eclesiástica, estavam abangidas 13 missões e paróquias.

Para além das duas missões acima referidas de tutela da Diocese, também fazia parte a missão de S. José de Mongoé que apesar de se encontrar à beira da baía de Morrumbene, ela era pertecente a Circunscrição da Maxixe.

As duas missões, desenvolveram no passado o papel educativo das populações de acordo com que estava prelado, assistência sanitária particularmente a de Mocodoene. Junto a salas de aula estava sempre ao lado uma capela.

Depois de 1975, as duas missões, tiveram o mesmo fim que o da Metodista Unida. As escolas por elas tuteladas passaram para o ensino oficial.

Porém, durante o conflito armado, estas tiveram um papel de extrema importância no apoio as populações deslocadas bem como no recebimento das crianças que vinham estudando ou então em idade escolar que não tinham conseguido lugar nas escolas oficiais.

Abriu escolas comunitárias e os próprios crentes apoiavam na construção utilizando material local e os professores que ali ministravam as aulas eram pagos pelo dinheiro que os crentes contribuíam.

Actualmente estão a decorrer obras visando a recuperação somente da igreja pois, a escola ainda não foi devolvida mas está em péssimas condições e faz parte do património do sector da educação.

3.4 REDE ESCOLAR

Para falar da educação na década de 30, é preciso nos recordar que a partir de 1930, o Estado Novo, impôs uma política mais rigorosa de educação e "nacionalização".

É assim que vamos encontrar o sistema de ensino estruturado em oficial, elementar e complementar, e ainda o rudimentar para os africanos.

Esta separação racial vai ditar a responsabilização de instituições no cumprimento das regras sobre a educação.

Neste âmbito, encontramos maioritariamente escolas missionárias (católica e protestante) frequentadas pelos africanos e as oficiais com uma miscelânia de raças.

A materialização desta responsabilidade, surge após os convénios entre o Estado Colonial Português e da Santa Sé em 1940 onde a Igreja Católica se ocupar na educação e

instrução da criança nativa.

Vamos ver a partir dos dados estatísticos do período 1930 a 1971, (Vide a tabela 2 - anexo A) o número de alunos matriculados no ensino oficial, católico português e no protestante em toda a circunscrição.

De notar que existem algumas lacunas nas décadas de 60 e 70, altura em que se ministrava o ensino comum bem como o de adaptação.

Estas lacunas, devem-se ao facto de dados estatísticos constantes nos anuários de ensino dessa época, serem do âmbito global do Distrito de Inhambane, e vigorando o ensino primário oficial.

Tomando como base que o ensino elementar e complementar bem como o rudimentar esteve a cargo das missões (católico e protestante), os dados estatísticos da tabela 2, serão o conjunto de toda a circunscrição.

No respeitante ao número de escolas, existiram em alguns anos da década de 40, 4 escolas do nível elementar, complementar e rudimentar (Mocodoene, Morrumbene, Furvela, e Cambine).

3.5 REDE SANITÁRIA

A rede sanitária, tal como a de educação, também expandiu-se com o decorrer dos anos. Se olharmos para os anos 40/70, verificamos que em toda a circunscrição, existiam poucas unidades sanitárias a salientar o hospital da sede da vila, o de Cambine pertencente a Igreja Metodista e ainda um posto na Missão de Santa Ana em Mocodoene.

De acordo com os dados da tabela 3 que abaixo se segue, podemos notar que o movimento do atendimento hospitalar da circunscrição, teve uma tendência crescente nos anos de 1945 e 1946 para em 1947, registar-se um decréscimo em todo o movimento.

TABELA 3

MORRUMBENE -Movimento de consulta externa, banco e efermarias- 1945-1947

ANOS	1945	1946	1947
CONSULTAS	6.311	6.386	5.046
BAIXAS	451	633	502
TRATAMENTOS	40.953	44.862	38.399
MOV/OPERATÓRIO	721	677	581
PARTOS	24	41	51
VACINAÇÕES	00	00	00
ÓBITOS	21	33	17
EXAMES LABORATORIAIS	283	59	44
INJECCÕES	8.176	10.917	6.008

FORNE: Delegacia de Saúde de Morrumbene. IN: MONTANHA, Furtado. Relatório das inspeções ordinárias à comissão municipal de Inhambane...AHM, cx.30, 1947

Após 1975, a rede sanitária teve um crescimento significativo tendo o Distrito chegado a registar cerca de onze unidades espalhadas pelo Distrito (Vide o mapa nº3 sobre a rede sanitária em anexo).

Este número, operou até a eclosão da guerra. Deste, contam-se dois centros de saúde e os restantes postos. Os centros situam-se na sede do distrito e o outro em Cambine.

Os postos estavam nas localidades de Sitila, Gotite, Matalane, Barrane, Mocodoene, Malaia, Panga, Magumbo e Tinga-Tinga.

Após a radiografia das instituições públicas, passemos para as transformações sócio-económicas registadas durante o período 1900-1980.

CAPÍTULO 4

TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS SOCIAIS E SÓCIO-ECONÓMICAS (1900-1980)

4.1. CONTEÚDO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, iremos analisar as transformações culturais e sócio-económicas registadas ao longo do período 1900-1980.

Com efeito, procuraremos conhecer as origens das populações do distrito e das respectivas actividades económicas.

Como se trata de um distrito dependente da agricultura, focaremos a situação das terras particularmente no período colonial.

Ao falarmos da terra, mencionaremos alguns aspectos relacionados com a sua utilização bem como a mão de obra local que foi explorada, até enveredar pela fuga, emigrando para as minas do rand na África do Sul.

A necessidade de melhorar e ter um salário elevado em relação ao que poderia ter localmente, fez com a parte masculina abandonasse o campo à procura de melhores condições de vida.

Finalizando, iremos analisar o impacto social do regime colonial no respeitante ao trabalho forçado e a conseqüente migração na circunscrição.

4.2. ORIGENS DA POPULACAO

A população deste distrito, tomando como base os períodos anteriores à independência, poder-se-à dizer que teve um crescimento natural e gradual ao longo dos anos.

Em 1938, a população aborígene era de 71.675 da qual 28.350 encontrava-se na sede de Morrumbene e a restante no posto administrativo de Massinga.

Após a desanexação de Massinga e de acordo com o censo de 1945, Morrumbene tinha uma população de cerca de 57.628 habitantes dos quais 387 eram: europeus(40), indo-portugueses(45), indo-britânicos(5), mistos (248) e africanos (29).

Em 1949, a população autóctone actualizada foi de 57.241 enquanto que a civilizada passou para 583 habitantes.

Esta população, passou para 68.090 habitantes em 1960, com uma densidade de 24,32hab/km²¹⁷. No início dos anos 70, esta, atingiu a cifra de 70.000 e dois anos da independência ela era aproximadamente 75.579 habitantes²¹⁸.

Encontramos como população originária deste distrito, os grupos e tradições: "khoka"¹⁹, vatswa²⁰ e ainda os chopi.

Os primeiros são o grupo étnico que representa a população mais antiga em relação aos invasores chopi de origem shona, em Zavala, os quais eram açoitados pelos vatua, o que obrigou a muitos a deslocarem-se para o norte.

Estes, em pequenos grupos vieram para a área de Morrumbene, formando a maioria deles as regedorias de Quissico Grande e outros no Quissico Pequeno, Mangué e Machacua na regedoria de Panga.

Não só com os chopi como também em relação aos matswa, mas que sofreram influências árabe e portuguesa²¹.

Falando da origem da população e de acordo com a tradição oral, sabe-se que os movimentos migratórios vindos do sul, um dos grupos (Vilankulu) que invadiu a Província de Inhambane chegando nas terras de Morrumbene, obrigou a população local a dispersar-se, parte dela para o norte, fixando-se junto ao rio Save.

Outra (Dzivi) menos numerosa, sob o comando do régulo Hlavangwani ou

17 AEM 1963:36

18 AEM 1973:997. De acordo com o censo efectuado em 1970.

19 Etnónimo que mais serve para designar o povo popularmente conhecido por bitonga. RITA-

20 MUKHOMBO 1954:27 e 1981: 9-11. Os "matswas" (vatswa) são muitas vezes também designados por "VaRonga", "VaHlengwe" e "VaMhandla". Estes etnónimos são geralmente utilizados pelos bitongas para a diferenciação da proveniência entre os acima citados e os últimos. É assim que todos os que são oriundos da região norte do distrito, são tratados pelos etnónimos supramencionados. Mas por outro lado, "Uronga" em gitonga significa o norte ou então o alvorecer. Daí o termo "VaRonga" que quer dizer vêm do norte. Porém, apesar de todos serem matswas, cada grupo tem a sua origem. Por exemplo, sabe-se que os "VaMhandla" são indivíduos provenientes de Vilanculos e os "VaHlengwe", todos aqueles que se encontram na região nordeste da Província de Inhambane. No noroeste, encontram-se os "VaDzivi" que são os Massingue ou Massinga, Zunguze e Yingwani ou Inguana do Distrito de Massinga. De acordo com a fonte, todos estes obedeciam ao Yingwani que era considerado o mais velho de todos a quem lhe pagavam o tributo. Com a chegada dos portugueses, temendo que se os "VaDzivi" continuassem unidos, poderiam rebelarem-se. Daí a sua separação e criação de regedorias que deveriam obedecer aos portugueses. Depois de desmebrados, apareceram quatro regedorias, incluindo a dos Hlavangwani ou Savanguana. A designação Hlavangwani que significa -*furax Ngwane*- , surgiu na sequência de uma briga entre os "VaDzivi" e os "Ngwane" onde os primeiros abandonaram a região de Cingwe no Ngwane (hoje identificado com Swazilândia).

21 RITA-FERREIRA 1958:38. De acordo com C. CARVALHO MONTÊS.

Savanguana, dirigiu-se e fixou-se em terras vizinhas de Homoíne.

O grupo invasor, comandado pelo régulo Vilankulu, dispersou-se por toda a área de Morrumbene e por parte de Massinga fixando na planície de Hanyuweni ou Ainhue²².

Num conflito entre os Hlavangwani e Vilankulu no século XVIII, devido a não cedência da filha e ainda o gado entregue a este último, no acto de lobolo por um homem pertencente aos primeiros, enfureceu aos VaDzivi isto é os Hlavangwani.

A guerra durou anos. Os Vilankulu foram dezimados tendo sido forçados a abandonar com parte da população e fugir para o norte do actual distrito de Vilanculos onde se fixou.

Nas terras desocupadas pelo régulo Vilankulu, foram colocados os chefes Massingue, irmão de Yingwane e o Zunguze, irmão de Hlavangwane que foram régulos na circunscrição de Massinga.

As terras de Hlavangwane, abrangiam no século XIX, até a circunscrição de Mocodoene e iam até aos limites de Panda, mais tarde tendo mudado a sua residência para Pembe na circunscrição de Homoíne.

O outro que era considerado maior, estabeleceu-se na região de Jogó com o respectivo chefe.

Porém, o grupo foi dividido entre filhos e sobrinhos onde cada um, estabeleceu-se no seu local dando lugar a outras tantas regedorias como Jogó, Furvela e ainda Tinga-Tinga, Bembe pertencentes à circunscrição da Maxixe²³.

Ainda alguns menos numerosos, regressaram do Save, dispersando por resto de Morrumbene, formando primeiramente povoações independentes e depois regulados como Matapissa e Machacua em Panga, Mata na regedoria de Pateguana e regedorias de Guifutela, Condula e Linga-Linga.

Vindo da região dos Urrongas, de Massinga veio se instalar nos arredores da ponte cais de Morrumbene o chefe **Chuvane Rombe** que foi recebido pelo chefe **Nhamúa** que já se encontrava lá.

O Nhamúa depois de ter recebido o seu homólogo, pediu para que lhe auxiliasse num litígio com o chefe **Madovela**.

Não hesitando, Massingue cedeu o pedido, regressou à Massinga a fim de reforçar

22 ROSA 1952 :3-7

23 ROSA 1952:3-7

os seus homens para fazer face a contenda que ficou resolvida em prejuízo do Madovela.

Como o Nhamúa tinha um número reduzido de pessoas, o Chuvane foi adquirindo supermacia das terras relegando o primeiro para o segundo plano.

Posteriormente, um grupo dirigido por um filho do Chuvane de nome **Cocane**, a quem lhe foi atribuído terras do régulo Condula pelo **capitão-mor Loforte**, nomeou-o e investiu-o como régulo.

Este mesmo capitão-mor foi quem nomeou e investiu os régulos de Guifutela, Jogó, Furvela, Condula, Mata, Guilongue e Pelugue. E por ter trazido para esta região as primeiras sementes de cajú, mexoeira, amendoim e abóbora, o referido capitão foi designado por "Nhafoco" nome atribuído a castanha de cajú em língua local²⁴.

Os chefes dos bitongas que ficaram a pertencer a Morrumbene, foram considerados independentes até 1938, ano em que, por sugestão do Inspector administrativo António Furtado Montanha, procedeu-se a eleição de um regedor-Faiela Maiacha, entre os referidos chefes independentes.

Parte dos bitongas que haviam fugido para o Save, logo que se deu a primeira invasão, voltaram mais tarde para Morrumbene.

O primeiro grupo comandado por **Nhaligune**, fixou-se nas terras da regedoria Panga e Guifutela, formando várias povoações independentes²⁵. Não se sabe ao certo o que se terá passado com o Nhaligune.

Generalizando, a população do Distrito de Morrumbene, distribui-se de grosso modo por duas etnias que as podemos localizar a partir de duas regiões bem distintas- Zona do litoral e a zona do interior ou seja a parte norte e oeste do distrito

A primeira com aproximadamente 40Km de profundidade a partir do litoral, com água abundante coberta de palmares, cajuais e fruteiras variadas sulcada de cursos de água e densamente povoada estão os bitongas.

A outra, à norte e oeste da que me referi acima para o interior, seca, sem cursos de água, pouco habitada encontramos os matswa e uma pequena região em Maimela estão os chopi que dificilmente se podem distinguir dos vatswas já que o limite entre eles é difícil de encontrar porque não se sabe quem fala tswa ou cicopi.

24 ROSA 1952: 3-7.

25 ROSA 1952:3-7

Estas duas regiões que eram abarcadas anteriormente por doze regedorias e cento e trinta e três chefes de grupo, podemos localizar os bitongas em Pateguana, Jogó, Cocane, Guifutela, Condula, Magumbo, Furvela e Linga-Linga.²⁶

Enquanto que os restantes situam-se em Panga, Pagula, Savanguana, Inguana, Quissico Grande, Pequeno e Mata.

Actualmente devido a guerra dificilmente se consegue delinear onde começa uma etnia e acaba a outra pois, existe uma miscelânea de vários grupos e parece registar-se um fenómeno de domínio linguístico entre estes, ou seja os falantes de uma língua passaram a comunicar-se por uma única dependendo de opção de cada indivíduo.

Assim, ou fala-se Gitonga ou então tswa, mas com maior probabilidade para esta última.

4.3 ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Abordamos no sub-capítulo anterior, a origem das gentes desta circunscrição.

Deste modo, não se pode falar da circunscrição, depois de 1975 distrito, sem mencionar as suas actividades económicas desenvolvidas por estas gentes e que constituem o pilar do desenvolvimento deste mesmo distrito.

Neste âmbito, iremos nos debruçar sobre as várias actividades desenvolvidas por estas populações na região.

A actividade principal do distrito, é a agricultura embora muito dependente do regime de chuvas que de certo modo beneficia a costa litorânea.

Para além da agricultura, encontramos à pecuária, a pesca e o comércio de que a população faz troca dos seus produtos.

Deste modo, começaremos então por analisar a agricultura neste distrito.

4.3.1. AGRICULTURA E PRODUÇÃO DE MERCADO

O distrito, possui condições excelentes para a prática de agricultura principalmente no litoral o que contrasta com a parte interior deste.

26

CABRAL 1910:15

No interior, com uma densidade demográfica menor, a população não se fixa porque as condições são desfavoráveis. Esta região tem uma falta acentuada de água e em certos casos, as mulheres percorrem distâncias longas para encontrar um poço, uma lagoa ou um rio onde possam abastecer-se.

A situação piora no período de secas, pois as pessoas emigram para o litoral e muitos não voltam mais às suas antigas terras. Os que regressam, fazem-no demasiadamente tarde, depois do início da época das chuvas, o que lhes não permite fazer machambas de culturas alimentares ou de rendimento.

Apesar das diferenças entre o litoral e o interior, lutou-se por criar condições para um ordenamento agrícola que teve apoio técnico do fomento pecuário e da ocupação de terrenos para exploração²⁷. Este empreendimento, atraíu alguns capitais que fizeram com que Morrumbene ocupasse lugar de destaque na economia, do antigo distrito de Inhambane.

A agricultura teve um rápido desenvolvimento pois dela se dedicavam as populações nativas como também os colonos e assimilados locais que recebiam títulos de exploração e ocupação de terrenos no meio rural.

Muitos agricultores afluíam nos machongos porque não havia problemas de água para a irrigação de suas culturas e as suas actividades estavam facilitadas e eram muito lucrativas.

Na década 30, a circunscrição possuía cerca 35 agricultores que passaram para 48 nos finais dos anos 40.

Os quarenta e oito agricultores, na maioria proprietários de palmares localizaram-se ao longo do litoral e ocupavam uma área de 12.432,8 hectares²⁸.

No âmbito do cumprimento da legislação de Dezembro de 1892, de combate à exploração do alcoolismo nas colónias, o Governo Distrital de Inhambane proibiu o fabrico de bebidas alcoólicas e fermentadas e a destilação do aguardente.

Alguns agricultores (europeus e asiáticos), abandonaram esta actividade e tentaram adaptar-se a dedicação de novas culturas embora clandestinamente continuassem no fabrico de bebidas.

As medidas pretenciosas contra bebidas "cafrealis", como se dizia na época, abriam assim a promoção e expansão do consumo de vinho e de outros produtos víquicos, que

²⁷ SANTOS 1937: 26. Portarias n.ºs 1801, 1884 dos anos 1932/33 que foram de concessão de Terrenos.

²⁸ Relatório de Actividades 92/93 do distrito de Morrumbene. Janeiro/1994. p.16

constituiriam forte fonte de receitas para a Metrópole.

Tal como José Capela indicou, a produção de álcool local " *É de vantagem para a bolsa do indígena, é péssima para os interesses dos produtores da Metrópole, para os dos exportadores e importadores e até para os da fazenda nacional*"²⁹.

Pela venda dos seus produtos, os produtores locais de álcool, agora eram obrigados a ter uma licença prévia para não prejudicar os interesses múltiplos da Metrópole.

Aqueles que se adaptaram às novas culturas que, de certo modo, era a minoria, (europeus asiáticos e poucos assimilados), recorreram ao Crédito Agrícola, para darem início à exploração de palmares, citrinos, café, arroz, algodão e ainda à pecuária que também era uma das actividades remuneradoras.

Sabe-se, por exemplo, que em 1938, para a exploração de palmares e café, alguns agricultores receberam empréstimos da Delegação da Caixa Económica em Inhambane no montante de 2.014.752\$32³⁰.

Alguns agricultores que se dedicavam a cultura de cana sacarina aquando da proibição de fabrico e destilação de bebidas alcoólicas e fermentadas, simplesmente abandonaram as suas propriedades e deixaram os encargos à Caixa de Crédito Agrícola numa quantia de cerca de 1.765.489\$82³¹.

Também introduziram o cultivo de cajueiros, citrinos, algodão e outras com rendimentos lucrativos enquanto que população autóctone produzia as culturas do milho, amendoim, algodão, cajú, feijão nhemba, feijão jugo, mapira, mexoeira, mandioca e hortícolas diversas. Estas, não só serviam para a reprodução da vida sócio-económico do campesinato, como também eram comercializados.

A maioria das propriedades dos latifúndios, não eram inferiores a 500 hectares onde não só tinham a mão de obra assalariada como também os camponeses que viviam ao redor dessa terra.

Os camponeses eram obrigados a prestar certos serviços. Cultivavam com as suas charruas como forma de pagar a utilização de terras que apascentavam o gado.

A intensificação deste tipo de serviços, teve o seu auge com a chegada do novo

29 **CAPELA:** [1971] : 22

30 **MONTANHA.** 1939

31 **Idem**

Governador Geral em Moçambique José Tristão de Bettencourt.

Com o seu papel dinamizador, o novo governante vai traçar nova política para o aparelho do Estado no sentido de coordenar de um modo rigoroso a produção nas zonas rurais.

Para o efeito, vão ser nomeados administradores apoiantes da política económica do Estado, para promoverem a intensificação do uso da força no desenvolvimento da produção algodoeira.

Embora sem dados quantitativos anteriores aos anos 40, no que concerne a produção agrícola da circunscrição, tudo leva a crer que após a introdução das culturas forçadas (1938), houve incremento produtivo do algodão e do arroz, de acordo com os dados que se seguem (Vide a tabela 4 que se segue) no período 1944 a 1947.

Ao analisarmos os dados da tabela, verificamos que a produção quantitativa das referidas culturas, no período em referência, cresceu consideravelmente.

TABELA 4

Mapa de produção de arroz e algodão em kgs

ANOS/PRODUTOS	1944	1945	1946	1947
ARROZ C/CASCA	13.015	-	21.890	-
ARROZ LIMPO	-	535	-	-
ALGODÃO	88.340	393.053	492.314	417.806a)

a) Dados da 1ª volta da campanha do ano

FONTE: MONTANHA, AHM. cx.30, 1947, p.184

Morrumbene, até ao período pós independência, possuía cerca de 44 explorações agrícolas de tipo empresarial. Estas, ocupavam uma área de 20.923,5 hectares, e cada uma, tinha uma área de 455 hectares³².

Estas explorações agrícolas, pertenciam a alguns agricultores colonos bem como a certos africanos que se dedicavam ao cultivo de cana sacarina que era para o fornecimento à fábrica de açúcar de Mutamba e ainda para o fabrico de bebidas fermentadas e do aguardente, palmares, cajueiros e citrinos.

Era nestas explorações que os camponeses eram também obrigados a trabalhar para o plantio do algodão, arroz e outras culturas rentaváveis.

Depois de 1975, a maioria destas terras férteis pertencentes a latifundiários, foram redistribuídas aos camponeses locais pelos chefes de grupos dinamizadores no período pós-independência.

Esta concessão não seguia regras rígidas, cabendo a cada grupo dinamizador fazer a redistribuição arbitrária aos camponeses, onde uns recebiam lotes maiores e férteis, outros mais pequenos e pobres.

Contudo, nem todas as terras tiveram o mesmo fim. Existem actualmente algumas, particularmente aquelas que não possuem proprietários (possíveis herdeiros) para reivindicar, a ser exploradas em regime de aluguer por indivíduos singulares.

Nestas terras, são muito notórios culturas perenes como coqueiros, cajueiros, mafureiras e citrinos que são associadas ao milho, mandioca, feijões entre outras.

É difícil fazer-se uma estimativa do número de pés de coqueiros, árvores de citrinos e mafurreiras. Porém sabe-se que existem cerca de oito milhões³³ de pés de palmares ao nível de toda a Província e o distrito de Morrumbene é considerado o maior produtor de côco³⁴.

O côco produzido é consumido pela população local e por outras províncias, sendo também utilizado no fabrico de sabão já que existe uma fábrica instalada na Cidade de Inhambane.

A castanha e o suco de cajú têm feito parte da dieta alimentar da população, mas a castanha por sua vez, é vendida aos comerciantes locais que abastecem a fábrica de processamento de amêndoa, igualmente na capital provincial, e posteriormente exportada.

A produtividade média das principais culturas é considerada baixa mesmo em terrenos com bons solos. Apontam-se como factores desta baixa, o clima e as queimadas

33 DPA 1990:14

34 RUFINO 1989:100.

descontroladas para além de que a produção assenta quase que exclusivamente no sector familiar.

A partir de 1975, começou a verificar-se a quebra de produção devido à falta ou excesso de chuvas, particularmente nas culturas de amendoim e de milho, e falta de incentivos na comercialização.

A paralização da rede de comercialização causada pela baixa acentuada registada na concessão de créditos pelo Banco de Moçambique a comerciantes de Morrumbene, (Vide os quadros 1 e 2 que se seguem), criou um descalabro completo do circuito interno da produção e comercialização.

QUADRO 1

Créditos aos comerciantes pelo Banco Nacional Ultramarino
(em 1000\$00(1) e número (2))

Anos	Dinheiro (1)	Número (2)
1968	300	2
1970	300	2
1972	517.5	5
1974	1.905	13
1975	500	4
1976	350	3
1977	120	1

FONTE: "o mineiro moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão de obra". Maputo: UEM/CEA, 1979. p.125

QUADRO 2

Crédito para cajú por campanha

Anos	Dinheiro
1973/4	1.125000\$00
1974/5	100.000\$00
1975/6	150.000\$00

FONTE: Idem p. 124

Além da exiguidade de créditos, a fuga de pequenos comerciantes, problemas de fixação de preços de compra e venda de amendoim e cajú que não era flexível em relação aos custos de transporte em regiões com grandes distâncias dos centros comerciais, levaram à uma queda do volume do dinheiro proveniente da agricultura.

Ao olharmos para os dados, verificamos que a circunscrição teve um maior número de beneficiários em 1974 e nos anos que se seguiram a independência o número reduziu-se drasticamente.

O mesmo se deu com o crédito para as campanhas anuais de castanha de cajú.

Por outro lado, os novos modelos de gestão centralizada introduzidos pelas novas autoridades tiveram como consequência um atrofiamento do sector privado e familiar.

Este sector, importante no período colonial, foi negligenciado em relação ao sector estatal criado para controlar e gerir as áreas abandonadas aquando do êxodo massivo intempestivo de colonos.

Depois de uma breve resenha sobre a situação da agricultura no distrito, vamos ver em seguida o que se passou com a pecuária

4.3.3 PECUÁRIA

A pecuária, foi uma das actividades que alguns agricultores se dedicaram no passado. Daí que não se pode falar da agricultura dissociada da pecuária.

O distrito de Morrumbene, continua até hoje, produtora de gado bovino, assinino, caprino, ovino, suíno e aves de capoeira.

Nas décadas 30/40, a pecuária na circunscrição era desenvolvida em pequeníssima escala, pois os agricultores e/ou criadores, preferiam produzir culturas rentáveis como a cana sacarina, citrinos etc..

Mas também, sabe-se que o então Distrito de Inhambane, por volta de 1916³⁵, uma epizootia, teria dezimado a maior parte do gado, tendo apenas sobrado cerca de 4.000 cabeças em todo o Distrito.

Talvez seja uma das razões que as populações nativas, pouco se interessaram na criação do gado.

Nessa altura, o Governo havia feito uma promessa no sentido de se conceder facilidades para o repovoamento, logo após a extinção da doença.

Apesar de existência de um Posto Zootécnico- Inhamússua, situado na circunscrição de Honoíne e a 10Km da sede, com meios técnicos e humanos necessários que contribuiria para o fomento de gado, as populações não se dedicaram muito à esta actividade.

Porém, com o decorrer do tempo, a pecuária se desenvolveu com algumas espécies de gado, onde a circunscrição registou um número de efectivos digno de realce.

É assim que nos finais dos anos 40, particularmente em 1948, a circunscrição tinha uma cifra de 10.212 animais de todas as espécies segundo as (tabelas 5 e 6) que se seguem.

TABELA 5

Gado bovino, indicação do número e das espécies

Espécies	Touros	Bois	Vacas	Novilhos	Novilhas	Vitelos	Vitelas	Total
Europ.	70	154	266	109	76	35	64	774
African.	712	425	1162	564	438	257	305	3863
Indian.	32	18	81	37	28	21	30	247
Total	814	597	1509	710	542	313	399	4884

FONTE: Relatório da Administração da Circunscrição de Morrumbene, 1948.

TABELA 6

Outro tipo de gado, seu número e suas espécies

Espécies produzidas	Ovino	Caprino	Suíno	Asinino	total
Europeus	160	144	256	30	590
Africanos	844	2282	1023	443	4592
Indianos	17	102	-	27	146
Total	1021	2528	1279	500	5328

FONTE: Relatório da Administração da Circunscrição de Morrumbene, 1948.

Total	1021	2528	1279	500	5328
-------	------	------	------	-----	------

FONTE: Relatório da Administração da Circunscrição de Morrumbene, 1948.

De 1949-74, a pecuária teve uma certa dinâmica de maneira que nos dois anos anteriores à independência nacional, a população animal tinha atingido 20.197³⁶ cabeças de acordo com a (tabela 4), o que significa que teve um aumento de cerca de 100%.

Este aumento é em termos globais pois, se olharmos para os dados de arrolamento para cada espécie de gado, algumas tiveram um crescimento galopante e outras diminuíram.

Para elucidar, basta olhar para o número total do gado bovino em 1948 que era de 9768 cabeças para o ano de 1971 ter aproximadamente 5927 animais que significa uma redução de cerca de 3837 animais³⁷.

Contrariamente ao gado caprino, suíno e asinino onde a subida das espécies foi elevada pois, de um total de 5328 animais em 1948, passaram para 13626 cabeças em 1971. (Vide a tabela 7).

TABELA 7

Arrolamento da pecuária por tipo de gado 1971

Bovino	Ovino	Caprino	Suíno	Asinino	Total
5927	644	8216	3917	1493	20197

FONTE: Anuário do Estado de Moçambique 1972/1973, p.957

A partir destes dados, pode se dizer que os efectivos de todas as espécies de gado, tiveram uma oscilação até aos anos pré-independência.

É assim que na década 70, os efectivos atingiam cerca de 20.197 animais.

Depois de vermos a situação da pecuária na circunscrição, passemos então para a área da pesca.

36 **APM** 1972/73:957

37 Estes dados, foram calculados a partir dos arrolamentos efectuados nos anos de 1948 e 1971.

4.3.4 PESCA

No respeitante à actividade piscatória, o distrito possui uma costa riquíssima em diversos tipos marinhos desde o peixe, camarão, santolas, caranguejo, lagostas, holotúrias e outros.

Já no passado, para além da pesca artesanal para alimentação das famílias detetoras de redes de pesca e abastecimento do mercado local, praticava-se a pesca desportiva na ponta de Linga-Linga.

Quando há muita fartura, as famílias parte do pescado (peixe, camarão, carangueijo, amêijoas etc.) punham a secar e posteriormente era comercializado fora da zona com o acesso ao mar.

Grupos de mulheres (negociantes/comerciantes) levavam grandes quantidades destas espécies marinhas secas, para certas regiões sertanejas ou então outros para distritos, donde traziam potes de barro que eram utilizados para conservar a água e outras para a cosedura de alimentos, panelas para torrar a farinha de mandioca, esteiras de diversos tamanhos e finalmente sementes de várias culturas quando na região se notasse carência.

Não foi possível encontrar dados estatísticos sobre o número de barcos que operaram nesta área.

Todavia, sabe-se que durante a década de 50, a pesca em pequenas embarcações de diversos proprietários e de associações inscritos na administração local, estava em pleno desenvolvimento.

Ela era o sustento das famílias detentoras de barcos onde ao regresso do alto mar, deviam numa casa própria junto à ponte cais, registar todo o produto pescado.

Posteriormente, abastecia-se o mercado local, a pequena indústria hoteleira pertencente ao António de Faria e finalmente para as suas casas.

4.3.5 COMÉRCIO

No comércio, os camponeses, pescadores, artesãos vendem e trocam os seus produtos, procurando obter com o excedente da sua produção os bens que necessitam.

A actividade comercial, evoluiu ao longo dos anos. A medida que o distrito se desenvolvia, a rede também crescia.

É assim que a circunscrição, nos anos 60, passa a dispôr de onze povoações comerciais estando inclusas as da vila sede, Domo-Domo, Furvela, Matalane, Mocodoene, Cambine, Tambajane, Panga, Tegue, Bairrada e Sitila.

Comparativamente ao período 1934, o número de estabelecimentos teve um crescimento de mais de 100%. O distrito passou de 38 para 78 lojas.

Nestes estabelecimentos, estão inclusos dois armazenistas um dos quais retalhista.

Esta rede, funcionou assim até aos primeiros anos de independência embora alguns comerciantes tenham abandonado a zona.

Dos estabelecimentos abandonados, a maioria foram tomados por aqueles que se acharam capazes, ou então os trabalhadores mais antigos, ficaram a gerir as lojas até à data da independência em 1975.

Sumarizando, a rede comercial era constituída pelos aproximadamente 78 estabelecimentos comerciais acima mencionados espalhados por todo o distrito, 4 cooperativas agrícolas, 3 postos de armazenagem 2 dos quais privados e 1 pertecente à AGRICOM.

4.4. IMPACTO SOCIAL DO REGIME COLONIAL

Ao longo do desenvolvimento do sub-capítulo 4.3.2, referente a agricultura, teria mencionado a situação dos grandes latifúndios em relação à força de trabalho.

Por outro lado, foquei a nova política do Estado, com a chegada do novo governador Geral Bettencourt em 1942, no que concerne a produção no campo, isto é, a intensificação do trabalho forçado.

A ligação estreita entre os os elementos repressivos do sistema colonial(régulos) e a administração local, vai fazer com que a partir desta situação, se desenhe um novo quadro sócio-económico.

É assim que factores como expropriação de terras, trabalho forçado, vão obrigar as populações a abandonar o seu *habitat*, à procura de condições de vida melhores para o bem estar de suas famílias.

As mulheres sem o apoio do homem na sua economia doméstica, viram-se obrigadas a desenvolver estratégias para fazer face a esta ausência nos trabalhos quotidianos para garantir a reprodução da vida sócio-económica de suas famílias.

É assim que no passado, (século XIX), muitas mulheres se empregavam em largos esquemas de plantações de terras expropriadas de seus donos quer em Inhambane e ainda na ex-Lourenço Marques, onde ganhavam cerca de 6-8 céntimos de libras esterlinas³⁸ por dia.

São estas mulheres polivalentes, que acumularam novas tarefas sem prescindirem do seu papel naquelas que lhes são tradicionais isto é, todas as obrigações que dizem respeito a gerência da família.

Muitas vezes, estas mulheres sem que o tempo lhes chegue, vão apaziguando conflitos, conciliando etc..

Para além destas acções, elas deviam garantir o abastecimento em comida sem contar com a assistência do homem que se encontra a trabalhar nas minas.

Por outro lado, elas eram o garante da alimentação do próprio esposo, que às vezes nem se tinha a certeza do seu regresso após a conclusão do contrato.

A partir dos anos 30, a maior parte das actividades eram desenvolvidas pelas mulheres. Elas participavam na abertura de picadas, carregando areia ou pedras e ainda cascas de alguns mariscos para a substituição da pedra em caso de ausência desta.

Para além do acima mencionado, elas vendiam ainda a sua força de trabalho aos asiáticos como carregadoras de copra castanha de cajú e mafurra.

Com o dinheiro que elas conseguiam auferir, compravam o que necessitavam e ainda pagavam os impostos à administração.

Como notamos, o trabalho migratório é de longa data. Morrumbene, não foi excepção a esta regra.

As famílias, particularmente mulheres, ficavam muitas das vezes a ser compelidas a trabalhar nas plantações de proprietários de latifúndios, onde recebiam salário mínimo do qual tinha que pagar ainda o tributo ao chefe para além de assegurar a reprodução.

O dinheiro ganho pelos mineiros era utilizado para a compra de alimentação como também para lobolar e casar, aumentando assim a mão-de obra familiar.

Outro, servia para a compra de junta de bois ou então aluguer de charruas para abertura de novas machambas aumentando assim o número de explorações que muitas das vezes não significavam fartura porque o rendimento poderia ser menor.

No que respeita a migração, a região Sul do Save, no passado serviu como

reservatório de mão de obra barata para as minas da África de Sul, machambas coloniais nas cidades do então Distrito de Inhambane e ainda nos serviços dos Portos e Caminhos de Ferro em Lourenço Marques.

Em Morrumbene, nas regiões como Maimela, com boa terra fértil, existiu nos anos 50, um latifúndio pertencente à Manuel da Rocha (Herdeiros).

Neste latifúndio, alguns camponeses detentores de gado eram obrigados a lavrarem as terras deste proprietário, como forma de pagamento da cedência do pasto de gado e aos camponeses a cultivarem o algodão.

Esta situação, fez com que os homens da região fugissem, emigrando periodicamente para as minas da África do Sul a fim de evitar executar trabalho agrícola mal pago.

Falar de Maimela, Buvane (António Daniel), entre outras regiões onde existiram propriedades de colonos, é o mesmo que dizer que em todas elas, os homens eram forçados a trabalhar nos latifúndios, em algumas com maior pressão e noutras não, o que de facto levou a que o trabalho nas minas, fosse a actividade principal dos homens naquelas regiões.

Esta emigração dos homens em idade activa para as minas do rand, está ligada a razões económicas e também culturais e é encarada pela população como prova de maturidade.

A sua saída, permite-lhes conhecer o mundo industrializado, outras civilizações, onde mercê de um trabalho duro, esforço individual, coragem e resistência física adquirem novos conhecimentos tecnológicos e valorizam-se profissionalmente e conseguem atingir poder de compra para aquisição de novos bens materiais.

Para um jovem contrair matrimónio, muitas vezes as donzelas da zona, preferem um indivíduo que tenha ou tem frequentado as minas pois, "*quem não foi à África do Sul só serve para cobrir palhotas*"³⁹

De acordo com o movimento migratório da região, o número de saídas para as minas, foi diminuindo com o decorrer do tempo.

Ao olharmos para as décadas 30/40 e 50/60, verificamos que o fluxo de emigração quer em termos do Distrito ou então Circunscrição e tardiamente Província e Distrito, vamos notar que este era muito elevado embora se registasse redução dentro de alguns anos.

Para o caso particular da circunscrição, temos que nos recordar que ela nos anos 40,

ainda incorporava o Posto administrativo de Massinga e Funhalouro daí que o número de emigrantes é maior se quisermos comparar com as décadas de 50/60, que os recrutados eram somente de Morrumbene.

Todavia, o decréscimo, quase que gradual, começa a notar-se no período pós independência onde o número de emigrantes para as minas reduziu drasticamente com particular destaque para o ano de 1976.

Esta redução da mão de obra para a África de Sul, talvez estivesse ligada as contradições políticas intergovernamentais ou melhor das tensões entre os governos de Moçambique e a África de Sul e Zimbabwe.

Por outro lado, a modernização das minas e a liberalização dos preços internacionais do ouro fizeram com que houvesse uma redução da importação de mão de obra por este sector industrial sul-africano.

Contudo, o mesmo fenómeno (redução da mão de obra importada) havia se efectivado nas décadas anteriores (ver os quadros sobre a saída de trabalhadores para África do Sul particularmente os recrutados pela WENELA, anexos B e C).

Tal como se pode deprender, (Quadro 3- em anexo B) o fluxo migratório da mão de obra a nível da colónia começa a declinar a partir dos anos 60 o que também vai se reflectir no movimento migratório do distrito.

Em seguida, (Quadro 4- em anexo C), examinaremos a tabela referente só ao Distrito que o período já não coincide com o anterior pois tem a menos cerca de 20 anos- (1940-1960).

A medida que a população activa aumenta, o fluxo do movimento migratório, também teve a mesma dinâmica mas com algumas variações.

Ao verificarmos os anos de 1964 e 1966, o número de trabalhadores cresceu mas que em termos percentuais este diminuiu em cerca de 5%.

A descida drástica do fluxo migratório registou-se em 1976 onde o distrito apenas saíram 506 trabalhadores dos 8733 de toda a Província de Inhambane.

Todavia, não foram só as migrações laborais e trabalho forçado dos homens, que mantiveram mais de metade de adultos do sexo masculino fora das suas casas.

As calamidades naturais como secas ou excesso de chuvas, e a incapacidade de absorção ou ausência de emprego, criando um índice elevado de mão de obra excedentária a nível local, também originaram a saída de muitos chefes de famílias.

As grandes catástrofes naturais como secas, (1908, 1912 e 1922⁴⁰), criaram situações de fome devido à más colheitas, deixando as famílias desprovidas de géneros de alimentação.

Em 1917, as chuvas torrenciais que ocorreram na região, destruíram todas as colheitas e o preço de produtos importados tiveram uma inflação de cerca de 150% e o gado e rebanhos morreram aos milhares.

Eram catástrofes que quase se seguiam e aliavam-se a pestes que ceifavam muitas vidas humanas.

Os emigrantes eram a salva vida das suas comunidades. Eles, enviavam "*vastas somas de dinheiro para as suas casas*"⁴¹

garantindo a sobrevivência dos seus pois, cada família ia conseguindo assim superar a fome e outras necessidades.

Na década de 80, mais uma vez a região sul do Save foi assolada pela seca. Para a população rural vivendo na base da agricultura a falta de chuvas diminuiu a capacidade de produção da maioria das famílias camponesas, que ficaram desprovidas de meios para a subsistência.

Porém, não foi somente a variação da pluviosidade que diminuiu a capacidade de produção dos camponeses, como também a política agrícola adoptada pelo III Congresso da Frelimo em 1977 em relação ao meio rural que se tornou um fracasso devido aos baixos preços de compra.

A agricultura tinha sido chamada a desempenhar o papel base para o desenvolvimento no campo.

A terra foi nacionalizada e ao adoptar-se a política de socialização do campo (machambas estatais, criação de aldeias comunais, cooperativas agrícolas, etc.) produziram para o consumo como também para a exportação.

O alvo do desenvolvimento eram as zonas rurais, nas quais o sujeito visado era a população e política do desenvolvimento rural visava não só a produtividade como também criar oportunidades de emprego.

Enquanto estavam em curso as Directrizes Económicas de 1977 saídas do III Congresso, o país estava sendo ameaçado pela seca e o plano de uma industrialização baseada

40 YOUNG 1977:76

41 YOUNG 1977:77

nos excedentes agrícolas estava posta em causa.

4.5 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Deste capítulo, podemos concluir que:

A população deste distrito, encontra-se dividida em três grupos e tradições: "*khoka*" (bitongas) que são a maioria, *vatswa* e *chopi*.

Em termos numéricos, ela cresceu com o tempo. Até 1980 e de acordo com o censo do mesmo ano, ela era constituída por 100.712 habitantes.

As suas actividades são a agricultura que constitui o pilar do desenvolvimento do distrito, à pecuária, à pesca e o comércio.

Estas actividades económicas, tiveram uma dinâmica ao longo dos anos mas que as catástrofes naturais como a seca e mais tarde a falta de incentivos na comercialização, levaram a baixa de produtividade das principais culturas.

Na pecuária, os efectivos tiveram uma oscilação pois, enquanto o gado bovino registava um decréscimo, o gado caprino, suíno e asinino arrecadou um número elevado das espécies.

No período em estudo, verificamos que as mulheres, a partir dos anos 30, desempenharam um papel de relevo na sua economia doméstica recorrendo ao emprego nas propriedades dos colonos.

Finalizando, vimos que os antigos latifúndios, após a independência, estes foram repartidos para as massas camponesas.

CAPÍTULO 5

A RENAMO, GUERRA E O SEU IMPACTO

5.1. INTRODUÇÃO

É objectivo deste capítulo, analisar a guerra e o seu impacto no distrito em estudo.

Antes, falaremos da guerra no contexto geral para posteriormente abordarmos a situação deste fenómeno na província de Inhambane e depois em Morrumbene.

Tratando-se de um conflito, abordaremos também neste capítulo, a organização militar

das duas forças intervenientes bem como as fases da guerra a partir da província para se chegar ao alvo do estudo.

Face a situação de guerra, iremos a partir da realidade vivida, analisarmos as opções da população civil.

Finalmente iremos ver o impacto desta guerra em relação à população, a economia e nos serviços estatais.

5.2 GUERRA, CONTEXTO GERAL

Para tratarmos esta temática, é necessário recuarmos no tempo isto é, desde a altura em que a Frelimo tomou o poder em 1975, instituindo um regime que na época, a conjuntura política internacional permitia que os " estados recém- independentes optassem pela escolha de estratégias socialistas na sua política de desenvolvimento"⁴².

É assim que a presença do leste em Moçambique, vanguarda na luta anti-Apartheid e consequentemente retaguarda para o ANC e outros movimentos de libertação na região Austral de África, perturbava os EUA e o Ocidente.

O relacionamento EUA-Moçambique e ainda com os doadores ocidentais, devido as estratégias de desenvolvimento que Moçambique havia escolhido- Socialista tornou-se turbulento.

O desenvolvimento Socialista, minava-o relacionamento dos poderes políticos entre o governo do Apartheid e os ocidentais, ficando Moçambique isolado a nível político e diplomático.

Os interesses dos EUA, eram de travar a expansão soviética na África Austral.

Por outro lado, pretendia-se defender os investimentos ocidentais e tirar vantagens económicas e estratégicas na região em detrimento do bloco soviético e mesmo dos países da África Austral.

A nível da região, os regimes rodesiano e sul-africano mais tarde, vão coordenar esforços na criação de um instrumento

"que foi o principal agente de guerra de destruição contra Moçambique independente, cuja criação pelo governo rodesiano nos meados dos anos 70 e sua transferência e apoio pelo governo sul africano após a independência

42

ABRAHAMSSON, e NILSON 1994:31

*do Zimbabwe em 1980 está bem documentado*⁴³.

Este instrumento de desestabilização de Moçambique e consequentemente outros países da região como Angola, teve também apoio de algumas forças políticas de Portugal, dos EUA e outros países ocidentais e encontrou seus patrões entre grupos comandos em Moçambique que se sentiram excluídos dos benefícios da independência.

A "operação de Gorongosa" desencadeada pelas Forças populares de libertação de Moçambique (FAM), no último trimestre de 1979, fez com que os grupos de rebeldes sobreviventes se refugassem em Sitatonga-Mossurize.

As bases multiplicavam-se profundamente no interior das zonas ou regiões de difícil acesso às forças de defesa, as acções dos rebeldes sem cessar tornavam-se cada vez mais arrojados não só contra projectos económicos estratégicos, como também contra unidades militares.

As bases, eram estabelecidas próximo de locais onde houvesse água para além de nas imediações, existirem pequenas machambas para de uma maneira ou de outra camuflar a sua existência.

Ainda, ao redor, eram instaladas sub-bases, postos móveis e estabelecidas outras medidas de segurança por entre as dificuldades naturais ou linhas de aproximação.

Através de obstrução de vias, minagens, armadilhagem, dissimulação de verdadeiros acessos por falsos, facilitava-se a recepção de material proveniente do exterior.

Todavia, as ofensivas às bases centrais (Sitatonga I e II) não pararam tendo em finais de 1980 e 1981 sido destruídas.

As transformações que se operaram na África Austral durante o ano de 1980, desde a independência do Zimbabwe, troca de moeda, "operação Leopardo", recenseamento geral da população, acordos de cooperação entre os nove países da região Austral independentes, aumento de cooperação com o Zimbabwe que se estendia já a vários domínios (económico, político e diplomático), não convinha aos "interesses regionais" de Pretória e dos estrategas ocidentais versados em operações regionais anti-comunistas.

Esta cooperação, constituía um perigo para a manutenção do "status quo" económico regional e como um mau exemplo no plano político para os Movimentos de Libertação (ANC

43

MINTER 1989:90 Mozambican National Resistance (RENAMO ou MNR, adoptado pelo movimento em 1983), foi criado nos meados dos anos 70 pela Rodésia do Sul. Pelos acontecimentos de 1980 (Independência desta colónia britânica), o movimento viu-se obrigado a se transferir para a África do Sul, onde teve apoio técnico-militar. p.90.

e SWAPO).

É assim que surgiu a estratégia americana chamada "Engajamento Construtivo" em 1980, utilizado pelo então presidente Ronald Reagan, como pedra de toque na África Austral, consistindo em servir de pseudo mediador para a pacificação da África do Sul e outros países da região.

Esta política, viria a fracassar devido a não aplicação de sanções decretadas pelas Nações Unidas contra RAS, facto que tirou credibilidade à Administração Reagan na região e no mundo em 1983.

O Acordo de Não Agressão (Nkomati) com a África do Sul, em Março de 1984, poderá ser visto como estando inserido na política americana de "Engajamento Construtivo" na África Austral⁴⁴.

O Movimento Nacional de Resistência(MNR), começa a tentar a infiltração dos rebeldes para o interior de Moçambique, efectuando uma movimentação para o sul a fim de se aproximarem da fronteira sul-africana.

A transferência dos rebeldes da RENAMO apoiados pela África de Sul, para a zona sul, atravessando o rio Save, através dos distritos vizinhos, verifica-se com muita intensidade após a independência do Zimbabwe. O movimento na sua fuga, concentra as suas forças em Machaze, onde existia um posto avançado forte que veio a ser destruído em 1981.

Os rebeldes do MNR introduziram por todas as formas, meios e métodos, consideráveis quantidades de armamentos, para reforçar as bases internas na Província de Manica dado as vias de comunicação e sua localização relativamente à fronteira com o Zimbabwe e junto ao rio Save.

Eles, começaram a fazer distinguir as suas zonas de actuação entre as de grande agressividade, pequena agressividade, canais de infiltração, locais de treino e ligação aparecendo assim bases, numérica e estrategicamente bem situadas.

Começam acções de desestabilização simultânea de Moçambique e Zimbabwe em relação ao escoamento de produtos e de realização de projectos de desenvolvimento tão importantes como o do complexo agro-industrial do Limpopo ou de hidrocarbonetos em Inhambane.

Enquanto no exterior, a actividade organizativa dos rebeldes estava enraizada na

⁴⁴

O objectivo do "Engajamento Construtivo" era apadrinhamento dos EUA à RAS, comovidos pelo anti-comunismo na região

África do Sul (d direcção, ligação, etc.) no interior, esta era essencialmente nas províncias centrais do país.

A África do Sul directa e ou indirectamente, teve uma participação activa. Aumentou o seu apoio em armamento e equipamento e albergou um número de insurrectos cada vez mais crescente no seu território.

A intervenção sul-africana visava frustrar os acordos de cooperação, firmados entre os países da África Austral, impedir o transporte de mercadorias de Moçambique para o Zimbabwe e vice-versa, retardar o desenvolvimento económico de Moçambique, consequentemente a independência económica onde os rebeldes armados constituíam o instrumento para o cumprimento destes planos por parte dos sul-africanos.

É na evolução destas acções que a Província de Inhambane, fica afectada pelas operações armadas dos rebeldes a partir de 1981, altura em que se registou uma vaga de fuga dos insurrectos após as operações efectuadas de perseguição destes, na região centro do país nos dois anos anteriores.

Após a destruição da base de Machaze, os rebeldes armados espalharam-se para o norte das Províncias centrais, sul de Tete particularmente em Guro e Tambara e em Inhambane e Gaza uma vez que os grupos de perseguição, dois dos quais utilizaram a via do Zimbabwe e outro que devia cercar a faixa da zona sul fê-lo com ligeiro atraso, abrindo uma brecha que foi aproveitada e permitiu a infiltração.

Os primeiros distritos de Inhambane a conhecerem acções dos rebeldes foram os situados à norte como é o caso de Govuro, Mabote, Inhassoro, Vilanculos, Massinga e Funhalouro. Enquadra-se ainda o Cabo São Sebastião, Muabsa (Centro de Combate a Tripanossomiase) que dista 26Km da estrada Mapinhane/Mabote, onde sobrevoos de aviões eram notórios algumas vezes chegando a aterrar em pistas improvisadas para o desembarque de material de guerra.

Até então, não existiam zonas de actuação específicas mas agiam com grande agressividade, violência, terror e em desespero.

É assim que optam pelos grupos móveis, estabelecendo medidas de segurança permanentes utilizando as dificuldades apresentadas pelo terreno, procurando controlar as linhas de aproximação na tentativa de sobrevivência e ganhar tempo para receberem instruções e apoio para a sua reorganização.

A partir de então, e de acordo com a situação vivida no terreno (seca e fome) em

algumas regiões de Inhambane, os rebeldes da RENAMO, vão aproveitar estes factores para se estabelecerem.

É assim que na zona norte da província veio a nascer o Estado Maior Regional Norte (EMRN), que era coordenador de todas as acções e localizado no distrito de Funhalouro na região de Tome.

Vamos agora em seguida ver o desenrolar da situação em Inhambane e no distrito de Morrumbene.

5.3 SITUAÇÃO EM INHAMBANE E MORRUMBENE 1981-1992

É por nós conhecido que a região Sul do Save na década de 80, foi assolada pela seca.

Devido a este facto, a província de Inhambane particularmente nos entre 1982 e 1984 atravessou momentos difíceis de fome que se alastrou por todos os distritos sediados ao norte desprovidos de recursos alimentares.

Aquando do movimento de criação de aldeias comunais, a princípio não cativou às populações, primeiro pelo abandono de propriedades pessoais (palmares, cajuais, pomares de citrinos) considerados bens de prestígio familiar e o facto de o local escolhido ser distante das machambas, muitos não aceitaram se estabelecer nelas.

Esta oposição à aderência às aldeias comunais que se verificou em muitas famílias, também criou situações desastrosas no seio das populações.

A dissidência massiva de pessoas contra estas políticas e ainda o crescimento populacional, originou carências alimentares, vestuário, medicamentos entre outros, piorando cada vez mais a situação da populações.

Até 1980, Morrumbene apenas possuía uma aldeia comunal- Paulo Samuel Nkhankomba- com 68 famílias e aproximadamente 226 habitantes.

Com a guerra, muitos foram os que aderiram e aceitaram se acomodar nas aldeias comunais. Assim, cresceram as aldeias Paulo Samuel Nkhankomba, 3 de Fevereiro, entre outras.

Em 1981, cerca de 220 membros, antigos combatentes, saíram desta aldeia e foram

criar a de Chindjinguire em Homóine⁴⁵.

Por outro lado, nos distritos à norte de Inhambane, registava-se mortes massivas devido a fome e a ajuda de emergência neste período tinha sido cortado no âmbito do relacionamento EUA-Moçambique.

Os desenvolvimentos políticos de 1984, acabariam por tornar a já difícil situação das populações da Província de Inhambane em catástrofe.

Esta situação desastrosa, forçou ao governo a procurar entendimento com os EUA.

É assim que após o reatamento das relações Moçambique-EUA, o governo Moçambicano foi capaz através, do Departamento do Combate as Calamidades Naturais (DPCCN) e da Concerned Americans for the Reconstruction of Europe (CARE), relançar o programa de emergência.

Para além da ajuda alimentar, a DPCCN comprometeu-se também a melhorar as condições de transporte a fim de se manter a rede comercial nas zonas rurais.

Sabe-se que para esta área, (província de Inhambane), a Suécia teria fornecido uma frota de cerca de trinta (30) camiões os quais foram entregues a Empresa Moçambicana de Comercialização de Produtos Agrícolas- (AGRICOM)⁴⁶.

Nesse período de fome, como as populações estavam à procura de qualquer coisa que servisse de alimentação, movimentaram-se para a zona do litoral onde pensavam que poderiam encontrar algo, já que oferece melhores condições naturais.

Será a partir desta altura que a vila de Morrumbene, vai começar a ter afluência das populações dos distritos vizinhos (Vilanculos, Funhalouro, Massinga) para além da oriunda do interior do próprio distrito especialmente das localidades da zona norte.

O norte do distrito de Morrumbene, é a que sempre tem sofrido devido à falta de água que tem sido muito acentuada, impedindo não só a produção agrícola como também criação de gado.

Todavia, apesar de o litoral reunir melhores condições que o interior do distrito, a situação deteriorou-se pois os recursos que se achavam suficientes tornaram-se escassos.

Porém, a fome e em paralelo o início das acções dos rebeldes da RENAMO na Província, em 1981, vieram mudar o cenário.

45 **ARAÚJO 1987:6**

46 **ABRAHAMSSON e NILSSON 1994:114**

A situação foi evoluindo até que as populações, intensificaram as suas movimentações.

As deslocações já não eram inter-districtais, mas sim para as cidades de Sofala, Inhambane, Xai-Xai ou Maputo junto de familiares, à procura de sossego e tranquilidade.

Os rebeldes da RENAMO por sua vez iam se organizando dentro da Província e no distrito, de modo a se instalarem para melhor traçarem os seus planos.

5.3.1 ORGANIZAÇÃO DA RENAMO NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE 1981-1992

A entrada dos rebeldes da RENAMO, na zona sul, teve início em 1981. Neste período, cerca de 28 membros dos serviços secretos sul africanos⁴⁷ foram desembarcados por um helicóptero nas matas de Funhalouro-Tomé (nos limitrofes entre Massinga/Funhalouro), onde foi instalada a primeira base provincial.

Estes, tinham a missão de efectuarem reconhecimento nos distritos de Massinga, Morrumbene, Homoíne e cidade de Inhambane.

O objectivo essencial do reconhecimento era de objectos económicos e militares para futuras acções com vista ao abastecimento em logística e material de guerra.

É nesta sequência que os rebeldes se movimentaram na Província, criando bases desde Provincial, regional, sectorial e ainda acampamentos de onde partiam vários grupos para assalto, roubo de bens especialmente nas machambas, aldeias comunais e estabelecimentos comerciais e rapto de pessoas indefesas.

Também, lançavam panfletos para a mobilização e desmobilização das FAM para além da própria população das zonas afectadas.

Estas bases criadas, algumas não eram fixas, pois, dependiam da situação militar de cada região que poderia ser favorável ou não a sua permanência na zona.

Após a infiltração dos rebeldes, a Província foi dividida por estes, em duas regiões militares: Estado-Maior Regional Norte- (EMRN) e o Estado-Maior Regional Sul-(EMRS).

O primeiro era considerado o Estado Maior Provincial.

Estas zonas, por sua vez foram subdivididas em bases sectoriais ou acampamentos

⁴⁷ Relatório anual da sala de operações do Estado Maior das FPLM/FAM. Inhambane, 1981

operacionais com as suas respectivas faixas de actuação. (Vide o mapa nº6 em anexo).

O Estado-Maior Provincial Norte, localizou-se inicialmente em Tome no distrito de Funhalouro. Este foi destruído pelas forças armadas do governo em 1983, tendo os rebeldes se transferido para a localidade de Malamba na zona de Chibajane - Santa Ana a nordeste do Distrito de Massinga.

Junto a este, encontrava-se o Estado-Maior Regional Norte para além do primeiro e segundo sectores e ainda três acampamentos operacionais.

O primeiro sector, situava-se na localidade de Guma enquanto que o segundo localizava-se em Manhicane.

Em relação aos acampamentos, diria que se fixavam em Muchacua, Nhacóvo e Murrie.

O Estado-Maior regional norte, para além do acima descrito, ainda fazia parte o acampamento operacional de Nhamanene, que se localizava ao lago do mesmo nome ao sul do Distrito de Vilanculos.

A faixa de actuação dos rebeldes da Região Norte, cujas acções afectavam o sul do Distrito de Vilankulo, Massinga, Funhalouro, troço da EN1 entre Massinga / Mapinhane/Vilankulo, na estrada que liga o Distrito de Massinga/Funhalouro e na de Massinga/Sitila no distrito de Morrumbene.

O Estado-Maior Regional Sul, localizava-se na área de Nhamungue, localidade de Pembe no distrito de Homoíne que posteriormente se transferiu para localidade de Jojo-Panda, zona de Neves, área limítrofe entre Panda e Homoíne através da planície de Hanyuwene, considerado base provincial até a assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992.

Este, era constituído por seis sectores e ainda alguns acampamentos ou zonas operacionais dos sectores. A estes, juntavam-se mais dois sectores que apesar de estarem localizados nos Distritos de Inhambane, pertenciam organicamente à Província de Gaza.

O primeiro sector que se encontrava em Nhangele e Magula, foi extinto nos finais de 1989, como consequência de um assalto das Forças Armadas e assim, os efectivos, foram reforçar o segundo e sexto sectores localizados em Nhandazane-Guambene, localidade do mesmo nome no Distrito de Inharrime e na área de Manhone-Guigufo, localidade de Ligogo no distrito de Jangamo respectivamente.

O terceiro sector encontrava-se em Zacanhe, localidade de Pembe coadjuvado pelos acampamentos operacionais de Pufo, Macauleza e Catine no Distrito de Homoíne.

Em relação ao quarto e quinto sectores, estes situavam-se em Mubula-Chitimane/Humba na localidade de Gotite, na lagoa Quilai na localidade de Mocodoene e Mucupe na região de Leonzuane no distrito de Morrumbene.

Os dois sectores pertencentes a Gaza, localizavam-se na zona de Guambene (Inharrime) e Chichococha no distrito de Zavala e localidade de Macavelane no distrito de Panda.

Os rebeldes instalados no Estado-Maior da Região Sul, tinham como faixa de actuação os Distritos de Morrumbene, Homoíne, Panda, Inharrime, Zavala, Jangamo, Cidade da Maxixe e a capital provincial de Inhambane.

Assim sendo, a estrutura orgânica e a localização destas, variava de ano ou anos de acordo com os planos traçados e os interesses a serem alcançados.

É este Estado Maior Regional Sul, que no distrito em estudo veio a construir-se a base operacional de Quilai, que seria coajuvado por alguns sectores.

Um ano depois da infiltração dos rebeldes, isto é, a 20 de Fevereiro de 1982, o distrito de Morrumbene começa a ter os primeiros indícios de acções armadas, particularmente nas zonas do interior, como Sitila, Gotite e Mocodoene no posto administrativo de Cambine (Vide o mapa nº7 em anexo)

É neste âmbito que começam a surgir zonas de acampamentos transitórios em alguns povoados como Mubula-Chitimane/Humba ou Humbene⁴⁸, Tambajane, Chibatata em Quissico-Grande, Maua e Madangela, controlados pelo quarto sector ou seja a base sectorial/operacional de Quilai, situado na lagoa do mesmo nome na localidade de Mocodoene mais para região oeste.

Em 1982, as movimentações dos rebeldes dentro do distrito não eram intensas mas sim esporádicas onde se registavam raptos para o aumento de efectivos e assaltos às machambas das populações para a logística.

A situação a nível do distrito, foi agudisando e o terror nas populações ia crescendo.

Dois anos depois (1984), a situação começou a deteriorar-se principalmente nas localidades do interior ao mesmo tempo que as populações fugiam à busca de refúgio nas

48

FRANGUANA, José, um ex-raptado a 16 de Agosto de 1987, no primeiro ataque a Vila Sede do Distrito, permaneceu neste local cerca de 50 dias, por se tratar de uma zona de passagem, os raptados não executavam quaisquer trabalhos senão as mulheres que eram obrigadas a procurarem comida particularmente folhas silvestres que depois de preparadas num tambor, cada um recebia um pouco dessa comida.

" *Simplesmente acordávamos e víamos que algumas pessoas faltavam no grupo ou então encontrávamos pessoas novas com as trouxas por elas trazidas e roubadas à população.*" Morrumbene, 22 de Julho 1994.- Cf. a entrevista em anexo

zonas com segurança.

A partir de então, os ataques armados começam a ser frequentes particularmente nas vias e algumas regiões consideradas perigosas quanto ao acesso devido ao abandono.

A vila sede de Morrumbene, foi também alvo destes ataques em Maio e princípios de Dezembro de 1986.

Nos finais de 1987, mais um ataque se registou onde vários estabelecimentos foram saqueados e outros incendiados parcialmente, para além da destruição das únicas bombas de combustível.

Será a partir desta situação que o distrito vai se organizar para dar resposta à estas acções.

5.3.2 ORGANIZAÇÃO MILITAR DO GOVERNO 1981-1992

Neste sub-capítulo, não falarei da resposta como um todo na Província mas sim como é que o distrito se organizou para fazer face às acções dos rebeldes da RENAMO.

Para a auto defesa do Distrito, foram criados três quartéis dos quais um localizado na sede, Mocodoene e Pagula.

Estes, eram coadjuvados por treze posições militares incluindo milicianos, situados em Chicocotsa, Matalane, Mawewe, Panga, Jogó, Furvela, Nharumbo, Nhabundro, Cambine, Malaia, Nhacoo, Muchacuae Cumana (indicadas no mapa da situação militar).

As posições, funcionavam como postos avançados nas regiões onde estavam instalados.

Em princípio, constituíam lugares de maior suspeita e movimentação dos rebeldes.

Para além deste aparato militar, adoptou-se um sistema de minagem às zonas que oferecessem vulnerabilidade de penetração. Deste modo, a sede da localidade do distrito ficou cercado, existindo somente duas entradas controladas pelos militares.

Estas minas, também eram colocados nas margens dos rios, em alguns objectos económicos e susceptíveis rotas de acesso de entrada e saída das populações às suas machambas, escolas e lojas.

As duas vias adoptadas como principais e utilizadas para a entrada e saída das populações, eram abertas às seis da manhã e encerradas às 18H00 e posteriormente minadas.



Quando fosse suspeitado a presença dos rebeldes na região, e se optasse por uma persEguição, isto é manobras militares, todos os soldados do distrito juntavam-se incluindo os de Massinga com particular destaque a posição sedeada no Centro Troposférico.

De um modo geral, foi assim que as populações de Morrumbene foram sobrevivendo durante o período em que decorreu a guerra, isto é; altura em que foi assinado em Roma o Acordo Geral de Paz que pôs termo ao conflito opondo a RENAMO do Governo a 4 de Outubro de 1992.

5.3.4 PROCEDIMENTOS E FASES DA GUERRA

Quando a guerra chega nesta região, o movimento das populações já tinha começado fugindo a fome.

Assim, muitas zonas não se encontravam habitadas .

Aproveitando-se destas zonas desabitadas, pequenas lagoas e rios, os rebeldes da RENAMO, procuravam a instalarem-se.

A partir destes locais, saíam raptando populações que possivelmente eram encontradas a caminhar, ou a que de quando em vez ia a sua machamba, para o fortalecimento das suas fileiras, obtenção de informações e carregamento dos produtos roubados.

Uma vez que os rebeldes, estavam ainda a criar condições de seu estabelecimento, o seu maior interesse era procurar fontes de informação que lhes fornecesse onde se localizavam as estruturas de base e residências de seus membros de governo, quartéis e as possíveis movimentações etc.

Estas pessoas raptadas, constituíam guias e fontes de informações e após a missão eram tirados daquela zona para outra

" transferência dos recrutados fora da sua área depois de terem servido de guias"⁴⁹.

De 1982 até sensivelmente 1983, as incursões militares não se sentiam com frequência uma vez que estas eram isoladas e a tendência era de logística e recrutar à força os mancebos a fim de serem incorporados no movimento.

Este recrutamento forçado isto é, através do rapto, após a chegada ao acampamento, os indefesos eram controlados ao mesmo tempo que eram ameaçados em ser executados caso

quisessem enveredar pela fuga.

Após a destruição da base provincial de Tomé em 1983, o momento atravessado pela Província e em particular pelo distrito foi difícil. Havia uma maior movimentação dos rebeldes não só em Inhambane como na vizinha província de Gaza.

Neutralizada a base de Tomé, os rebeldes instalaram-se na planície de Nhamungue na lagoa de Nhavarre⁵⁰ no distrito de Homoíne. Aqui reorganizaram-se e as acções começaram a intensificar-se pois era aqui onde eram traçados os planos a serem cumpridos pelas bases sectoriais/operacionais a nível da Província.

Com a sua dispersão, as actividades eram espontâneas principalmente no período 1984-85.

Todavia, a partir de 1986, estas tiveram uma maior intensificação visando dividir o país, para além de terem mudado as formas de actuação.

Ilustrando esta tendência, são os ataques armados a posições militares, sedes dos distritos como Homoíne a 18 de Julho de 1987, onde os rebeldes com um enfermeiro local,

*Senhores! Aqueles homens não vieram aqui para outra coisa senão matar. Sim vieram para matar. Não acredito, por exemplo, que tivesse vindo para ocupar. Ora se vierem para ocupar- ideias que pode ficar se analisarmos os efectivos de gente, de armas e munições que trouxeram consigo- ao verem os seus planos gorados, então decidiram assassinar. Mas não acredito nisso! Eles vieram para aterrorizar...massacrar...destruir vidas. Que fizeram? No hospital mataram o meu colega quando defendia os seus doentes. mataram o analista que defendia doentes escondendo-os numa...*⁵¹

Ainda no segundo semestre de 1987, Manjacaze foi também um dos distritos alvo de ataque armado para além de diversas localidades, aldeias comunais, colunas de viaturas quer civis ou militares, unidades de produção com objectivo principal para o auto-abastecimento em géneros alimentícios e material de guerra.

De acordo com a divisão regional, o raio de acção dos rebeldes de Quilai, para além de se fazer sentir no interior do distrito, abrangia já a Estrada Nacional Número 1 (EN1) embora fossem utilizadas vias diferentes.

É assim que enquanto uns saíam da base para Mocodoene, Matalane, Joaquim

50 Aqui, constituiu a primeira zona onde os rebeldes da RENAMO se instalaram após a destruição da base de Tomé embora por algum tempo. Foi também considerado uma das maiores bases mas que não chegou a ser provincial porque com este estatuto teve a de Neves- Sede do Estado Maior Regional Sul.

51 MAGAIA 1989:99

Ribeiro, Furvela, Jogó até a EN1, outros rumavam Mocodoene, Macaringue Chicole, Cambine, Pagula, Malaia, Gotite, Sitila e alcançavam o objecto-alvo.

De 1984-1992, era muito perigoso viajar via terrestre quer no interior do distrito ou para distritos vizinhos como Maxixe ou então em direcção a Massinga.

Era frequente o registo de emboscadas em Malaia para quem fosse à norte do Distrito e também em Jogó, Furvela, Nharrumbo e Joaquim Ribeiro caso rumasse à Maxixe.

Como alternativa para a deslocação a Morrumbene por via terrestre, achou-se a via marítima que se tornou usual e segura pois todos a preferiam fazendo o trajecto Morrumbene-Inhambane-Maxixe e vice-versa e mesmo para a capital provincial de Inhambane bem como para a cidade de Maputo.

É assim que o número de barcos a operar neste trajecto passa a aumentar. Antes do início da guerra, Morrumbene possuía cerca de 27⁵² barcos dos quais 16 eram de pesca à linha e os restantes de passageiros.

Destes barcos (pesca) 8 são da sede da vila, 4 de Kochi, 2 de Linga-Linga e 2 de Chandane.

Aos onze barcos de passageiros, foram acrescentados por mais nove distribuídos por sede 3, Kochi 2, Chandane 2 e Linga-Linga 2.

De salientar que os barcos de passageiros, tinham dias alternados de ida e volta de Inhambane. Enquanto uns saíam de Morrumbene para Inhambane, outros faziam o inverso.

O período acima mencionado, é considerado o de maior movimentação das populações a nível do distrito com destaque as de Sitila, Mocodoene, Cambine, Gotite, Malaia e ainda as das regiões limítrofes de Massinga, Funhalouro e Homóine que afluíam a sede do Distrito e mesmo para as cidades da Maxixe e Inhambane.

A insegurança criada pelas acções intensas dos rebeldes da RENAMO na zona, provocou o êxodo das populações que iam se aglomerando em redor da vila sede do distrito de Morrumbene ainda nas bermas da EN1, e entre a estrada e a costa.

De salientar que neste mesmo período, a vila foi assaltada duas vezes e saqueada, e a Escola Secundária de Cambine também foi alvo mais uma vez já que a 28/06/82, se tinha registado o primeiro ataque a esta instituição.

Alguns professores e alunos foram raptados onde tornaram-se comandantes daquele

52

GARRINE, José Manuel (Reformado da Administração marítima de Inhambane e trabalhou como Cabo do mar. Morrumbene 6/10/96)

movimento rebelde.

Algumas lojas para além de saqueadas foram incendiadas incluindo as bombas da única estação de serviços (bombas de gasolina) que até o presente não foram ainda recuperadas.

O período foi de grande inquietação que mal as populações se apercebessem de movimentos estranhos na região, a única solução, era abandonarem a zona e levarem consigo o que podiam.

Deste modo, vamos ver em seguida quais foram as opções da população civil perante os factos.

5.4 OPÇÕES DA POPULAÇÃO CIVIL

Em 1986, o número de aldeias tinha subido para 15, com 6352 famílias correspondendo a 33230 habitantes e finalmente em 1989, houve um decréscimo de menos cinco, devido à deslocação das populações temendo a guerra. O número de famílias nesta altura era de 10921, com cerca de 90232 habitantes.

Quando se intensificou a guerra na Província e em particular no distrito, as populações também com maior movimentação, procuravam lugares com segurança.

Estes locais, já não se tratavam de (placa/trincheiras) como se fazia no início da guerra. Constituíam lugares onde as populações podiam permanecer mais tempo desde que as incursões não atingissem a zona.

Chegadas ao local, algumas destas populações apresentavam-se às autoridades locais e outras por si só, procuravam um lugar para se instalarem pedindo aos donos de propriedades ao redor da vila ou atravessando a baía.

Para tal, era lhes cedido uma porção de terra onde construía as suas cabanas/trincheiras. Porém, este pedaço já não era suficiente para abrir pequenas machambas para a reprodução.

Primeiramente, as trincheiras serviam para passar as noites e de manhã cedo as famílias deslocavam-se as antigas machambas, mas com o alastramento das acções, esta prática foi abandonada porque algumas pessoas eram raptadas pelo caminho ou mesmo mortas.

As populações que se instalaram na periferia dos bairros da sede da localidade,

tiveram um certo apoio por algum período em géneros alimentícios e mais tarde instrumentos de trabalho e sementes através da Cruz Vermelha, Departamento Distrital para o Combate às Calamidades Naturais (DDCCN) e ainda da Community Aid Abroad -CAA.

Devido a afluência maciça de gente, estas instituições não conseguiam satisfazer as necessidades desta tendo havido o rompimento procurando cada um a forma de sobrevivência (comércio da rua para quem conseguia ter produtos vindos de outras províncias).

Nas regiões como Kochi, Linga-Linga, Chandane e de acordo com os hábitos locais, as populações deslocadas, foram se dedicar a feitura de cestos de palha que eram vendidos localmente ou fora (Maputo), pesca, venda de força de trabalho campinando nas machambas ou caretando água).

Em relação à pesca, algumas pessoas se empregavam aos proprietários de embarcações para no fim, receber uma certa quantidade de pescado que podia vender e sobrar para a alimentação das famílias.

Outras ainda, particularmente famílias de mineiros, compravam barcos que não só serviam para a pesca mas como transporte de passageiros de e para Inhambane.

Findo que foi a guerra, a maioria dos refugiados, tentaram o retorno às suas zonas de origem.

Contudo, não são todos que optam pelo seu regresso. Pois existem aquelas que ainda se mantêm nos locais de refúgio e apenas se deslocam as antigas zonas para as suas machambas.

Os motivos que se podem apontar para o não retorno são vários.

Enquanto alguns falam de falta de material de construção, outros alegam a falta de condições primárias como a educação, a saúde, estabelecimentos comerciais entre outras.

Assim, a opção para o restabelecimento, é também dependente das possibilidades económicas das famílias.

5.5 IMPACTO DA GUERRA NA ECONOMIA DOMÉSTICA

5.5.1 POPULAÇÃO E ECONOMIA

Quando se iniciaram as acções do conflito armado, coincidiram com uma época difícil na Província e conseqüentemente no Distrito.

Uma grande parte de famílias vindas dos distritos vizinhos e do interior de Morrumbene, já havia começado a sua dispersão para a localidade sede fugindo à seca.

Estas famílias, eram dependentes na sua maioria da agricultura para o seu sustento.

Devido à guerra, elas, abandonaram as suas zonas de origem e instalaram-se quase junto à costa devido às boas condições naturais que esta oferece.

Porém, cada lugar tem as suas especificidades. O aumento excessivo do número de habitantes para acima de o considerado normal, cria outras dificuldades desde o âmbito habitacional⁵³, alimentar, capacidade das instituições sociais absorver as necessidades das populações entre outras.

A localidade sede do distrito, tinha suportado até 1980, uma população estimada de 28.685 habitantes. A este número, foram acrescidos cerca de 77.312⁵⁴ deslocados vindos das principais regiões afectadas pela guerra.

Este crescimento populacional na vila, provocado pela seca e posteriormente pela guerra, criou um desequilíbrio entre a oferta e a procura, pois a maioria das populações era dependente da agricultura (baixa de produtividade devido a constantes movimentações das zonas de produção)

Esta baixa de produtividade devido às acções de desestabilização a partir de 1982, fizeram com que a população diminuísse nas zonas habituais e aumentasse a deslocada na vila sede do distrito.

O abandono dos campos de produção, originou a falta de produtos alimentares e ainda dificuldades em fazer chegar ao destino ajudas de emergência devido à falta de transportes.

Estando a agricultura assente particularmente no sector familiar, nos locais de chegada, por comportarem grandes plantações de culturas permanentes, os deslocados ficaram sem acesso à terra para as suas actividades quotidianas recorrendo à outras actividades para a alimentação.

O processo de distribuição e parcelamento de terra, durante o período de emergência para a população afectada pela guerra não foi fácil devido a estas culturas por um lado, e por outro à pobreza da terra e ainda por se tratar de propriedades pessoais embora não estejam

53 Na entrevista com o senhor Administrador do Distrito Francisco F. Franco MASSINGUE, em 19/7/94 no seu gabinete de trabalho teria afirmado que tiveram problemas graves em alojar todos que iam se apresentando na administração onde as populações tomaram as iniciativas de conversarem sozinhos com os donos de propriedades para a cedência de terreno.

54 Dados facultados pelo Delegado Distrital do DPCCN- Pedro Jossai CUMBE aos 21/7/94 em Morrumbene

demarcadas.

Apesar desta situação, na integração de deslocados de guerra em zonas produtivas, foram parceladas 79 ha para 159 camponeses e 50ha para 150 famílias, em Mahangue e Mata respectivamente.

Não foi possível encontrar dados quantitativos dos índices de produção e comercialização agrícolas das principais culturas antes do início da guerra (1982) e dos anos seguintes.

Contudo, aparecem alguns dados estatísticos da produção de hortícolas no período 1985-88, (Vide a tabela 8 que se segue) que indicam ter havido um crescimento substancial.

TABELA 8
Produção de hortícolas em toneladas

ANOS	85	86	87	88
CULTURAS				
COUVE	26,65	15,2	15,5	38,9
CEBOLA	31,1	63,8	55,9	46,5
ALFACE	26,0	19,5	16,8	10,4
TOMATE	109,2	18,6	30,2	20,3
TOTAL	192,95	117,1	118,4	116,1

FONTE: RUFINO, p.109.

Não foram só as destruições, baixa da produção que se registaram. O desemprego foi também um dos males que grassou às populações durante a guerra.

Alguma parte da população activa em zonas intransitáveis, ficou inoperante.

Temos a citar por exemplo, os associados de algumas cooperativas agrícolas que ficaram dispersos por regiões achadas seguras, outros, dedicando-se ao comércio informal.

Em 1987, a organização não governamental CUSO-SUCO, teria doado equipamento a duas cooperativas de extracção de cal (Panga) e pedra em Matsavane com capacidades de 15 toneladas mensais e 10 m³ respectivamente.

Os associados, destas cooperativas, abandonaram o local aquando da intensificação das acções armadas, principalmente em 1987.

A maioria destes desempregados e corajosos, abraçaram o comércio de cocos e de sura, deslocando-se a cidade capital (Maputo), onde posteriormente compravam outras mercadorias que eram revendidas no regresso.

5.5.2 PECUÁRIA

Na pecuária, por inexistência de dados, não foi possível analisar esta actividade no período pós independência senão nove anos depois.

Até 1971, o gado bovino integrava aproximadamente 5927 animais e, em 1989 (Vide a tabela 9) o número baixou para 1379 animais, que nem sequer chega a ser a metade alcançada no ano de 1971.

No período 1984-1989, houve tendência de aumento da população animal embora com alguns anos de oscilação em termos de decrescimento, devido às acções dos rebeldes do MNR que se intensificavam.

As estas acções, junta-se o roubo perpetrado pelos homens armados dos dois beligerantes, estacionados na região.

O ano de 1989, é tido como o pior pois, o distrito tinha somente cerca de 1794 animais de toda a espécie contra 6738 de 1987 ao que corresponde a 73% de decrescimento.

Esta redução dos efectivos, pode ser aliada a guerra pois houve muito roubo de gado que se pode caracterizar em duas vias. Enquanto os soldados de ambos beligerantes carregavam os animais para a sua alimentação, singulares aproveitaram-se também da guerra, transportando cabeças para Gaza ou Maputo a fim de vender.

Todavia, há perspectivas de a cifra vir a crescer no futuro, esperando-se que os animais recebidos no distrito, até a sua devolução, tenham criado bases para a reposição e reprodução da população animal.

TABELA 9

Arrolamento da pecuária por tipo de gado 1984-89

GADO	1984	1985	1986	1987	1988	1989
BOVINO	4200	4206	3875	4345	2879	1379
CAPRINO	775	1902	761	808	449	150
OVINO	30	20	27	25	5	2
SUÍNO	1226	1574	1477	1373	652	263
ASININO	168	190	180	187	72	**
TOTAL	6399	7892	6320	6738	4057	1794

** Quando se efectuou o levantamento destes dados, estava ainda a decorrer o arrolamento do gado no Distrito.

FONTE: RUFINO, p100

5.5.3 COMÉRCIO

Falando da rede comercial do distrito, no período posterior a independência, ela era constituída por cerca de 78 estabelecimentos licenciados, 30 cooperativas das quais, quatro agrícolas, três postos de armazenagem 2 dos quais privados e 1 pertencente ao extinto AGRICOM, que era agente interveniente na comercialização agrária, com uma capacidade de cerca de 1080 toneladas que funcionaram até 1989.

Todavia, com a guerra este número decresceu para apenas 52 lojas as quais faziam chegar os produtos que as populações necessitavam.

Ficaram sem exercer a sua actividade aproximadamente 26 lojas por abandono da zona devido à insegurança mas que em termos de destruição, o distrito ficou sem 60 estabelecimentos dos quais 43 lojas e 17 cooperativas.

Com a evolução das acções e desestabilização, uma parte destes estabelecimentos foi total ou parcialmente destruídos estando em pleno funcionamento 51 casas comerciais.

Deste total, 44 encontram-se na sede do Distrito e os restantes distribuídos por Sitila, Barrane, Tambajane, Mocodoene, Malaia e Cambine.

Em relação aos estabelecimentos danificados, embora com vontade de se restaurar há pouca tendência de isto se efectivar. Uns alegam a falta de prontidão por parte das instituições de direito- APIE, devido à insuficiência de fundos e outros porque a reabilitação é mais onerosa que uma nova construção.

Alguns comerciantes levados pelos hábitos implantados pela guerra, optam pelo sistema de bancas/barracas nos "Dumba-Nengue" onde colocam a maior parte das suas mercadorias.

5.6 IMPACTO DA GUERRA NOS SERVIÇOS DO ESTADO

Neste sub-título apenas analisaremos algumas instituições sociais como as redes escolar, sanitária e comercial.

Começemos por ver a área de educação:

5.6.1 REDE ESCOLAR

Após a independência, a rede educacional foi ampliada e conseqüentemente, o número das inscrições também cresceu como colorário, foi necessário criar mais escolas em regiões mais recôndidas do Distrito.

No período anterior ao início das acções armadas, existia no Distrito cerca de 53 escolas do nível do Ensino Primário do 1º Grau-EP1, e uma de Ensino Secundário Geral-ESG.

Nestas, estavam matriculados aproximadamente 18.474⁵⁵ alunos dos quais 1.042 eram do ensino secundário.

Com a guerra, o número de escolas foi reduzido a apenas 23 estabelecimentos de ensino. Deste número, 20 leccionavam o nível EP1, com 10.029 alunos inscritos, 2 para o nível do EP2 com aproximadamente 1.127 alunos matriculados e 1 do ESG com 390 alunos, totalizando cerca de 11.546 alunos matriculados que corresponde a um decréscimo de 42,2% para as escolas e 62,3% em relação aos alunos.

O período de 1984-1987, foi de muita turbulência. Muitas crianças ficaram sem

55

NAMBURRETE, Luís Pedro. Morrumbene, aos 21 de Julho de 1994.-

estudar porque ao se movimentarem com os pais, nos locais de chegada, a capacidade de absorção nas escolas era inferior.

O número superior de crianças, ficou concentrado na sede do Distrito onde as vagas existentes eram poucas, porque somente existiam nove salas para os dois níveis e ainda para dois turnos.

Esta situação veio a piorar quando em 1987, como consequência desta situação, a única escola secundária teve que ser transferida para a sede devido a insegurança, os novos ingressos para o EP1 (1ª classe) não passaram dos 1.140 e para o EP2 (6ª classe) 320 e ESG (8ª classe) 70 alunos⁵⁶.

5.6.2 REDE SANITÁRIA

Relativamente à rede sanitária, esta era constituída por um total de onze unidades sanitárias espalhadas pelo distrito antes da guerra.

Durante a guerra houve uma queda drástica pois só 2 centros de saúde, 1 posto e de vez em quando, algumas brigadas móveis que haviam sido criadas em coordenação com a Cruz Vermelha local, é que asseguraram a saúde das populações em termos de medicina preventiva e ainda curativa.

Os 2 centros atenderam com grandes dificuldades todo o fluxo da população e ainda o posto de Magumbo.

Os postos que recebiam os doentes com doenças como malária, casos considerados ligeiros, pararam de funcionar quando a guerra se intensificou em 1987, tendo também por estas alturas o centro de Cambine deixado de funcionar.

Todas as ocorrências eram vistas no centro da sede do Distrito e por algumas brigadas móveis criadas para o efeito particularmente onde havia concentração da população.

Foi-se trabalhando assim até o ano de 1989, período em que foram reabertos cinco postos de saúde perfazendo um total de seis unidades para a absorção da população necessitada.

Mesmo assim, as condições não eram das melhores. Foram levadas a cabo acções integradas envolvendo medicina preventiva e curativa em coordenação com a Cruz Vermelha

56

Estes dados foram retirados dos mapas estatísticos da Direcção Distrital de Educação de Morrumbene em Janeiro de 1995.-

local.

A Direcção Distrital de Saúde, apoiada pela Cruz Vermelha no fornecimento de "Kits" de medicamentos até 1993, tentou dar um atendimento melhorado embora não num nível satisfatório.

Por outro lado, esta instituição ainda financiou a construção de postos de saúde como é o caso de Barrane (que também teve um equipamento parcial), Gotite incluindo uma maternidade e ainda a restauração do de Mocodoene que as obras ainda não foram concluídas até hoje por falta de financiamento

5.7 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

A guerra chega na província e no distrito nos anos de 1981 e 1982 respectivamente.

As zonas de entrada dos rebeldes da RENAMO foram os distritos sedeados no norte da província (Mabote, Govuro e Vilanculos) enquanto que em Morrumbene, verificou-se através da regiões do interior como Sitila e Gotite.

A infiltração destes, teve início numa fase em que as zonas acima mencionadas passavam por uma crise de fome devido a seca.

Assim, aproveitando-se o despovoamento, os rebeldes encontraram uma situação favorável no terreno para o seu estabelecimento.

As suas incursões primeiramente eram isoladas tendo ganho proporções maiores a medida que as bases iam se alastrando.

Inhambane esteve dividido em duas regiões militares: EMRN e EMRS.

O EMRN funcionou como sede e foi instalado a primeira base provincial (Tome) e era constituído por dois sectores e três acampamentos operacionais.

Este, foi destruído em 1983, estando todas as acções centralizadas no EMRS sedeado no início em Nhamungue -Pembe no distrito de Homoine e posteriormente transferido para Jojo- Neves em Panda.

Composto por oito sectores dois dos quais pertencentes a província de Gaza, funcionou como base provincial, teve o seu fim em Outubro de 1992.

A agricultura durante o período de guerra, deixou de ser a actividade principal das populações. Para a sobrevivência dos dependentes desta actividade, recorreram à outras actividades como a pesca e o comércio informal.

Na pecuária, a maioria das espécies, registaram um decréscimo de índices dos efectivos devido ao abate clandestino ligado ao roubo.

As redes escolar, sanitária e comercial, diminuíram a sua capacidade de atendimento às populações pois, a maioria das infraestruturas, foram destruídas total ou parcialmente.

No decorrer dos onze anos de guerra (1981-1992), nas zonas de produção agrária, nas zonas costeiras (baixas), registou-se um sobrecarregamento físico provocando um desequilíbrio entre a área disponível e a densidade populacional devido ao índice elevado de culturas perenes (cajueiros, coqueiros e mafurreiras etc.).

Assim, podemos dizer que a guerra, foi um grande catalizador da fuga das populações trazendo um impacto negativo na área sócio-económica, uma vez que se faz sentir até hoje um fosso muito grande naquilo que chamaríamos o ritmo de desenvolvimento sócio-económico antes da guerra que era considerado estável.

CAPÍTULO 6

O DISTRITO E A RECONSTRUÇÃO NO PÓS GUERRA

6.1 INTRODUÇÃO

Após longos anos de abandono, estagnação e destruição, chegou o momento para a reposição de muitas instituições vitais à sociedade.

É assim que neste capítulo, iremos ver o que está sendo feito a nível das várias instituições existentes no distrito.

Esta pequena descrição das acções no distrito, cingir-se-ão sobre a reabilitação da economia, das infraestruturas estatais (escolas, hospitais, lojas etc.), e do regresso da população onde tentaremos definir o termo reassentamento.

A economia do distrito como depende em grande parte da agricultura, falaremos também das minas que constituem um entrave na realização desta actividade e outras.

Por fim, iremos nos debruçar sobre o relançamento dos projectos de desenvolvimento e dos problemas de reordenamento de terras.

6.2 REABILITAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS ESTATAIS

Com o fim da guerra, a sociedade está preocupada com a recuperação de todas as infraestruturas destruídas durante uma década e meia de incurssões armadas.

Os esforços estão virados na normalização das actividades económicas do distrito, da reabertura ou abertura de vias de acesso, das redes comercial, escolar e sanitária assim como a reintegração da população nas suas zonas de origem e ou em outras áreas de acordo com as opções por elas escolhidas.

As diversas instituições, de acordo com a sua área e das disponibilidades financeiras, estão desenvolvendo acções consideradas prioritárias para dar vida ao distrito.

6.2.1 AGRICULTURA

Nesta área, tinham sido iniciados trabalhos concernentes a extensão rural, já no período de guerra.

No cumprimento destas acções, foi criada uma equipe de cerca de nove técnicos supervisores para a extensão rural distribuídos por quase todas áreas do Distrito que trabalhou em coordenação com a Organização não governamental - CAA.

Este trabalho coordenado, visava familiarizar as famílias com novos conhecimentos de técnicas principais para a preparação da terra, conservação de sementes, produção de hortícolas, principais pragas e doenças, produção de arroz e a construção de celeiros.

Destes serviços, beneficiaram 370 famílias, 5 agricultores privados numa área de cerca de 701 ha e um pecuário. As populações foram ainda apoiadas no fornecimento de instrumentos de trabalho e sementes.

Por outro lado, as propriedades outrora pertencentes aos colonos estão sendo parceladas e entregues às populações.

De realçar que este parcelamento tem a ver com as regiões onde muitos camponeses, por se ter verificado o abandono, aproveitaram fazer as suas machambas.

Ao mesmo tempo que faziam machambas, plantavam culturas de bem de prestígio, juntando-se às anteriormente existentes dos antigos donos.

Surgindo herdeiros, estes, só terão direito a reclamar os locais onde haviam plantado algo e aqueles que foram trabalhados pelas famílias camponesas, pertencerão a estas.

Em algumas zonas onde no tempo colonial serviram de campos de algodão, esta cultura foi reintroduzida onde os camponeses têm recebido sementes para o efeito.

6.2.2 OBRAS PÚBLICAS E HABITAÇÃO

A nível da Direcção das Obras Públicas e Habitação, e em coordenação com a CAA, decorreram trabalhos no âmbito de fornecimento de água às comunidades.

Estas duas instituições, empenharam-se na reabertura e abertura de vias de acesso bem como poços e furos de água.

Apesar da CAA ter retirado os seus bens e meios circulantes em Abril de 1994, as actividades não pararam pois, até Dezembro de 1995, em Morrumbene, tinham sido abertos aproximadamente 17 poços de céu aberto dispersos por todo o Distrito.

Estes distribuíram-se por Mocodoene (5), Buvana(1), Malaia na região de Muchacua (2), Nhacoô (1), Nhabundo(2), Nhalivali(1) Cambine na zona de Babeluane(2), Joaquim Ribeiro (1), Matsavane(1) e Hospital de Malaia(1).

Para além destes poços, juntam-se ainda 12 furos mecânicos localizados em Buningo(1), Chimangane(1), Nhaca(1), Liva(1), Mocodoene(2), Nharumbo(1), Jogó(4), Mungué(1), Nhabundo(1) e Furvela(1).

Todavia, tendo em conta a carência deste líquido, particularmente no interior do distrito, estes poços e furos não são suficientes para minimizar a situação de abastecimento de água.

Assim, muito ainda deverá ser feito nesta área. Segundo o responsável da estrutura das Obras Públicas e Habitação, "*o número poderá vir a subir, pois, foi planificada a abertura de mais 23 furos mecânicos e 22 poços de céu aberto que abarcarão todo o distrito*"⁵⁷.

Todavia, o número está longe de satisfazer as necessidades da população, mas poderá se considerar minimizado o fornecimento de água.

Existe uma maior preocupação em relação a recuperação de cisternas. Alguns possuidores deste meio de reserva de água, a Direcção, nos finais de 1994, disponibilizou cerca de 100 sacos de cimento a 27 famílias distribuídos por Gotite(14), Sitila(5) e Barane(8). Os beneficiários, pagaram cerca de 35.000,00Mt cada saco.

57

MUDUMELA, Tomás Augusto. Director Distrital de Obras Públicas e Habitação em entrevista a 13 de Janeiro de 1995.

Mas por outro lado, existem problemas sérios na vila quanto ao fornecimento de água, pois, o "crescimento populacional" não se faz acompanhar pela ampliação das infraestruturas existentes. Esta situação, causa uma rápida saturação.

Contudo, aguarda-se pela montagem de uma motobomba para a captação, tratamento e distribuição de água.

Este trabalho, deverá ser acompanhado pela renovação da conduta de distribuição de água e da ampliação da capacidade do depósito.

No tocante as de vias de acesso, estão decorrendo trabalhos de reabertura e abertura de algumas estradas em terra batida. Estas vias, algumas delas estão já em fase de acabamentos.

Fazem parte deste plano as estradas que ligam Nhabundro-Mocodoene, Mavume-Mocodoene (6 Kms), Morrumbene-Sitila⁵⁸(55Kms), Morrumbene-Pagula, Tambajane-Gotite, Barane-Mangoro, Sitila-Chissive (12Km).

Antes da intensificação das acções dos rebeldes da RENAMO, no distrito, haviam sido programados dois projectos- "picadas" e "Morrumbene"(estação de serviços).

Mas devido à exiguidade de meios, o segundo projecto, a sua materialização está impensável enquanto que o primeiro está decorrendo.

6.2.3 EDUCAÇÃO

As escolas das localidades próximas da sede que não precisavam de uma verba específica para a recuperação, foram restauradas com o material local e com a ajuda dos próprios encarregados de educação.

Assim, as famílias que quisessem regressar com os seus filhos, já tinham escolas nas suas zonas e aqueles que preferiam manter as crianças ainda na vila também podiam fazer-lo.

Mesmo com estas condições, a sede não ficou totalmente aliviada. A maior parte das crianças continuaram porque os pais ainda temiam a guerra.

Em 1994, o Distrito passou a funcionar com um total de 32 escolas para o nível de EP1 com uma população estudantil de 12.038 alunos, duas escolas para o EP2 com

58

De salientar que esta via foi reparada pela própria comunidade

aproximadamente 1.123 alunos matriculados e uma do ESG com 476 alunos inscritos⁵⁹.

Apesar deste número de escolas a leccionarem, outras dificuldades surgiram. O aumento de número de escolas a funcionar, não significava o aumento de vagas. As vagas continuaram insuficientes não se conseguindo a absorção de toda a massa estudantil.

Nesse período (1994), para o nível do EP1 (1ª classe) as vagas tinham sido 1325; EP2(6ª classe) 300 e ESG(8ª classe) 90.

Esta situação implicava por outro lado o aumento de número de professores. O elenco anterior de professores (134), já não era suficiente para responder as novas necessidades.

O orçamento alocado à Educação no distrito também já não suportava as crescentes tarefas ora criadas.

A título de exemplo, em 1993 a Educação teve uma verba de cerca de 200.868.217.00Mt para a reabilitação de escolas, construção de novas salas de aula, compra de carteiras e ainda para a restauração do centro internato de Cambine.

Deste orçamento, nem a metade das acções foram realizadas pois, as duas últimas, ficaram de fora porque o dinheiro já tinha sido esgotado.

Mesmo com estas dificuldades, há sempre tentivas de solução ou de melhoramento das infra-estruturas desta rede escolar.

Em 1995, o distrito funcionou com cerca de 37 escolas das quais 34 do EP1; duas do EP2 e uma do ESG.

Estiveram matriculados de 1ª à 5ª classe 12.100 alunos; de 6ª à 7ª classe 640 e da 8ª à 10ª classe 500 alunos.

Para o ano de 1996, a sede do distrito para além das nove salas existentes, vai se beneficiar de mais 6, cujas obras estão quase concluídas.

A construção destas salas de aula, apoiada por uma ONG alemã de cooperação técnica-Deutsche Gesellschaft fur Technische Zusammenarbeit-(GTZ), no cumprimento dum programa coordenado com a Organização Internacional de Migração(OIM), visa também em parte a criação de novos empregos para os desmobilizados.

Findas estas obras, iniciar-se-ão outras nas escolas situadas nas localidades de Panga, Pagula e Gotite.

Todavia, a cifra de escolas, não alcançará ao número anterior à guerra uma vez que

apenas funcionarão 40 escolas das quais 37 para o nível do EP1, duas para EP2 e uma para o ESG.

Espera-se que a população estudantil seja de 14.640, distribuídos por EP1-13.450; EP2-660 e ESG 530 alunos respectivamente⁶⁰.

Por razões ligadas a insuficiência de vagas, fraco aproveitamento pedagógico no ano de 1995 e o facto de Cambine ser a única escola que absorve os alunos dos distritos vizinhos, muitas crianças ficaram sem estudar.

É assim que cerca de 931⁶¹ crianças em idade escolar que concluíram os níveis de EP1 e EP2, ficaram sem estudar.

Destas, 699 são graduados de 5ª classe e 232, são de 7ª classe.

No ano lectivo transacto, Cambine conseguiu cerca de 50% de aproveitamento. Dos 267 alunos examinados, apenas 134 é que transitaram de classe.

No respeitante a professores, no II Semestre/95, o distrito recebeu 47 contratados dos quais 41 para o nível de EP1, 3 para o EP2 e igual número para o ESG.

Estes juntaram-se aos 134 existentes, somando 181 professores para todo o distrito. É possível que este número venha a crescer já que os planos da Direcção Distrital de Educação são de aumentar a cifra de professores para 269⁶².

De acordo com o responsável desta área a nível do Distrito, são necessários mais 88 professores, para totalizarem o número acima indicado a fim de cobrir todo o distrito.

Após a assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1992, a Igreja Metodista Unida de Moçambique, solicitou a devolução das suas instalações.

Assim, em Dezembro de 1994, foi lhe restituída a Missão de Cambine, estando previsto um programa de restauração.

Porém, estas instalações servem como escola secundária local.

Para assegurar o ensino secundário, e dentro dos programas do Gabinete de Gestão de Estudos e Projectos Educacionais(GEPE) e o Banco Mundial, o distrito foi contemplado para a construção de salas de aula.

60 Dados fornecidos pelo Director Distrital de Educação numa entrevista efectuada a Novembro de 1995. -

61 De acordo com o Chefe de Planificação de Estatísticas na direcção Distrital de Educação local, **FERNANDO**, Roberto. " Perto de mil crianças não vão estudar em Morrumbene" Maputo: Notícias, 12/02/96. p.7

62 Entrevista com **NAMBERRETE**, Luis Pedro aos 23/11/95.

A construção, abarca cerca de 30 salas que poderão de certa maneira aliviar o Distrito no ensino secundário.

A edificação destas salas, envolve o emprego dos desmobizados que o distrito recebeu em número de 915 homens a partir de 1992 a 1994.

Contudo, não se conhece até agora a sua capacidade de absorção. Mas espera-se que a situação de vagas venha a melhorar, se tomarmos em conta que o centro de Cambine também continuará a leccionar o ensino secundário geral em paralelo aos seus programas religiosos.

6.2.4 SAÚDE

Ao mesmo tempo que as populações vão regressando cautelosamente as suas zonas de origem, a par e passo vão também decorrendo obras de recuperação dos postos sanitários danificados pela guerra.

Porém, esta reabilitação e a reabertura não têm sido fáceis devido a escassez de meios sobretudo, os financeiros.

Contudo, as brigadas móveis que outrora trabalharam durante a guerra, ainda se deslocam três vezes por semana nas regiões onde ainda não se criaram condições para assistência sanitária.

Estas, são responsáveis pela triagem, vacinação e pesagem das crianças.

Os esforços são enormes para que a rede sanitária seja restabelecida e corresponda as exigências.

Em Novembro de 1995, o Distrito contava com 16 unidades sanitárias em pleno funcionamento, das quais dois são centros e os restantes postos (Vide o mapa sobre a rede sanitária em anexo).

Enquanto isto, aguardava-se pelo despacho do pedido de construção de mais dois centros em Mahangue e Pagula cuja petição se encontrava na Comissão Nacional do Plano.

O nível de atendimento, melhorou bastante se recuarmos para aquele que se observou durante a guerra em que apenas funcionava um único centro de saúde.

No período de 1988, o número de consultas efectuadas em cerca de seis unidades

sanitárias, foi de aproximadamente 25.661⁶³ contra 34.410⁶⁴ de 1992.

Até os finais do II Semestre de 1995, tinham sido registadas 60.000⁶⁵ consultas em 16 unidades sanitárias existentes em todo o Distrito.

As doenças diagnosticadas e mais frequentes são a malária, pneumonia, anemias, desentria, diarreias, má nutrição e tuberculose e as doenças de transmissão sexual.

Porém, as quantidades de medicamentos fornecidas pela DANIDA, UNICEF e Cooperação Suíça por intermédio da Província, são ínfimas e não satisfazem as necessidades do Distrito.

Por outro lado, os três quarto do Orçamento do Distrito que são alocados à Saúde, não se consegue realizar menos de metade das tarefas programadas.

No corrente ano, do Orçamento Geral do Estado, foram disponibilizados cerca de 550 milhões de meticais via Ministério de Saúde para a reabilitação do Centro de Saúde da sede do Distrito e ainda 20 milhões de meticais, para o centro de Gotite⁶⁶.

Por outro lado, está-se à espera de um financiamento para a reabilitação dos postos de Cambine, Sitila, Mahangue e Magumbo.

Enquanto aguarda-se pelos fundos para a restauração e melhoramento dos serviços, as dezoito unidades sanitárias do Distrito, vão assistindo as populações na medida do possível.

6.2.5 COMÉRCIO

Na área do comércio e de acordo com a fonte, é *"difícil os antigos comerciantes regressarem ao campo"*⁶⁷ argumentando que já não há negócio ou que com as receitas obtidas nem sequer se consegue cobrir os custos. A maior parte das famílias que deviam estar no campo mantêm-se nos locais onde se refugiaram para além de pouca gente ter dinheiro.

63 Estes dados, foram fornecidos pelo Director Distrital de Saúde, FIDÁLGO, Leonel António numa entrevista efectuada naquela instituição aos 22/11/95, e conferem com os constantes nos mapas estatísticos elaborados por esta Direcção.

64 Idem.

65 Idem.

66 Orçamento Geral do Estado /96. Orçamento de investimentos para 1996: resumo dos gastos programados e respectivos financiamentos. Maputo: MISAU, 1996. p.8

67 MAGUMANE, Eugénio. Director Distrital do Comércio, aos 23 de Novembro de 1995.-

O crescimento do comércio informal, faz com que não haja interesse para a reabertura de novas infra-estruturas económicas nas zonas rurais.

Os comerciantes licenciados que colocam os seus produtos fora dos estabelecimentos, afirmam ter maior rendimento pois, sentem-se isentos das obrigações fiscais.

O agravante ainda é a inexistência de uma estrutura para efeitos de fiscalização.

A este factor, alia-se o facto de Moçambique, vivendo na base de produtos importados e a maioria deles carretarem o índice de inflação nos Países de origem, acrescidos de altas taxas de tributação que os comerciantes são sujeitos localmente, não lhes permite o retorno do capital investido na compra da mercadoria.

Isto, de certo modo não estimula a actividade dos agentes económicos formais verificando-se assim uma evasão massiva dos produtos para o mercado informal.

Por outro lado, no que diz respeito aos créditos bancários, a margem de juros praticado que acompanha a inflação, não captiva os comerciantes por ser muito elevado.

A inexistência de medidas punitivas para os comerciantes localmente conhecidos que colocam os seus produtos nos "Dumba Nengue" ignorando as suas obrigações, é também aproveitado por estes, para deixarem de enviar mensalmente os seus manifestos de produtos à Direcção distrital do Comércio-(DDC).

Cada comerciante devia fornecer ao Instituto de Cereais a nível do Distrito, que cumulativamente é a DDC, os seus manifestos de compra e venda de produtos agrícolas durante as campanhas anuais e ainda dos produtos entrados em cada estabelecimento.

Porém, esta prática já não se faz ou faz-se deficientemente.

Durante a campanha 94/95, de entre os fornecedores dos produtos recebidos pelo Instituto de Cereais de Moçambique-(ICM), consta apenas um único comerciante, que enviou o seu manifesto.

Do total de 295.316 Kg de copra registados, 287 toneladas, pertencem a esse comerciante mais 215.185Kg de castanha de cajú.

Dos produtos acima referidos, a pequena diferença, foi vendida directamente pela população ao ICM.

Os comerciantes não perdem o seu tempo em colocar os produtos no ICM localmente, preferindo levá-los directamente para Inhambane, Xai-Xai e mesmo Maputo.

Geralmente, estes produtos deviam ter atingido motantes acima de 1000 toneladas quer de copra quer de castanha de cajú. A situação é de certa forma preocupante e levará

tempo a ser sanado. Porém, espera-se que o problema venha a ter soluções adequadas pois, mecanismos de melhorias estão sendo criadas.

6.2.6 ENERGIA

Em termos energéticos, existiu em tempos, uma pequena barragem hidro-eléctrica em algumas margens dos rios de Combine. Porém, esta barragem, foi sabotada durante a guerra.

Ela, alimentava o manancial de infraestruturas sociais locais como o centro de saúde, a escola secundária e o internato anexo bem como o campo de oficinas e algumas residências e edifícios pertencentes à Igreja.

A sua recuperação, foi orçada em vinte mil dólares e está criando polémica. Esta problemática, deve-se ao facto de a equipe vinda dos EUA com a missão de repor a produção de energia eléctrica naquela barragem, encontrar dificuldades que se prezam com a renitência das famílias que se sedearam nas terras das margens do rio durante a guerra, se recusarem a abandoná-las.

Devido a esta situação, corre-se o risco de não se poder repor energia eléctrica a partir da antiga barragem e, pior que isso, de o próprio rio desaparecer.

Contudo, de acordo com o administrador do Distrito de Morrumbene perante a questão, diz que *" a nossa preocupação, neste momento e muito embora limitados, está em encontrar saída o mais breve possível de tirar as famílias que teimam em não sair das margens do rio, nomeadamente em Combine e no rio que corre próximo da vila, onde também funcionou uma barragem que produzia a energia eléctrica que abastecia o município "*⁶⁸

Apesar da contenda, espera-se que dentro em breve, a situação venha a mudar logo que se conseguir o consenso entre as partes envolvidas de modo a permitir que as actividades outrora desenvolvidas venham a arrancar.

6.3 REABILITAÇÃO DE ECONOMIA E O REGRESSO DA POPULAÇÃO

A situação actual, é que todos os esforços estão virados para a reconstrução nacional e a reintegração da população que havia se deslocada durante a guerra.

Porém, esses esforços a ser envidados, não só dependem da capacidade financeira do

68

"Sura em excesso transtorna em Morrumbene". Maputo: Savana, 14.6.96, p.12

país como também da Comunidade Internacional, pesando-lhe a maior percentagem para a realização de muitas das tarefas.

Morrumbene, é um distrito basicamente agrícola.

Embora com outras actividades económicas, é neste sector onde decorrem vários trabalhos de modo a dar uma nova vida ao distrito.

As acções decorrentes, estão concentradas ao desenvolvimento integrado rural, onde ao introduzidas técnicas apropriadas, permitirão o aumento da produtividade.

De acordo com o plano das estruturas locais do Governo,⁶⁹ o distrito faz parte dos considerados prioritários para a concentração de meios e recursos disponíveis.

Os programas deste plano, virados ao desenvolvimento e extensão rural integrados (Programa geral de reabilitação da produção agrária-PGRPA), as suas acções enquadram o apoio à extensão agrária, reabilitação de infraestruturas de regadio e drenagem, produção de sementes (incluso no Programa de emergência -PESU); apoio à fruticultura e silvicultura, fornecimento de maquinaria e alfaias agrícolas, apoio às cooperativas e associações.

Este projecto de desenvolvimento integrado rural, foi financiado pela Agência Americana para o Desenvolvimento-USAID e executada pela Community Aid Abroad-CAA, iniciada em 1985 com o capital de 170.600 \$USD para toda a Província.

É possível que nos anos que se seguiram à independência, o número dos efectivos tenha sido elevado mas devido à falta de dados, não foi possível elucidar este período, senão apenas nove anos depois.

Deste modo, a partir de 1984 até 1989, a população animal vinha decrescendo (tabela⁶⁸ 8) devido às constantes deslocações que as populações sofriam em busca de lugares mais seguros.

Contudo, por inexistência de dados quantitativos sobre a produção agrícola nos anos que ateceram a guerra, senão das campanhas posteriores ao Acordo Geral de Paz, poder-se-à dizer que ela tende a índices satisfatórios.

Nas campanhas agrícolas 92/93 e 93/94, a produção do milho e de mandioca no sector familiar foi de 29.844,5 , 28.829 ; 2.501 e 4.451⁷⁰ toneladas respectivamente.

Pelos dados, pode-se deprender que o milho teve um decréscimo de 1.015,5 toneladas

69

DIRECÇÃO PROVINCIAL DE AGRICULTURA. Linhas gerais de desenvolvimento dos distritos prioritizados no âmbito central e local. Inhambane, 1990.

70

Op. cit pp.13-14

enquanto que a mandioca aumentou em 43%.

Para além da agricultura, a pesca durante os anos de seca e conseqüentemente os de guerra, contribuiu muito para a dieta das populações.

Os hábitos populacionais mudaram pois, registou-se o consumo e a comercialização de quase toda a variedade de mariscos por parte daqueles que vieram ao refúgio.

Todavia, devido a falta de dados quantitativos, dificilmente se pode falar das quantidades pescadas e ainda do que foi para o comércio.

O distrito, ainda faz parte do projecto de reabilitação e desenvolvimento da agricultura-componete cajú, num acordo de crédito assinado em Setembro de 1990, entre a Associação para o desenvolvimento Internacional(Agência Financeira do Banco Mundial) e o Governo de Moçambique, no valor de \$USD17,8 milhões, para o período de 1991-1998.

Em paralelo à agricultura, na pecuária, algumas actividades de recuperação desta área estão sendo desenvolvidas.

Para o efeito, o distrito dispõe de três tanques carracidas e seis concentrações para a assistência de animais que beneficia cerca de 4000 cabeças.

A recuperação destes tanques, garantirá uma assistência regular ao gado e controlar os efectivos.

No presente, está a funcionar em pleno o tanque de Madangela, embora seja necessário carretar água no rio, por a bomba se encontrar avariada há já bastante tempo.

Em relação ao de Minguene, que se encontra a operar parcialmente e ainda sem cobertura, tem se gasto muitas vezes medicamentos que, ao ser introduzidos, evaporam-se nos dias de muito sol ou então ficam sem efeito quando chove muito devido ao excesso de água.

Porém, pouco a pouco, decorrem trabalhos de restauração deste tanque incluindo o de Chiacho ambos na localidade de Mocodoene distando da sede do distrito, cerca de 12 e 75 Km respectivamente.

A reposição destes tanques poderá vir a sanar as dificuldades que o distrito atravessa inerentes a assistência dos animais.

No respeitante ao fomento pecuário, o distrito já começou a receber algumas espécies de animais particularmente bovino e caprino.

O distrito, através dos Serviços Provinciais de Pecuária, recebeu 44 animais que contemplaram 22 criadores, à razão de um par cada.

Destes animais, nove vieram a morrer pois, nos locais de proveniência, estes estavam habituados a estar em cercados isto é, em regime livre. Chegados ali, foram amarrados e os animais ficaram sufocados com a corda suicidando-se.

Para além da espécie bovina, o distrito espera ainda receber 190 cabritos tendo já chegado no local, 21 animais que beneficiaram 8 criadores.

Do arrolamento efectuado em Setembro de 1995, e que ainda vinha decorrendo até a altura da recolha destes dados (Novembro), o distrito possuía uma população animal de aproximadamente 4612 animais de todas as espécies. (veja a tabela 10).

TABELA 10
Arrolamento do gado no distrito em 1995

GADO	Bovino	Caprino	Suíno	Asinino	Ovino	Total
1995	3028	922	591	38	33	461

Fonte: Direcção Distrital de Agricultura e Pescas, 1995

Contudo, um outro factor que se levanta e pode de certa maneira inviabilizar os planos de melhorias nesta área, está relacionado com os meios de transporte.

O transporte é vital especialmente para a deslocação dos encarregados de Tanque. Sem ele, a assistência aos animais torna-se morosa e os produtos utilizados para a limpeza tem ultrapassado o período exigido devido a demora.

Anteriormente no período colonial, cada chefe do tanque residia no seu próprio local de trabalho o que hoje não acontece. Estes vivem muito deslocados do seu sector.

Contudo, mesmo com estas dificuldades no terreno, algo tem sido feito de modo o distrito a retomar as suas características na produção animal.

Em relação à outras actividades elas vão se realizando embora com sérias dificuldades.

É assim que no sector das pescas, por se tratar de uma actividade não controlada eficazmente, passa necessariamente pela reorganização do ramo.

Actualmente, a pesca artesanal é efectuada por cooperativas e associações, o que também inclui a captura de holotúrias e baleias cuja actividade, ainda não ganha maiores proporções em virtude de requerer muitos cuidados no processo do seu tratamento, de

conservação e até a fase de comercialização.

Esta, é efectuada por aproximadamente três barcos todos localizados na sede do distrito enquanto que nas regiões de Kochi e Linga-Linga, ela é feita por meio de canoas e gamboas.

A aquisição dos excedentes de produção familiar ou cooperativa é feita por empresas estatais como a PESCOM e ainda outros negociantes singulares.

A captura de holotúrias e baleia ainda não está muito desenvolvida embora haja tendência de maior exploração.

Os produtos capturados, não só abastecem as populações locais como também são comercializados com os distritos circunvizinhos sem acesso ao mar.

Por falta de registo a nível local, não foi possível conhecer as cifras do pescado apanhado ao longo do tempo.

Morrumbene é considerado um dos centros mais activos de produção pesqueira coadjuvado pelos distritos de Inhassoro, Mambone e Vilanculos.

6.3.1 REGRESSO DA POPULAÇÃO

CONCEITO SOBRE O TERMO REASSENTAMENTO

Reassentar: verbo transitivo. Assentar novamente. O Estado de sítio. Tornar a assentar-se. Do prefixo re e assentar ou assentar-se.

Verbo Regular. Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira. VOL. XXIV. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1945. P.518. Tornar a assentar-se. V.T (de re + assentar). Novamente assentado.

SILVA, António de Morais. Grande Dicionário de Língua Portuguesa VOL.IX. 10ª ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1945.

Logo: Reassentamento, será o acto ou efeito de reassentar.

Após a conceitualização do termo reassentamento, vamos a partir da cifra dos deslocados registados no distrito durante a guerra, procurar ver quantos é que até ao momento rumaram ás origens.

O número dos deslocados não é de facto o exacto pois, existiram aqueles que nem sequer se apresentaram nos postos de registo e recepção, passando directamente para as outras províncias como Gaza e Maputo junto aos seus familiares.

Do número registado de deslocados, até 21 de Julho de 1994, tinham regressado as zonas de origem 4.286, distribuídos por Sitila(1120), Gotite(916), Mocodoene(2107), Cambine(82) e Malaia(61).

Estes regressados, foram apoiados em cerca de 121 toneladas de cereais, 54 toneladas de lentilhas e 2,15 de óleo.

Para além destes regressados, contam-se ainda cerca de 70⁷¹ chegados em Maio do mesmo ano, que haviam se refugiado nos países vizinhos.

De certa maneira, a população tenta regressar às suas zonas de origem. Mas as condições encontradas no terreno, como a falta de água, insuficiência de escolas, postos de saúde, não captivam o retorno massivo.

Algumas famílias em vez de regressarem todos, parte (particularmente filhos em idade escolar) mantém-se na vila onde pode encontrar a escola e ainda os cuidados hospitalares⁷².

É assim que a maior parte da população deslocada, optou por se instalar na zona onde outrora buscou segurança por meio de compra de terreno ou então dado no durante a guerra.

6.4 DESTRUIÇÃO DAS MINAS

As minas constituem uma das consequências da guerra e são um obstáculo para o desempenho de muitas actividades e ainda no reassentamento das populações.

Durante a guerra, Morrumbene teve zonas que estrategicamente tiveram que ser minadas e outras que, por iniciativa dos próprios intervenientes no conflito, para a sua segurança ou então para impedir que entre as duas forças penetrassem nos locais sem grandes dificuldades, colocaram-nas.

Deste modo, encontramos minas espalhadas em regiões como Mocodoene, onde esteve instalado o quartel, Matalane, Tambajane, Gotite, Maivene, Malaia, Cambine sede, Pagula

71 "Repatriation and Reintegration of Mozambican Refugees: Progress Repatriation" Mozambique: UNOHCR, 1994.-

72 De notar que esta prática de deixar ou enviar os filhos para estudarem nas vilas, é já antiga pois na década de 70 por exemplo, os filhos dos régulo Mussanhane, tinham uma casa alugada pelo pai.

e ao redor da sede do distrito.

Apesar destes locais minados serem maioritariamente conhecidos pela população local, elas são um entrave porque encontram-se em caminhos/picadas que dão acesso às escolas, estabelecimentos comerciais, machambas entre outros lugares de muita movimentação da população.

Estas, já mataram. A 26 de Janeiro de 1996, pelo menos 10 pessoas perderam a vida e outras 6 contraíram ferimentos graves quando uma viatura em que viajavam, despoletou uma mina na localidade de Gotite⁷³.

Contudo, a maioria destas minas ainda não foram retiradas. Esperava-se que em Setembro/95, a brigada de desminagem que se encontrava a trabalhar em Jangamo, teria terminado os seus trabalhos e que iniciaria o trabalho de desminagem em Morrumbene, uma vez que o levantamento fora já efectuado.

Porém, existem problemas uma vez que, dos lugares minados há aqueles que não foram de âmbito militar. Os indivíduos que detinham estes engenhos e achassem que deviam colocá-los naqueles locais, faziam-no e neste momento nem se encontram na zona dorovante certos lugares serem conhecidos pela população.

Para além das minas serem um perigo, elas são um obstáculo no desenvolvimento das actividades quotidianas das populações e do próprio distrito.

Deste modo, aguarda-se que a equipe de trabalho de desminagem, venha realizar com sucesso à sua tarefa para permitir o relançamento das actividades de desenvolvimento.

6.5 RELANÇAMENTO DE PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO

Antes do início das incursões armadas, a nível central, haviam sido concebidos alguns projectos de desenvolvimento em diversas áreas para o distrito.

Porém, o alastramento das acções militares na região, muitos destes empreendimentos ficaram inviabilizados.

Com a relativa estabilidade que hoje se vive, assiste-se ao relançamento destes projectos ao mesmo tempo que se procuram meios financeiros para a sua execução.

Na área da agricultura, em 1985, tinha sido iniciado um projecto de desenvolvimento

73

"Morrumbene: mina mata 10 pessoas" In: Notícias. Maputo: 12/2/96, p.7

integrado rural, financiado pela USAID com um capital de \$USD170.6 dólares.

Apesar da guerra, as tarefas ligadas ao desenvolvimento integrado, não estiveram paradas onde algumas populações se beneficiaram no âmbito dos ensinamentos técnicos no desenvolvimento agrícola.

Para além do projecto acima indicado, também tinha sido programado um outro, denominado "Mahangue" com o capital orçado em \$USD350.10³.

Este estava relacionado com o regadio e drenagem nas margens do rio Nhanombe, com uma baixa estimada em 850 hectares das quais estão em aproveitamento apenas 450.

Uma vez que a situação é estável, seria imperioso a reactivação deste projecto para o aproveitamento dos restantes hectares, para melhorar as condições de vida das populações locais para além de tornar.

Por outro lado, a população tornaria auto-suficiente em produtos agrícolas e criaria excedentes para a comercialização para além de postos de trabalho.

Por outro lado, a nível local, se colmataria a situação a busca de emprego fora, diminuindo-se o fluxo de saída para à procura de melhores condições de vida.

O meio natural de que o distrito se dispõe em termos de existência de determinadas matérias primas, poderá ser aproveitado criando algumas indústrias locais.

Estas indústrias a ser desenvolvidas por exemplo, pescado que seria processado de várias formas, o coco e mafurra para o fabrico de sabões e óleos etc.

A criação destas indústrias, poderão criar postos de emprego, aliciando as famílias a não abandonarem o campo à procura de trabalho como também desenvolverão o próprio distrito.

Por outro lado, evitar-se-ia custos elevados em transporte de matérias-primas para as fábricas afins que se localizam em lugares distantes.

Contudo, não basta a boa vontade para a realização destes empreendimentos mas sim de pessoas capazes e existência de meios financeiros.

6.6 CONFLITOS DE TERRAS

A temática terra, está merecendo um estudo profundo nestes nossos dias.

Assim sendo, para se levantar questões ligadas à terra, é preciso que antes, conheçamos as especificidades de cada região quanto ao regime de posse deste bem.

Mas por outro lado, e do conhecimento de todos que a terra, após a independência em 1975, é da pertença do Estado.

No passado, os colonos e alguns assimilados, conseguiram obter por títulos a concessão de terrenos para posterior exploração.

Mas também, muitos, de acordo com a herança consangínea, foram obtendo terras e outros iam adquirindo pelos seus próprios meios.

Portanto, deparamos que na Província de Inhambane e em particular em Morrumbene, encontramos características bem diferentes em relação à posse de terra.

Existem propriedades cujos donos, abandonaram-nas após 1975, e aquelas em que os verdadeiros proprietários estão presentes e ainda outras que por ausência dos titulares foram redistribuídas.

A partir destas situações reais no terreno, não falarei de existência de problemas de reordenamento de terras mas talvez de conflitos que possam a vir registar-se no futuro.

Partindo do pressuposto terra pertecente ao Estado, significa que aqueles titulares de terrenos anteriores à independência, perdem-nos.

Por outro lado, os herdeiros destas propriedades, que reclamam a sua legitimidade, são lhes restituídos somente a parte que até a altura do abandono, havia sido plantado certas culturas que podem ser vistas actualmente.

Anulado o título de propriedade anterior, a redistribuição e o parcelamento daqueles terrenos, embora na altura tivesse sido arbitrária, hoje, obdecerá a determinadas regras de acordo com a lei de terras.

Assim, o reaver destas terras por herdeiros, ou a aquisição segundo os novos padrões, serão estipulados por esta lei.

Mas por outro lado, verificou-se que durante o conflito armado de cerca de uma década e meia, muitas populações haviam se deslocado de suas zonas de origem.

Estas, foram se instalando em lugares que as outras, foram deixando porque as acções já não se faziam sentir na região.

Outras ainda, de acordo com o seu poderio económico, foram adquirindo propriedades para se estabelecerem.

Findo a contenda militar e após o Acordo Geral de Paz de Outubro de 1992, algumas destas populações, vão paulatinamente regressando às suas zonas de origem.

Chegados à casa, e de acordo com as especificidades da zona, cada um preocupa-se

por ir ocupar a sua terra embora não necessariamente no lugar onde anteriormente havia se acomodado.

Nesta óptica, dificilmente registamos conflitos de terra na região.

Com isto não quero dizer que não se poderão encontrar casos isolados do género.

O que se deve incutir nas pessoas, é que aqueles que possuem propriedades não tituladas, devem a partir de agora, recorrer a esses meios para a sua exploração.

Talvez a partir dessa altura, venham a criar-se problemas relacionadas com o reordenamento de terras.

6.7 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Como o próprio capítulo diz, trata-se da fase da reconstrução de todas as infraestruturas sócio-económicas destruídas durante a guerra.

Todavia, esta recuperação passa necessariamente dos fundos disponíveis e dos esforços a evitar a nível local para a realização desta acção.

É assim que a nível das várias instituições estatais, estão empenhados em diversas tarefas de acordo com a sua área.

Apesar do fim da guerra, o distrito quase que se encontrava estagnado embora se tenha iniciado a realização de algumas acções de reparação.

Porém, a afectação de um novo administrador, parece que o distrito começa a ter um novo olhar.

Na área de construção e águas, decorrem trabalhos ligados a abertura e reabertura de furos e poços de água bem como a reparação de algumas pontes.

Do mesmo modo, assiste-se a venda de material como cimento para a recuperação de cisternas.

No respeitante a agricultura, tem lugar as actividades de parcelamento e extensão rural bem como a distribuição de sementes de algodão em algumas zonas do distrito como Furvela, Pateguana e Inguana.

Para o fomento e produção animal, o distrito tem vindo a receber algumas espécies de animais como bovino e caprino.

Em paralelo, luta-se pela recuperação dos tanques existentes e melhoramento de condições nas concentrações criadas para a assistência dos animais.

Morrumbene como distrito basicamente agrícola, a efectivação da desminagem, cria um entrave para as actividades quotidianas das populações.

Contudo, mesmo com esta problemática, há já movimentos palpáveis em termos de relançamento de projectos de desenvolvimento anteriormente programados principalmente na agricultura.

CAPÍTULO 7 CONCLUSÕES GERAIS

No que toca o meio natural do distrito existem zonas pobres e ricas com grande variedade em solos.

A agricultura praticada é de regime familiar, geralmente disperso e encontra-se principalmente nas zonas baixas e margens dos rios.

A introdução de tecnologias apropriadas de extensão rural e de criação de condições técnicas básicas tais como sistemas de irrigação simples localmente sustentáveis, ajudariam as populações e muitas culturas produzidas (algodão, amendoim, milho, mapira) no período colonial poderiam ser reactivadas.

Estas culturas continuam a ser importantes para o desenvolvimento do distrito, para além do consumo e da comercialização.

A seca e a guerra movimentaram quase toda a população do interior, isto é, do campo à vila e ainda para fora do distrito.

Esta situação fez com que as populações se tornassem carentes pois, a maioria tinha como fonte de rendimento a agricultura e conseqüentemente viveu de produtos doados que se tornaram insuficientes.

A disponibilidade e acesso à terra foi variável, pois, enquanto uns possuem terras porque a herdaram outros, por meios próprios compram-nas a terceiros, os deslocados viram-se desprovidos deste meio (terra).

Isto levou a que a maioria da população deslocada se dedicasse à outras actividades com particular destaque o comércio informal. Para aquela que tinha como base de sustentabilidade o trabalho das minas da África do Sul, emprego nas cidades da Beira, Inhambane, Xai-Xai e Maputo, conseguiu, durante o período de guerra, minimizar a sua situação económica.

Na zona costeira, tendo em conta a composição da população, registou-se uma predominância linguística. Enquanto a região é habitada na sua maioria pelos bitongas, a língua tswa tomou a dianteira na comunicação da população.

Por um lado, foi ganhando novos hábitos nos locais de refúgio, optando por novos padrões de reassentamento nas zonas onde se instalou. Assim, a população não regressa totalmente à sua zona de origem, indo apenas para aqueles locais, fazer as suas machambas, mantendo-se no terreno comprado ou então concedido na altura de insegurança.

Por outro lado, aquela que ainda não regressou, hesitando devido a dificuldades tais como distância, falta de infraestruturas: escolas, postos de saúde, água para além das vias de acesso para o transporte de seus produtos.

Levar crianças a abandonar a escola para terem que caminhar longas distâncias de volta a uma área abandonada, sem um sistema de educação funcional, pode ser uma opção não atractiva.

Todavia, o tipo de reassentamento, transporta consigo outros problemas pois, isto implica a necessidade de se investir nos serviços sociais nestes locais.

Não foram registadas na região, problemas entre os regressados e a população que permaneceu nos seus locais até ao fim do conflito em termos de acesso à terra.

De certa maneira isto encontra explicação, pois a maior parte da população da Província e em particular da zona, é possuidora de propriedades quer compradas ou então herdada.

É neste âmbito que a população regressada foi se reinstalar no seu respectivo terreno embora não necessariamente onde tivesse outrora construído a sua casa, salvo aquela que possuía casa de alvenaria que precisa ser restaurada.

A reposição da rede comercial associada à agrícola, é necessária. Ela pode ser usada como base para a reactivação da população em termos de perspectiva de uma economia agrícola.

Por outro lado, é preciso que os sistemas de crédito financeiro com o envolvimento das instituições vocacionadas para o efeito sejam melhor estudados de forma a permitir que os interessados se sintam cativados.

Os sectores de saúde e educação ainda merecem especial atenção. A ausência de meios financeiros faz com que muitos projectos concebidos não sejam materializados.

Várias instituições internacionais que operam em Moçambique, caso concreto em

Morrumbene, não devem cruxificar as instituições do Estado senão uma coordenação de esforços.

Actualmente, algumas ONG's ao construirem ou reabilitarem determinadas obras tais como escolas, hospitais etc., têm utilizado material misto e precário o que não permite a durabilidade dessas construções. Isto porqu depois de um ou dois anos, essas obras já requerem uma nova reconstrução ou mesmo a edificação de novas. Porque não utilizar o material convencional nessas construções?

A segurança pública ainda não é efectiva, sobretudo, devido a existência de minas em muitos locais dentro do distrito.

Apesar deste problema, há já movimentos palpáveis em termos de relançamento de programas de desenvolvimento anteriormente programados, principalmente na área agropecuária.

Contudo, para o bom andamento das actividades quotidianas da população, seria útil a desminagem das zonas identificadas para permitir a tranquilidade da população que circula na nelas.

O distrito precisa de ser reactivado de modo a que as suas pontencialidades sejam aproveitadas para o próprio desenvolvimento e bem estar dos seus habitantes.

Para que a reafixação da população afectada durante o conflito armado se realize com sucesso é necessário que haja um maior empenho das instituições estatais assim como da própria sociedade.

Aos líderes comunitários, cabe-lhes também maiores desafios que incidem sobre a necessidade da reposição de todo o manancial de valores tradicionais, destruídos ou postos em causa durante a guerra.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Armando Antunes de 1959. Monografia Agrícola de Massinga-Posto Sede Lisboa. (Memórias da Junta de Investigação do Ultramar nº10, 2ª série)

ALMEIDA GARRETT, Thomas de 1907 Um governo em África: Inhambane 1905-6, Lisboa

ANUÁRIO DO ESTADO DE MOÇAMBIQUE 1972-73. Lourenço Marques

ARAÚJO, Manuel 1987. Seis aldeias comunais da Província de Inhambane. Maputo

CABRAL, Augusto Pereira. 1910 Raças, usos e costumes dos indígenas do Distrito de Inhambane. Lourenço Marques

CAPELA, José 1971. O vinho para o preto: notas e textos sobre a exportação do vinho para África. Porto

CARVALHO, José Botelho de Araújo 1920. Relatório acerca da administração do Distrito de Inhambane-1917. Coimbra

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. 1979 O mineiro moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão de obra. Maputo

CUNHA, F. R. 1968 Condições ecológicas do distrito de Inhambane em relação à cultura do coqueiro. Lourenço Marques

GOUVEIA, Godinho e AZEVEDO, Ário de 1955 Esboço de reconhecimento ecológico-agrícola de Moçambique. Lourenço Marques

GOUVEIA, Domingos Henriques Godinho. 1960 Notas sobre alguns solos do sul do Save. In: Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique. vol.29,124
Lourenço Marques

MAGAIA, LINA 1989. Duplo massacre em Moçambique: histórias trágicas do banditismo -II. Maputo

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR. 1966 Recenseamento agrícola de Moçambique:
Vol 9: Lourenço Marques

MINTER, W. 1989 " The Mozambican National Resistance (RENAMO) as described by ex-participants". Amsterdam

MONTEIRO, José Firmo de Sousa. 1959 Relatório sobre o resgate dos <<Machongos>> do sul do Save referente a 31 de Dezembro de 1957.
Lourenço Marques

MUKHOMBO, Aron S. A mulaveteli wa ntumbuluku wa va tshwa. Cleveland:
The Central Mission Press, 1954

A nkutsulani wa matimu ya vatshwa: a timhaka ta kale ti khedzelweko. Braamfontein: Savona Pulbilhers & Booksellers.1981

PILILÃO, Fernando. 1987 Moçambique: evolução toponímica e divisão administrativa 1974-1987. Maputo

PINHEIRO, Cónego Francico Maria. 1975 Na entrega do testemunho Lisboa

RITA-FERREIRA, António 1958. Agrupamento e cracterização étnica dos indígenas de Moçambique. Lisboa

RITA-FERREIRA, António 1982. Fixação portuguesa e história pré-colonial de

Moçambique. Lisboa

ROOTSELAAR, G. J. Van. 1982 Rangeland evaluation of the Urrongas plains in the interior of the northern part of the province of Inhambane. Maputo

RUFINO, Aurélio dos Santos 1989. Programa geral de reabilitação da produção agrária nos distritos prioritários: Província de Inhambane. Maputo

SANTOS, Carlos Affonso dos 1937 Relatório do governo do distrito de Inhambane nos anos 1931-32-33 e 1934. Lisboa

YOUNG, Sherilynn 1977 "Fertility and famine: Women's agricultural history in southern Mozambique" In: The roots of rural poverty in Central and Southern África. London

DOCUMENTAÇÃO NÃO PUBLICADA

CARRILHO, João. 1988 Análise dos componentes relativos ao sector agrário nos projectos de programas provinciais para 1989, nas províncias de Zambézia, Maputo, Gaza, Niassa, Tete e Inhambane. Maputo

DIRECÇÃO DE ECONOMIA AGRÁRIA. Vol.4. Diagnóstico provincial do sector agrário de Inhambane. Maputo: DEA, 1991

DIRECÇÃO PROVINCIAL DE AGRICULTURA. 1986 Breve situação sobre o sector agrário da província de Inhambane. Inhambane

DIRECÇÃO PROVINCIAL DE AGRICULTURA. 1990 Linhas gerais do plano de desenvolvimento dos distritos prioritários no âmbito central e local. Inhambane.

DIRECÇÃO PROVINCIAL DE AGRICULTURA 1990 Plano de desenvolvimento: Massinga, Morrumbene, Homoíne e Panda . Inhambane

FONSECA, Viriato Faria da 1960. Potencialidade agrária do distrito de Inhambane: uma boa região agrícola abandonada pela incapacidade dos seus agricultores civilizados. Lourenço Marques

KIR, Adnan. 1985 Assistência técnica do desenvolvimento florestal e a produção florestal: estudo preliminar de viabilidade. Maputo

LAAN, F. B. van der 1982. Land suitability and human carrying capacity study applied for communal villages of interior of northern and central part of the province of Inhambane. Vol.II. Maputo

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA 1991 Diagnóstico provincial do sector agrário de Inhambane. Vol.IV. Maputo

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA 1991 Reabilitação rural da zona litoral norte da Província de Inhambane: relatório anual (1º ano de implementação). Maputo

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E HABITAÇÃO 1980 Pesquisa e aproveitamento de águas subterrâneas da Província de Inhambane: revelamento e estudo de solos, interpretação dos solos segundo a aptidão agrícola e florestal do território. Vol.3 Maputo

Pesquisa e aproveitamento de águas subterrâneas da província de Inhambane: análise territorial, a individualização das áreas de intervenção, as actuais funções territoriais, apêndices, considerações finais. Maputo

FONTES DE ARQUIVO

CRUZ, Luiz C. Lopes da. Relatórios de inspeção dos serviços administrativos e dos Negócios Indígenas. 1944. AHM. cx.30

MONTANHA, António Alberto Furtado, Relatórios de inspeção dos Serviços Administrativos e Negócios Indígenas às Circunscrições do distrito de Inhambane. Lourenço Marques, 1938. AHM. cx. 30

PIRES, Júlio Augusto. Relatórios das inspeções ordinárias à Comissão Municipal de Inhambane e administração do Conselho desta vila e às circunscrições de Govuro, Homoíne, Inharrime, Massinga, Morrumbene, Panda, Vilanculos e Zavala com os respectivos postos (...), 1947. AHM. cx. 30

ROSINHA, Armando José. 1971 Relatório da viagem de inspeção as coutadas oficiais e áreas livres dos distritos de Gaza, Inhambane, Beira e Vila Pery. Lourenço Marques

DOCUMENTAÇÃO DISPERSA

Relatórios da sala de operações do Estado Maior de Inhambane 1980, 1984, 1985, 1986, 1988, 1989, 1990 e 1991

FONTES ORAIS

ARTUR, António

BOBIANE, Martins Handela

CUMBE, Pedro Jossai

CHAMUSSO, Pedro

CHIRRIMBUANA, Maria

FERNANDO, Alzira
FRANGUANA José
GARRINE, José Manuel
GUIRRENGANA, Manuel
LANGASITELA, Amélia
MAGUMANE, Eugénio
MASSINGUE, Francisco Ferrão Franco
MBUVANE, Florinda
MUFANQUISSO, Angélica
MUDUMELA, Tomás Augusto
NAMBURETE, Luís Pedro



ANEXOS, ENTREVISTAS E MAPAS

ANEXO A

TABELA 2
MORRUMBENE: DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE O N.º DE ALUNOS MATRICULADOS NO
ENSINO ELEMENTAR, COMPLEMENTAR E RUDIMENTAR 1930-1962

Tipo	Elementar e Complementar			Rudimentar		Ensino Primário de Adaptação			Total
	Oficial	Cat61.	Prote.	Cat6lico	protest.	Oficial	Cat6lico	Protestant	
N.º de Alunos									
Anos									
1930				378	294				672
1931				298	355				1145
1935			339	549	257				
1936/38			3500*						3500
1950/52	50			3976	466				4492
1953	34	51		3807	477				3892
1955	30**	46		4089	479				4644
1956	33	86		4177	514				4810
1957	33			3897	575				4505
1958	35	92		5639	539				6305
1960							2441		633
1961							5395		725
1962							2266		667
									2933

Fonte: Os dados foram compilados a partir dos anuários de ensino dos respectivos anos. * A escola foi encerrada nesse ano lectivo.

ANEXO B
QUADRO 3
 % de saída de trabalhadores para a
 África do Sul da Província de Inhambane
 (1940-1975)

ANOS	População activa masculina(20-60)	Movimento Migratório	% de Emigrantes
1940	89.944	23.592	26
1941	90.976	25.522	28
1942	92.026	23.176	26
1943	93.037	24.874	27
1944	94.068	29.272	31
1945	95.099	27.824	29
1946	96.130	27.405	28
1947	97.161	26.447	27
1948	98.162	25.582	26
1949	99.223	27.792	28
1950	100.258	23.876	24
1951	102.320	27.449	27
1952	104.382	21.266	20
1953	106.444	26.144	25
1954	108.506	27.115	25
1955	110.568	25.814	23
1956	112.630	23.716	21
1957	114.692	22.899	20
1958	116.754	-	-
1959	118.815	23.308	20
1960	120.877	18.499	15
1961	124.884	18.200	15
1962	127.291	17.754	14
1963	130.498	19.274	15
1964	133.705	24.108	18
1965	136.912	19.444	14
1966	140.119	25.054	18
1967	143.326	20.144	14
1968	146.534	19.950	14
1969	149.741	19.021	13

1970	152.950	24.664	16
1971	157.860	19.045	12
1972	162.770	20.309	12
1973	167.680	18.722	11
1974	172.590	20.420	12
1975	177.500	24.003	14
1976	182.410	8.733	5

Fonte: In: " O mineiro moçambicano: um estudo sobre a mão de obra". Maputo : UEM/CEA, 1979, p.90

ANEXO C

QUADRO 4

% de saída de trabalhadores para a África do Sul
Distrito e Morrumbene 1960-1976

Ano	População activa masculina (20-60)	Movimento Migratório	Percentagem de Migrantes
1960	14514	2751	19
1961	14591	2854	19
1962	14668	2666	18
1963	14745	2821	19
1964	14822	3175	25
1965	14899	1919	23
1966	14976	3045	20
1967	15053	2341	15
1968	15130	2414	16
1969	15207	2340	15
1970	15279	2795	18
1971	15395	2118	14
1972	15511	2393	15
1973	15627	2025	13
1974	15743	2503	16
1975	15859	2580	16
1976	15975	502	3

Fonte: Mine labour Organizations (WENELA) LTD. Progressive comparative statement of output 1960-1976 IN: "O mineiro moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão de obra". UEM. p.98

ANEXO D

MORRUMBENE HISTORIAL ADMINISTRATIVO

A circunscrição de Morrumbene, foi criada em 1891, fazendo limites com as circunscrições de Massinga a norte, Homoíne e Funhalouro na parte oeste, no este o Oceano Índico e a sul a Maxixe(mais tarde cidade) que dista a 29 Km¹da sede do actual Distrito.

Com a Reforma Administrativa Ultramarina (RAU), aprovada pelo Decreto-Lei n^o23.229 de 15 de Novembro de 1933, revogou toda a legislação anterior, geral e especial.

A partir da data em que principiou a vigorar (1/1/1934) estabeleceu uma nova divisão administrativa onde a Colónia passa a ter circunscrições ou Conselhos consoante o nível de seu desenvolvimento.

Foi neste âmbito que Morrumbene passou a abarcar uma extensão enorme e superior a definida em Junho de 1891, pois, já fazem parte desta, outras três antigas circunscrições, Panga, Mocodoene e Massinga², que tinham sido extintas em 1923, 1933 e 1934 respectivamente e incorporadas na de Morrumbene como sede.

A partir de 1934, a circunscrição passa a ter uma área de aproximadamente 4500Km², com uma população de cerca de 71.675 habitantes das quais 28.350 pertenciam a Morrumbene e os restantes ao posto administrativo de Massinga³.

¹ Estes limites foram definidos pela Portaria n^o 12624 de 19/08/1958. Idem. p.957

² Foi extinta pela Portaria n^o2189 de Junho de 1934. Contudo, nas legislações anteriores em 1931 através da Portaria n^o1335 e em 1933 já se mencionava a extinção desta circunscrição. Santos, Carlos Affonso dos. Relatório do Distrito de Inhambane nos anos 1931-34. Agência Geral das Colónias, 1937. p.26

³ Relatório dos Serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas, 1938. AHM. Cx. 30

Nesta população não está incluída a europeia, asiática, indiana e mestiços. Embora seja um número muito reduzido, esta população, se dedicava a actividades agro-pecuária e comércio, tinha peso económico e sócio-político.

De notar que pela Portaria nº671-A de 12/9/1908, tinha sido também extinta a circunscrição da Maxixe, passando o regulado de Tinga-Tinga para Morrumbene, mas que tardiamente, voltou a ser incorporado à Maxixe, criando-se um novo posto administrativo.

As autoridades administrativas, viram-se sufocadas com a situação pois, era difícil cobrir administrativamente toda a região devido a falta de meios humanos.

Às doze regedorias aumentaram-se mais três pertencentes a Massinga e uma da circunscrição da Maxixe, passando assim para dezasseis regulados.

De 1934 até Setembro de 1938, altura em que fora efectuado uma inspecção pelo inspector Furtado Montanha dos Serviços Administrativos dos Negócios Indígenas à várias circunscrições do Distrito de Inhambane, Morrumbene esteve sem administrador e à cargo de seis funcionários e o posto de Massinga estava entregue a um intérprete devido ao afastamento do respectivo chefe.

Destes funcionários, um deles nem sequer pertencia ao quadro administrativo pois era formado em medicina e tentou abraçar o cargo da administração sem sucessos voltando a sua profissão de médico.

A crise económica que levou a extinção de algumas circunscrições e a conseqüente redução do quadro de pessoal, criou perturbação nos serviços administrativos.

Sabe-se no entanto que neste período, cada circunscrição deveria pelo menos funcionar com 40 funcionários isto é, 1 administrador, 1 secretário, 2 aspirantes, 24 cipaios na sede e 12 no posto administrativo.

Todavia, apenas 19 funcionários é que constituíam a máquina administrativa da circunscrição, sendo 1 administrador, 1 secretário, 1 aspirante, 12 cipaios na sede e 4 no posto.

Vimos que a anexação de Panga, Mocodoene e Massinga à Morrumbene, a área tornou-se tão vasta que o reduzido número de funcionários era insignificante e dificilmente podiam desenvolver os seus trabalhos com eficiência.

O Governador do Distrito de Inhambane naquela época dizia que " *uma imensa população mais dispersa, sede excêntrica e vias de comunicação difíceis, extensas e escassas o que não permite aos administradores e chefe do posto trabalharem com zelo ou desempenharem eficazmente as suas tarefas*"⁴.

As acções que deveriam ser efectuadas por 84 indivíduos (3 administradores, 3 secretários, 6 aspirantes e 72 cipaios) passaram a ser executadas por 3 funcionários e 16 cipaios para o policiamento de toda a circunscrição⁵.

Meter mais funcionários era mais caro, mas ao mesmo tempo contra produtivo pois não se fazia a cobrança de impostos significando isto, a quebra no pagamento dos impostos.

Como consequência, verificou-se uma desorganização em todos os serviços administrativos especialmente no arrolamento e cobrança de impostos de palhota que a medida que o tempo fosse passando, foi se registando um decréscimo, significando isto, uma quebra das receitas para a própria Colónia uma vez que era daqui onde se arrecadava maiores somas.

Esta extensão da circunscrição, foi por várias vezes reclamada e era mencionada quase em todos os relatórios quer os da inspecção dos Serviços Administrativos e Negócios Indígenas e ainda dos

próprios Governadores do então distrito de Inhambane.

Ao se comparar por exemplo os impostos cobrados nos anos de 1931 e 1937, verifica-se um decréscimo de cerca de 6.082 impostos, correspondentes a uma quebra de 1200 contos na receita.

4

Idem. p. 58

5

CRUZ, Luiz C. Lopes da, Relatórios de Inspeção dos Serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas, 1944. AHM. CX 30

Destes, 3941 registaram-se na sede da circunscrição enquanto que 2141 foram no posto administrativo de Massinga⁶.

Num dos relatórios de inspecção ordinária às circunscrições do Distrito de Inhambane encontramos uma passagem que ilustra a constatação anterior.

Em algumas regiões, há anos os régulos e os cabos ocultam o número de palhotas existentes nas suas áreas no período de arrolamento devido a hábitos que iam adquirindo devido a falta de fiscalização, recebendo dádivas em dinheiro, géneros e bebidas o que lesava a fazenda⁷.

Para além da desorganização, este decréscimo também poderia aliar-se a outros factores que a seguir mencionaremos.

As autoridades africanas, constituíam a estrutura hierárquica de base que devia difundir toda a política a exercer sobre as populações rurais.

O administrador, por sua vez, exerceria convenientemente a sua acção caso se dispusesse de uma boa máquina de autoridades africanas.

Porém, nem tudo estava fácil. Alguns destes chefes não se encontravam legalmente nomeados e investidos nos seus cargos.

Outros como não eram legítimos sucessores de acordo com os usos e costumes e conseqüentemente não seriam obdecidos nas terras de sua jurisdição.

Estas situações, foram aproveitadas pelos chefes

locais para ocultarem o arrolamento ou então incitar as populações a resistirem a certas actividades como o que aconteceu com as culturas forçadas.

Durante oito anos registara-se em quase todos os trabalhos administrativos uma desorganização que se aliou à magnitude do território e à falta de meios que não permitiam as autoridades exercer uma acção de bom

6 MONTANHA, Furtado. Relatório de uma inspecção às circunscrições do Distrito de Inhambane. 1938. AHM. cx.30

7 RELATÓRIO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E DOS NEGÓCIOS INDIGÍNAS. AHM. CX.30, 1938

zelo.

Por outro lado, notou-se também a falta de fiscalização em toda a área que teve os seus efeitos negativos com particular incidência no arrolamento e cobrança de impostos que constituíam o pilar da arrecadação da receita não só para a circunscrição como para toda a Colónia.

Na tentativa de melhoramento dos serviços, em Outubro de 1938, foi nomeado um administrador para esta circunscrição - Ferreira Cunha.

O trabalho foi se desenvolvendo desta maneira até que em 1942, pela Portaria nº 31.896 de 27 de Fevereiro, houve a reposição da circunscrição de Massinga e as terras dos regulados de Zunguza, Mapera e Massinga foram desagregadas de Morrumbene.

A partir de 1949, após a desintegração das circunscrições, Morrumbene passa a ter menos 1992 Km² na sua área.

Regista-se o fluxo de povoamento de população europeia, asiática e ainda o desenvolvimento de várias actividades económicas ao nível da circunscrição.

O número de aquisição de títulos de ocupação de terrenos para exploração cresce e conseqüentemente a subida de número de titulares de propriedades.

Enquanto isto, a situação administrativa iam também melhorando de acordo com as mudanças que se efectuavam.

ANEXO E

MULHER ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

I. INTRODUÇÃO

Com este anexo, pretendo fazer uma breve análise das estratégias adoptadas pelas mulheres para a sua sobrevivência.

Neste trabalho, falei de alguns aspectos sobre as transformações sócio-económicas durante o período colonial.

Sherilynn Young, na sua obra sobre a fertilidade e a fome, sugere que desde o século XIX, as mulheres têm sempre lutado para a sua sobrevivência.

Socorrendo-me dos mesmos pressupostos técnicos, procuro com este trabalho, fazer uma análise sobre as estratégias desenvolvidas pelas mulheres durante a última guerra havida em Moçambique.

Para o efeito, basear-me-ei das experiências individuais das mulheres expressas através das suas próprias vozes.

Metodologicamente, recorreremos à técnica de entrevista por me revelar a forma mais eficaz de captar o quotidiano e as estratégias de sobrevivência destas mulheres.

II. ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Como notamos no capítulo 4 deste trabalho, o sub-capítulo 4.4 sobre o impacto social do período colonial, verificamos que factores como expropriação de terras, métodos violentos e exploração impiedosa utilizados

no trabalho forçado, exacerbaram a emigração para a África do Sul⁸.

Ao abandonarem o seu *habitat*, por necessidade social de ter dinheiro e a remuneração mais elevada do que localmente, trabalhos que outrora eram feitos por homens (ex: desbravar a mata, cortar árvores de grande porte, etc) passaram a ser feitos por mulheres.

Desprovidas da ajuda dos seus maridos, muitas mulheres casadas viram-se na contingência de desenvolver novas estratégias de sobrevivência. Para além do cultivo do algodão tinham que ainda se dedicar à culturas de reprodução da vida sócio-económica.

É um facto que as mulheres não tinham mais que cultivar um hectare senão meio hectare. Porém, a ausência da força de trabalho masculina se fazia sentir noutras áreas da economia doméstica (familiar) dos camponeses.

É assim que no século XIX, muitas mulheres se empregavam em largos esquemas de plantações de terras expropriadas de seus donos quer em Inhambane e ainda na ex-Lourenço Marques, onde ganhavam cerca de 6-8 céntimos de libras esterlinas⁹ por dia.

Ao serem compelidas a trabalhar nas plantações de proprietários de latifúndios, recebiam um salário mínimo que tinham que pagar o tributo ao chefe para além de assegurar a reprodução.

São estas mulheres polivalentes, que acumularam novas tarefas sem prescindirem do seu papel naquelas que lhes são tradicionais isto é, todas as obrigações que dizem respeito a gerência da família.

Muitas vezes, estas mulheres sem que o tempo lhes chegue, vão apaziguando conflitos, conciliando etc..

Para além destas acções, elas deviam garantir o abastecimento em comida sem contar com a assistência do homem que se encontra a trabalhar nas minas.

Por outro lado, elas eram o garante da alimentação do próprio esposo, que às vezes nem se tinha a certeza do seu regresso após a conclusão do

⁸ Já antes de 1895, alguns iam voluntariamente e clandestinamente para as minas do rand.

⁹ YOUNG, Sherilynn. " Fertility and famine: Women's agricultural history in southern Mozambique" In: The roots of rural poverty in Central and Southern Africa. Parsons, N.Y PALMER Y. London: Heinemann, 1977. p75

contrato.

Nos anos 40, após o início da reorganização das circunscrições, a maior parte das actividades eram desenvolvidas pelas mulheres.

Elas participavam na abertura de picadas, carregando areia ou pedras e ainda cascas de alguns mariscos para a substituição da pedra em caso de ausência desta na região.

Para além do acima mencionado, elas vendiam ainda a sua força de trabalho aos asiáticos como carregadoras de copra castanha de cajú e mafurra.

Com o dinheiro que elas conseguiam auferir, compravam o que necessitavam e ainda pagavam os impostos à administração enquanto que o ganho pelos mineiros, era utilizado para a compra de alimentação como também para lobolar e casar, aumentando assim a mão-de obra familiar.

Outro, servia para a compra de junta de bois ou então aluguer de charruas para abertura de novas machambas aumentando assim o número de explorações que muita das vezes não significavam fartura porque o rendimento poderia ser baixo.

As grandes catástrofes naturais como secas e chuvas, criaram situações de fome devido à más colheitas, deixando as famílias desprovidas de géneros de alimentação.

Por exemplo, sabe-se que por volta de 1908¹⁰, as mulheres do Sul de Moçambique devido a secas e cheias não conseguiram excedentes de produção para a sua reprodução.

Elas, enfrentaram uma série de situações difíceis nas suas obrigações económicas e as suas expectativas caíram no desespero.

Nesse ano, a colheita do milho fracassou e como se sabe, este, é um produto básico na alimentação. Isto, obrigou as mulheres a evidarem esforços na colheita de raízes e folhas selvagens comestíveis para evitar com que a população morresse de fome.

Apesar desta prevenção não se conseguiu evitar que quatro anos depois(1912), o mesmo fenómeno se registasse pois, desta vez, a seca

transformou as colheitas em fome.

Para se colmatar esta situação, as mulheres se dedicaram à extracção de óleo de mafura que posteriormente era vendido.

Nesse ano, cerca de 6.000 a 7.000 toneladas foram exportadas ao que se repetiu no ano seguinte (1913), período em que mais uma vez a região voltou a ser assolada pela fome¹¹.

Em 1917, em vez de ser a seca, as chuvas torrenciais que ocorreram na região, destruíram grande parte da colheita e o preço de produtos importados teve uma inflação de cerca de 150% e o gado e rebanhos morreram aos milhares.

Eram catástrofes que quase se seguiam e aliavam-se a pestes que ceifavam muitas vidas humanas.

É assim que mais uma vez, por volta de 1922, uma fome severa veio dizimar quase um terço da população que estava desprovida de alimentação.

Os emigrantes eram a salva vida das suas comunidades. Eles, enviavam "*vastas somas de dinheiro para as suas casas*"¹² garantindo a sobrevivência dos seus, pois, cada família ia conseguindo assim superar a fome e outras necessidades.

Porém, as mulheres devido a estas situações catástroficas, experimentaram o plantio de novas culturas como o sisal que foi encorajada pelos colonos durante a primeira Grande Guerra.

De igual modo, produziram a castanha de cajú e expandiram a sua produção de amendoim.

No início, as trocas destes produtos eram feitas na base de roupa, mas mais tarde, as mulheres começaram a reivindicar a troca por dinheiro.

Contrariamente a produção do algodão nesse período, a de amendoim, atingiu cerca de 11,429 toneladas em 1925, e duplicou-se para 22,096 em 1926 e 37,604 toneladas em 1936¹³.

11 Op.cit, YOUNG, p.76

12 Ibidem, p. 77

13 Idem

Como se pode depreender, situações catástrofes vêm há bastante tempo, criando eterna preocupação às populações, mas são também fonte de inovações.

Na década de 80, mais uma vez a região sul do Save foi assolada pela seca. Para a população rural vivendo na base da agricultura a falta de chuvas diminuiu a capacidade de produção da maioria das famílias camponesas, que ficaram desprovidas de meios para a subsistência.

Mais a esta seca, veio juntar-se a situação de guerra onde as mulheres mais uma vez vão ser chamadas a redobrerem os seus esforços na procura de novas estratégias para a sobrevivência.

É assim que durante este último conflito armado em Moçambique, várias foram as formas encontradas pelas mulheres para fazer face a situação.

Vejamos o que nos dizem as mulheres que abandonaram o campo nas suas zonas de origem a partir de 1982, 1984 etc. para a vila fugindo os rebeldes armados.

Aí foi difícil. Parte de comida comprávamos e outra como mandioca tínhamos que ir buscar na machamba assim como o coco quando ainda conseguíamos ir até Nhachota. Mas quando a guerra aqueceu em 1986, as crianças já não podiam ir buscar nada lá em casa. Para se ter comida, fazia pequenas machambas aqui só para ter hortaliça, couve mas milho e amendoim comprávamos¹⁴.

Sai de Mavanza em Vilanculos em 1982. Aqui neste terreno não há lugar para fazer machamba. Saio daqui para Mohocha (antes do distrito de Massinga) para cultivar e tenho que comprar as sementes. Enquanto eu me ausento para a machamba, outros ficam a receber apoio. Enquanto antes eu tinha tudo da minha machamba agora por causa da guerra tenho que comprar tudo¹⁵.

A minha mãe ficava aqui em casa. Eu então comecei a fazer negócio.

X

14 Entrevista com CHIRIMBUANA, Maria. Morrumbene 21/07/1994

15 Entrevista com MBUVANE, Florinda. Morrumbene, 21/07/94.

Comprava peixe e ia revender no mercado. O pouco dinheiro que conseguia, era esse que utilizávamos aqui em casa para ter o que comer¹⁶.

As pessoas que atavessaram para aqui, quando chegaram tiveram que arranjar maneira de viver. Lá de onde vinham muitos faziam machambas. Aqui os solos são muito bons para a agricultura porque estamos muito perto do mar e também boas matas só lá para o Oceano. É assim que assistimos as mulheres a adaptarem-se a pesca e ao artesanato, comércio de cocos enquanto os maridos aprendiam a extair sura em algumas casas ou então pescadores e mesmo marinheiros para poderem viver¹⁷.

Como se pode depreender através das várias citações aqui apontadas, desde o passado até à eclosão da guerra, as mulheres tinham a agricultura como base de sustento.

Durante o conflito, estas vão adoptar outras estratégias fora da quotidiana como o comércio informal quer localmente ou fora, baseado no pescado, artesanato, cocos e sura.

16 Entrevista com **FERNANDO**, Deolinda. Morrumbene 21/7/94.

17 Entrevista com **ARTUR**, Antonio. Kuchi aos 22/7/1994.

Morrumbene, 20 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria Caetano (A)

Entrevistado: José Franguana(B)

NOME: José Franguana

NATURALIDADE: Morrumbene

PROFISSÃO: Machambeiro

ESTADO CIVIL: Casado

IDADE: 79 anos

Nº DE FILHOS: 2

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: 3ª CLASSE

A. Boa tarde pai, vai me dizer o seu nome, onde nasceu e o que fazes?

B. Chamo-me José Franguana e nasci em 1915 aqui em Morrumbene, sou casado e tenho dois filhos mais todos fora daqui e também casados.

A. Poderá me falar de Morrumbene?

B. Sim. O que tenho a dizer é sobre a guerra. Vi como a guerra chegou e eu era já adulto e fui ficar lá nos matsangas num período de cinquenta (50) dias até que me mandaram regressar e entrei no caminho de volta para casa.

A. Diz que foi ficar com os matsangas. Em que base ficou?

B. Fiquei na base de Humbene.

A. Onde fica situada esta base?

B. Humbene é na zona de Pagula. passa-se a região de Magumbana e vai-se mais adiante mesmo para dentro.

A. Onde é que foi encontrado no dia que foi raptado?

B. Fui encontrado na minha casa aqui perto da padaria na vila de Morrumbene. Sou conhecido pelo nome de **Bobiane** e a minha casa é aquela que se encontra depois da padaria velha.

A. A que hora foi rapatado? Foi de dia ou a noite?

B. Foi logo de manhã.

A. Estavas sozinho em casa?

B. Sim. Fui encontrado sozinho. A minha mulher tinha fugido para o litoral onde geralmente nos escondíamos à noite então não tinha ainda regressado por isso estava só.

A. Mas afinal de onde é que vinham essas pessoas que te raptaram?

B. Não sei ao certo. Mas estes matsangas vieram da zona do cemitério até chegar as lojas. É possível que estivessem a vir de de Mubula.

A. Como foi a caminhada até chegarem a base? Como é que vocês viviam lá?

B. Durante o caminho, houve pessoas que morreram porque foram batidos, algumas não conseguiam andar porque as trouxas eram pesadas, outras porque não queriam continuar com o trajecto então eram mortas. Nós que chegamos até lá, vivíamos de qualquer maneira. Sofremos muito porque havia falta de comida. Dormíamos mal e ao relento. Éramos castigados. Alguns de nós não fazíamos nada enquanto outros homens, faziam a vigilância ali perto para não tentarmos fugir.

A. Diz que viviam de qualquer maneira sem alimentação. E os soldados onde é que arranjavam a comida?

B. Nós não tínhamos comida. As mulheres é que eram mandadas a entrar no mato para procurarem folhas selvagens enquanto eram vigiadas. Ao regressarem, cozinhavam as folhas num tambor e depois todos recebíamos um pouco dessa comida. O que eles andavam a roubar, não tínhamos direito.

A. Não houve pessoas que fugiram para as suas casas?

B. Hi...algumas que tiveram folga fizeram isso mas caso fosse apanhado a fugir, não tinha vida. A pessoa era morta a gente a ver.

A. Das pessoas com quem foste raptado, conheces as que foram mortas ou voltaram consigo?

B. Todos do meu grupo que chegamos na base para além daqueles que ficaram pelo caminho, regressamos para casa.

A. Quantas pessoas faziam parte do seu grupo?

B. Éramos 16 pessoas.

A. Todos vocês foram encontrados próximo da padaria?

B. Não. Cada um foi levado no seu lugar mesmo no caminho carregavam e acompanhavam o grande grupo até chegarmos a base e no regresso também foi a mesma coisa. Enquanto nos empurravam até onde nos deixaram, iam raptando outras pessoas.

A. No dia que foi raptado, carregou alguma coisa?

B. Sim todos nós carregamos. Foi assim que muitos morreram porque as cargas eram pesadas e as pessoas não aguentavam e caíam durante a caminhada e eram deixadas. Outras com sorte não eram espetadas a baionete enquanto uns morriam ai mesmo.

A. Será que o avô **Bobiane** conseguiu levar essas coisas pesadas já que é velho?

B. Eu carreguei uma pequena caixinha que tinha umas garrafas e levei até a base.

A. O que tinham essas garrafas?

B. Eram garrafas de cerveja.

A. Onde é que tinham arranjado as tais garrafas?

B. Levaram nas lojas quando conseguiram partir algumas e saquearam.

A. Então no dia em que foste raptado, foi quando entraram e partiram as lojas da vila?

B. Sim. Foi no primeiro dia que atacaram a vila. Isto foi em 16 de Agosto de 1987.

A. Portanto 16/08/87, constituiu o primeiro dia de ataque a vila de Morrumbene não é?

B. Sim. Entraram nas lojas , no mercado e queimaram as bombas de gasolina.

A. Então a partir daqui, seguiram-se outros ataques ou só foi este?

B. Sim registaram-se outros mas o primeiro é esse que já te falei. Aqui entraram por cinco vezes algumas das quais sem sucessos porque os nossos soldados responderam logo. Antes ouvíamos que atacavam mas muito fora daqui.

A. Depois deste ataque nº1 de 1987, Levou-se muito tempo a virem atacar de novo?

B. Ficaram pouco tempo e voltaram. Mas nessa altura eu ainda estava na base de Humbene vim saber tudo isto depois de ter regressado.

A. Existe algum rio nessa zona de Humbene?

B. Não. Só há uma lagoa onde iam buscar água. Mas esta água, corre por baixo.

A. Esta base era das maiores ou pequena?

B. Era pequena.

A. Significa que havia outras bases para além de Humbene? Onde eram tuteladas estas bases?

B. Sim havia porque aí onde estávamos quando tivessem bois, estes eram levados para lá.

A. Conheces o nome da tal base considerado maior e onde fica?

B. Não.

A. Os tais bois que levavam à base, onde encontravam?

B. São bois que eram roubados em casas de pessoas.

A. No dia em que foste raptado, levavam bois também?

B. Sim. Levávamos dois que foram encontrados a pastar.

A. Na sua casa nesse dia levaram alguma coisa?

B. Os matsangas entraram dentro de casa e escolheram o que quiseram e como nós já erámos empurrados para sair com os outros, não sei o que ficaram a levar depois.

A. Você acabou 50 dias pelo que entendi, não é? Quando vos informaram para regressarem à casa, foi em grupo ou cada um era dito sozinho para regressar?

B. Outros já tinham fugido mas a maioria de nós outros estávamos com os de Massinga e outras zonas. Fomos todos libertados nesse dia porque no sábado anterior, os soldados da FRELIMO tinham atacado essa base e aqueles que tiveram oportunidade, conseguiram sair

e nós ficamos e eu tinha ainda os pés inchados. Ficamos sábado e domingo e no dia 24 mandaram-nos embora.

A. Recorda-se da data que vos mandaram regressar?

B. Sim lembro-me. Foi no dia 26 de Outubro de 1987 e cheguei aqui em casa quase em Novembro.

A. E agora como vives?

B. Agora só fico aqui em casa. Só faço pequenas machambas onde planto mandioca, milho e às vezes colecto cocos e vou vender. Aqui em casa também extraio sura e vendo para a minha sobrevivência.

A. A sua mulher está contigo?

B. Sim, mas ela agora foi buscar água.

A. Tem alguma coisa que quer acrescentar?

B. Outras coisas não tenho. Tudo é o que já disse.

A. Então se não tem mais nada a perguntar e acabou, agradeço muito pelo que informou e até outro dia.

Morrumbene, 21 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria Caetano(A)

Entrevistada: Maria Chirrimbuana(B)

NOME: Maria Chirrimbuana

NATURALIDADE: Nhachota/Morrumbene

PROFISSÃO: camponesa

ESTADO CIVIL: Casada

IDADE: 36 anos

FILHO(S): 7

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: 4ª CLASSE

A. Antes, Boa tarde. Disseram-me que este Bairro é Afinal de onde é que veio, o que fazes, qual como é que se Chama, qual é a sua idade?

B. Chamo-me Maria Chirrimbuana. Nasci em 1958 em Nhachote. Encontro-me aqui desde 1984 devido aos Matsangas. Sou casada e tenho 7 filhos.

A. Onde fica Nhachota?

B. Nhachota fica lá. A boa direcção é como se estivesse a ir para Magumbane mas não chegas.

A: Em Nhachota foi também uma zona afectada pela guerra?

B: Não nesta zona a guerra chegou depois. Eu estava a viver com o meu marido em Bié. Então quando começaram os ataques em Quissico, nós fugimos para Nhachota em casa dos meus familiares. Só que também não durou muito só que não sabemos se era matsanga 1 ou matsanga 2 que actuava na zona. Assim, em 1984 eu e as crianças

saímos para aqui na vila a fim de nos juntar ao meu marido que trabalha como motorista na empresa Cumbana Agrícola.

A. Quando chegou aqui em Morrumbene teve problemas para se acomodar?

B. Não porque aqui onde estou é terreno que a minha família me cedeu.

A. Em relação a comida?

B. Aí foi difícil. Parte da comida comprávamos e outra como mandioca tínhamos que ir buscar na machamba assim como o coco quando conseguíamos ir até Nhachota. Mas quando a guerra aqueceu em 1986, as crianças já não podiam ir buscar nada lá em casa. Para se ter comida, fazia pequenas machambas aqui só para hortaliça, couve; mas milho e amendoim comprávamos.

A. Lá em Nhachota havia alguma base perto?

B. Muito perto não. Mas sempre ouviamos estrondos de armas até que em 1984 as coisas começaram mesmo a aquecer e as pessoas já saíam de zona quando já eram raptadas pessoas, roubava-se muito gado, cabritos, galinhas. Se fosse apanhada tinham que carregar aquelas coisas roubadas.

A. Se encontrassem coisas como mantas, rádios, patos também levavam.

B. Na minha casa em Bié, todos os animais que eu criava, (porcos, cabritos, galinhas), levaram os matsangas.

A. Durante a guerra ia sempre para Nhachota nas suas machambas?

B. Ei. Não até 1985 fazíamos machambas lá. Mas de 1986 até 1991. Não íamos para lá porque todos já nem estavam lá fugimos todos. Fazia pequenas machambas aqui só para ter hortaliça, couve mas milho e amendoim compravamos.

- A. O teu marido?
- B. Ele está lá dentro. Mas vem já para aqui. Mande a criança para lhe acordar.
- A. Agora que terminou a guerra, pensam regressar para a vossa antiga casa?
- B. Sim, pensamos.
- A. Vão agora ou levará tempo?
- B. Levará tempo porque é preciso arranjar todo o material para fazer construções novas desde estacas, caniço, zincos e isto tudo precisa dinheiro. Mas sempre voltaremos para casa. Outro problema é das crianças que vão para escola. Lá ainda não abriram a escola.
- A. Então quer dizer que ainda estarás aqui por um período indeterminado?
- B. Posso dizer que sim mais sempre voltarei. A bem pouco tempo tinha ido para Bié por limpar uma parte de terreno para a sementeira de mandioca e outras coisas.
- A. Tem alguma coisa que queira dizer ainda?
- B. Não tenho. Eu já disse tudo que tinha.
- A. Muito obrigado e tenha uma boa tarde.

Morrumbene, 21 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria caetano(A)

Entrevistada: Florinda Mbuyane (B)

NOME: Florinda Mbuyane

NATURALIDADE: Vilanculos

PROFISSÃO: Camponesa

ESTADO CIVIL: Casada

IDADE: 28 anos

FILHO(S): 4

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: 5ª CLASSE

- A. Boa-Tarde. Sr^a se importa de se identificar dizendo o seu nome, onde nasceu, quando e o que fazes?
- B. Chamo-me Florinda Mbuyane, nasci em 1966 em Vilanculos.
- A. Encontra-se aqui proveniente de Vilanculos não é? Saíu de lá porquê?
- B. Tivemos medo da guerra.
- A. Quando é que chegou aqui?
- B. Há muito tempo. Chegamos aqui...em 1982.

- A. Lá em Vilanculos estava na Vila ou no interior?
- B. Muito longe da Vila. Em Mavandza.
- A. Pensa voltar para Vilanculos agora que terminou a guerra?
- B. Não sei. O meu marido é que sabe.
- A. Onde é que está o seu marido?
- B. Ele não está aqui. Foi para África do Sul.
- A. Foi muito tempo? volta este caso?
- B. Sim. Já fez tempo. Foi no ano passado e volta para o ano (1995).
- A. Aqui onde estão, é terreno de quem? Pediram?
- B. Sim. É terreno de Rafael Mahotsa.
- A. Agora que terminou a guerra, o senhor que vos cedeu este lugar para se esconderem, não vos cria problemas para vocês saírem daqui?
- B. Não. Nunca nos disse nada.
- A. Utilizam os cocos daqui?
- B. Não. não utilizamos
- A. Faz machamba?
- B. Aqui neste terreno? Não aqui não há lugar para machamba.

A. E em outros lugares? cultivas?

B. Sim. Faço machambas em Mahoche.

A. Sai daqui para Mahoche para fazeres machamba?

B. Sim.

A. Aonde arranjas sementes para semeares nessas machambas? Na agricultura ou na CAA?

B. Tenho comprado. Compro no mercado.

A. Como chegou aqui deslocada da sua zona onde teve apoio? do Governo? Ou organizações como CAA, porque ouvi dizer que esta organização ajudava os deslocados?

B. Não, não tive. Ficaram a receber os víveres enquanto estava ausente.

A. Mas há pessoas que receberam apoio?

B. Sim. Houve pessoas que receberam.

A. Então como é que a senhora se arranjava para comer?

B. Como eu disse, saí de Mavandza em Vilanculos em 1982. Aqui neste terreno como vês, não há lugar para fazer machamba. Saio daqui para Mahocha [antes de chegar a Massinga] para cultivar e tenho que comprar sementes. Enquanto eu me ausento para machamba, outros ficam a receber apoio. Antes eu tinha tudo mas tudo mesmo na minha machamba mas por causa da guerra, tive que comprar tudo. Mas agora já tenho alguma coisa na machamba como milho e mandioca o amendoim não consegui muito mas tenho um pouco.

- A. Agora que acabou a guerra, pensam regressar à Vilanculos?
- B. Eu não sei. O meu marido é que sabe. Se disser para irmos, irei se disser que é para ficar então ficaremos.
- A. Se não regressarem, significa que comprarão um terreno a fim de se estabelecer aqui não é?
- B. Sim. O terreno já compramos.
- A. Aonde?
- B. Lá em Mahoche onde faço as minhas machambas.
- A. Onde é que se localiza Mahoche?
- B. Mahoche é lá. Para quem vai para Massinga.
- A. Chegas Massinga?
- B. Não não chegas.
- A. Tens alguma coisa a acrescentar?
- B. Não. Não tenho.
- A. Obrigado pelo tempo que cedeste a fim de conversarmos.

Morrumbene, 21 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria caetano(A)

Entrevistada: Angélica Mufaniquisso (B)

NOME: Angélica Mufaniquisso
NATURALIDADE: Homgonhane
PROFISSÃO: Camponesa
ESTADO CIVIL: Casada
IDADE: 54 anos
FILHO(S): 7 filhos e mais 9 do meu marido
DATA: 21/07/94

A. Boa-Tarde mama. Pode-me dizer o seu nome, o que fazes, onde nasceu, quando e quantos filhos tem?

B. O meu nome é Angélica Mufaniquisso. Algo para fazer não tenho. Nasci em Hongonhane a 3 de Fevereiro de 1940. Só fico aqui em casa. Mas não sei se isso que estava a responder.

Vou a minha machamba em minha casa em Mubule perto de Cambine. Agora que acabou a guerra, ainda não vimos nada.

A. Não me disseste onde nasceste, se é casada com filhos e o que fazes.

B. Eu sou casada. Tenho sete filhos com o meu e mais 9 que ele já tinha. Sou camponesa, tenho as minhas machambas em Mubule.

- A. Veio agora em Morrumbene fugindo a guerra não é? Afinal qual é a sua proveniência?
- B. Sim. Venho de Mubule e cheguei aqui em 1984.
- A. Aqui neste terreno onde se encontram pertencem a quem?
- B. Pedimos sim. É do Senhor Massi Guibulatsi.
- A. Para virem aqui esta parcela de terra, vinham sozinhos ou alguém os indicou?
- B. Viemos pedir sozinhos. Mas como havia outras pessoas que tinham adiantado, informaram-nos que se é só para pedir o abrigo, era possível conversar com o dono. Daí que nos dividimos aqui, falamos e indicou-nos este lugar para ficar.
- A. Quando chegaram e vos recebeu e ceder-vos este terreno ou melhor o sítio, não fizeram congeitos mais tarde com o dono?
- B. Não nunca tivemos. Ele recebeu-nos muito bem e até hoje não temos nada a lamentar.
- A. Utilizam o que existe neste terreno? como coco este citrinos que estou a ver entre outras coisas?
- B. Não. Não utilizamos.
- A. Proibe?
- B. Não sabemos se ele proibe ou não. Só que quando nós necessitarmos, procuramos comprar e nunca tivemos ganância de utilizar o que não é nosso.
- A. Com fim de guerra pensam regressar para casa?

B. Sim, voltei e quis fazer as minhas machambas em Novembro do ano passado (1993). Agora o que fazemos e irmos lá de vez em quando mas sempre voltamos para aqui. Tenho todas as crianças a estudar aqui e lá ainda não abriram a escola.

A. Qual é a situação das suas casas lá em Mubula? Estão todas destruídas?

B. Sim. A minha casa de alvenaria está toda destruída. Tudo foi carregado pelos Matsangas inclusivé mantas. Tudo mesmo. Agora só limpamos um lugarzinho e fizemos uma pequena barraca para esses dias que vamos para conseguirmos estar para fazermos as machambas. Os coqueiros quase que nem tem nada. Ficaram muito tempo no mato.

A. Mas pensam voltar definitivamente para Mubula?

B. Sim temos isso em mente. Só que quem sabe é o meu marido. Mas neste momento ele não está foi para África do Sul em Outubro de 1993.

Mas compramos um terreno em Pagula. Agora o que ele pensa não sei. Não sei se ele querará deixar aquela casa dele grande em Mubule perder-se ou não. Isto porque quando saímos de lá a correr fugindo a guerra porque era uma zona de guerra mesmo, agora não sabemos o que vem. É esse medo que temos. Mas a verdade e certeza só poderias ter se ele próprio estivesse. Mesmo assim, limpamos desde a casa, todas as machambas lá em Mubula. Portanto se voltamos ou não, ele é que saberá.

A. Enquanto estiveram em Mubule durante a guerra, tiveram pessoas de família que foram raptadas ou mesmo mortas?

B. Hi... A família muita. Os filhos do irmão dele mais velho desapareceram. não sabemos se estão vivos ou mortos. O nosso neto, filho dum sobrinho nosso, nascido pela minha irmã mais nova também desapareceu. Mesmo outro sobrinho, filho do irmão dele mais novo também foi raptado e não sabemos se vive ou não. Agora o número confirmado daqueles que morreram são 3.

- A. Essas três (3) pessoas, são de família directa?
- B. Sim são de família directa. Onde eu nasci. É a minha irmã mais velha com o seu marido e o filho. Foram encontradas e raptadas e posteriormente a minha irmã pisou uma mina e morreu logo aí. Agora um outro filho desta minha irmã, desapareceu e até hoje não conhecemos o seu paradeiro. Mas foi lá em Mubula.
- A. Esta família foi raptada durante a noite ou foi encontrada na machamba?
- B. Os que foram raptadas em casa, na zona de Matsinhe foi em pleno dia quando regressavam da caça. Agora os outros não sei como foi porque eu já tinha saído de Mubule para aqui. Só vim ouvir com outras pessoas com quem tinham sido raptadas. Em relação aos que morreram, aqueles que conseguiram fugir é que vinham nos informar do sucedido.
- A. Agora desde que estás aqui em Morrumbene, como é que te arranjas para a sua sobrevivência?
- B. Faço machambas aqui, em Cambine, Guihuvi e outros sítios próximos daqui.
- A. Aonde arranjas as sementes para lançares na terra?
- B. Tenho comprado nas outras pessoas que possuem e vou semear.
- A. Compras aqui em Morrumbene?
- B. Sim.
- A. Ouvi que o projecto CAA, também tem vendido sementes. Tens conseguido através desta adquiri-las? Ou então nos negociantes?
- B. Ei... nesse projecto não. Eu compro nos negociantes no mercado mesmo. O que sei

dizer é o apoio quando acabamos de chegar. Em 1984, chegamos aqui no mês de Novembro e então iniciamos a ter essa ajuda em 1985 até um determinado período. Agora como temos alguma coisa e também já não há esse tipo de ajuda conseguimos viver com o que compramos e o que o meu marido envia.

A. Quando chegaram em 1984, foram apresentar-se no Governo do Distrito ou o senhor que aqui vos recebeu é que foi informar?

B. Fomos sozinhos porque trazíamos as nossas guias.

A. Esse apoio que tinham, sabiam os dias que deviam ir receber os víveres?

B. Sim sabíamos até agora que foi cancelado fomos informados.

A. Porque foi cancelado esse apoio? foi há muito tempo?

B. Não sei porque mais já fez tempo.

A. Foi nos anos 80 ou 90?

B. Bem este cancelamento foi assim. Nós que já estávamos aqui há muito tempo não conseguimos ter víveres. Enquanto que os que iam chegando é que tinham o direito de apoio.

A. Então significa que vocês os antigos já tinham as mínimas condições em relação aos novos não é?

B. Sim. Portanto o corte foi nos finais de 80. não sei porque nós já conseguimos trabalhar e também já estávamos necessitados isso é que não sei.

A. O teu pai também possui machambas lá em Mubula?

- B. Não. Já não faz machambas. Ele já é velho. Nós levamo-lo da casa dele porque não tinha força para fugir é por isso que ele está aqui conosco.
- A. Tem alguma coisa a acrescentar?
- B. Bem o que posso acrescentar é que perdi muito mesmo. Perdi muitas coisas. Tinha três bois e dois burros que nos ajudavam a fazer machambas porque quer os bois e mesmo os burros cultivavam com a charrua. Agora os meus filhos tenho-os aqui senão um que perdeu a vida mas devido a doença aqui mesmo. Foi com eles que recomecei a vida.
- A. Esses animais que vos roubaram foram com os bandidos?
- B. Sim. Tudo o que me referi em termos de destruição, mesmo a casa de alvenaria o que foi tirado, foram os bandidos.
- A. Agora quando quiserem voltar a cobrir a vossa casa em Mubule, farão pelo vosso esforço ou terão algum apoio?
- B. Bem não sei se teremos ajuda mas penso que ele próprio é que vai fazer.
- A. Bem se não tem mais nada, muito obrigado e boa-tarde.

Morrumbene, 21 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria Caetano(A)

Entrevistada: Deolinda Fernando(B)

NOME: Deolinda Fernando
NATURALIDADE: Morrumbene
PROFISSÃO: Negociante/Vendedeira
ESTADO CIVIL: Solteira
IDADE: 28 anos
FILHO(S): 0
HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: 6^a CLASSE
DATA: 21/07/94

A. Bom dia. Vim aqui para conversarmos um pouco. Ontem estive aqui neste bairro mas não consegui trabalhar porque as pessoas não estavam aqui. Primeiro vai dizer o seu nome, quando é que nasceu, o que fazes, a sua situação civil (casada ou solteira), e se filhos quantos?

B. O meu nome é Deolinda Fernando, sou natural daqui em Morrumbene, faço negócio, não sou casada e não tenho filhos. a minha data de nascimento é 27 de Fevereiro de 1965. Estudei até a 6^a classe em Cambine depois tentei o lar mas não deu. Estou aqui com a minha mãe e os meus sobrinhos filhos dos meus irmãos mais velhos que trabalham fora daqui. Um está na África do Sul e outro em Maputo. As mulheres são aquelas que estão ali.

A. Quer dizer todos aqui são da mesma família?

B. Sim. Esta casa grande é da minha mãe o meu pai faleceu há muito tempo. Aquelas duas atrás desta, são dos dois meus irmãos enquanto que as outras que as vê espalhadas desde a mafurreira até lá no fundo, algumas já não está ninguém porque os deslocados se despediram e voltaram para as suas casas. Aqui só estão apenas três.

A. Então vocês tinham recebido deslocados de guerra não é?

B. Sim muitos é só veres as barracas existentes e ali onde já foram destruídas pelos donos.

A. Como foram as relações com eles?

B. Posso dizer que não tivemos nenhuns problemas. Cada um acordava e procurava alguma coisa para por na panela. Como aqui não é sítio para machamba, era só procurar fazer alguma coisa para não morrer de fome. Alguns foram trabalhar nos barcos de pesca, as senhoras aprenderam a procurar carangueijo, amejnjôa na praia para poderem vir cozinhar para as crianças.

A. Podes falar sobre a guerra aqui em Morrumbene?

B. Sim posso. Nos dias de muita agitação ou saber-se que os matsangas andam por aí, nós todos corríamos para o mato para nos esconder. Depois de a situação estar calma é voltávamos para casa.

A. Não tiveram trincheiras?

B. Tínhamos lá [a apontar para os lados da baía] onde durante o tempo em que toda gente tinha medo principalmente em 1986, 87 até mesmo 1992. Nessa altura, toda gente cozinhava cedo e apagava o lume e descia para o escondirijo. Mesmo os comerciantes hindus, atravessavam a baía até Guibihine.

A. Disseste que aqui não lugar para machambas, onde v'e que tem feito?

B. Fazíamos em Jogó. Mas chegou um tempo que não era possível deslocarmos-nos até lá porque sempre havia ataques na estrada.

A. Chegou de assistir algum ataque?

B. Sim precisamente em 1987 por duas vezes quando eu regressava da Maxixe.

A. Onde é que foi?

B. Foi mesmo em Jogó. Ouvimos estrondos. Todos que estavam na carrinha começaram a saltar de um lado para o outro. Como ninguém sabia de onde vinham os matsangas, aquilo foi correr de qualquer maneira e primeira pessoa a morrer foi uma senhora logo na estrada que foi atingida. Levaram as coisas deixadas no carro e depois incendiaram. Depois de acalmar, cada um saía do seu lado. Ao longo da estrada encontramos mais três pessoas mortas.

A. O quê que tinhas ido fazer na Maxixe?

B. Tinha ido buscar o meu dinheiro de venda de sura.

A. Depois desse episódio que assististe, voltaste a viajar?

B. Hi. Não. Acabei virando o negócio para outras coisas.

A. Como o quê? E como é que fazia para se alimentarem?

B. A minha mãe ficava aqui em casa. Eu comecei a fazer negócio de peixe em vez de sura. Comprava o peixe e ia revender no mercado. O pouco dinheiro que conseguia, era esse que utilizávamos aqui em casa para ter o que comer.

A. Só vendes e não fazes mais nada?

B. Sim.

A. Ainda tens mais alguma coisa a contar sobre a guerra?

B. Bem eu contei tudo que sei e que vi.

A. Sem não tens mais nada, muito obrigado até a próxima vez e tenhas um bom dia.

Morrumbene, 22 de Julho de 1994

Entrevistadora: Ana Maria Caetano(A)

Entrevistado: Martins Handela Bobiane(B)

NOME: Martins Handela Bobiane

NATURALIDADE: Quissico

PROFISSÃO: Mineiro

ESTADO CIVIL: Casado

IDADE: 54 anos

FILHO(S): 1

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: 4ª CLASSE ANTIGO

A. Muito boa tarde. Obrigado pelo lugar que nos serviu para sentar. Antes de iniciarmos a nossa conversa como o Presidente da localidade sede disse, vai primeiro dizer o seu nome, onde trabalha, se é casado e quantos filhos tem e asua idade?

B. Chamo-me Martins Handela Bobiane, natural de Quissico e nasci em 1940, casado, tenho 1 filho e trabalho na África de Sul encontrando-me de férias agora.

A. Há quanto tempo se encontra aqui neste bairro [Maréngue]?

B. Desde 1984.

A. Nesse ano já tinha chegado a guerra em Quissico?

B. Sim. Muito mesmo.

A. Os matsangas já haviam iniciado o roubo ou destruição de casas?

B. Sim. Muito. Iii...Já destruíam, matavam mesmo.

A. Na vossa casa chegaram de entrar?

B. Sim entraram.

A. Tem família que foi raptada que até hoje ainda não regressou ou então morta?

B. Minha família própria não. Mas os meus vizinhos alguns foram mortos.

A. Recorda-se do número de vizinhos que foram mortos nessa altura?

B. Ei! Não me lembro do número agora porque já passa muito tempo.

A. Mas viste a serem mortos?

B. Sim vi.

A. Em que ano foi isso?

B. Foi em 1984.

A. Então veio para aqui fugindo a guerra ou então tinha já o seu terreno?

B. Cheguei aqui por causa da guerra e acabei comprando este terreno.

A. Comprou nessa altura ou então agora?

B. Comprei quando mesmo cheguei aqui porque tinha dinheiro e acabava de regressar da África de Sul para vir me casar.

A. Agora que comprou este terreno aqui na vila de Morrumbene, pensa voltar algum dia para Quissico?

B. Não já não regresso mais para lá.

A. Não voltas por ter medo da guerra ou porque já não queres ir mais para Quissico?

B. Não quero regressar porque já comprei o terreno aqui e fixei a minha residência aqui e quero viver aqui mesmo.

A. Agora lá na sua antiga residência não irás? Não quererá fazer as suas missas [Culto aos antepassados] ou então isso podes fazer aqui?

B. Hi! Ei! Isso não. Irei fazer mesmo em Quissico porque a casa grande é lá mesmo e os meus antepassados são maus por isso não posso brincar.

A. Então significa que apesar de ficares aqui em Morrumbene, irás para Quissico não só pela ocasião do culto aos antepassados?

B. Sim porque até hoje tenho família lá.

A. Então, não digas que não se vai deslocar para Quissico. Primeiro tens família e as missas são realizadas lá. Daí, regressarás para Quissico embora vivendo em Morrumbene. Não é?

B. Ei...Sim tens razão a senhora derrotou-me. Irei mesmo queira sim ou não isso vai se feito.

A. Como trabalhador das minas, tenho muita certeza que ficou muito tempo na África de Sul sem vir para aqui temendo a guerra. O tens a dizer sobre a paz em Moçambique?

B. Sobre o quê?

A. A paz. A calma no país?

B. Ah! A partir de agora com esta calma, conseguimos viajar bem. Saímos da África de Sul e só dormimos um dia para no segundo dia chegarmos em nossas casas.

Antes com os matsangas hiii...era difícil. Acabávamos muitos dias e nem todos chegavam ao destino porque morriam pelo caminho, nem as coisas enviadas também devido ao roubo durante os ataques.

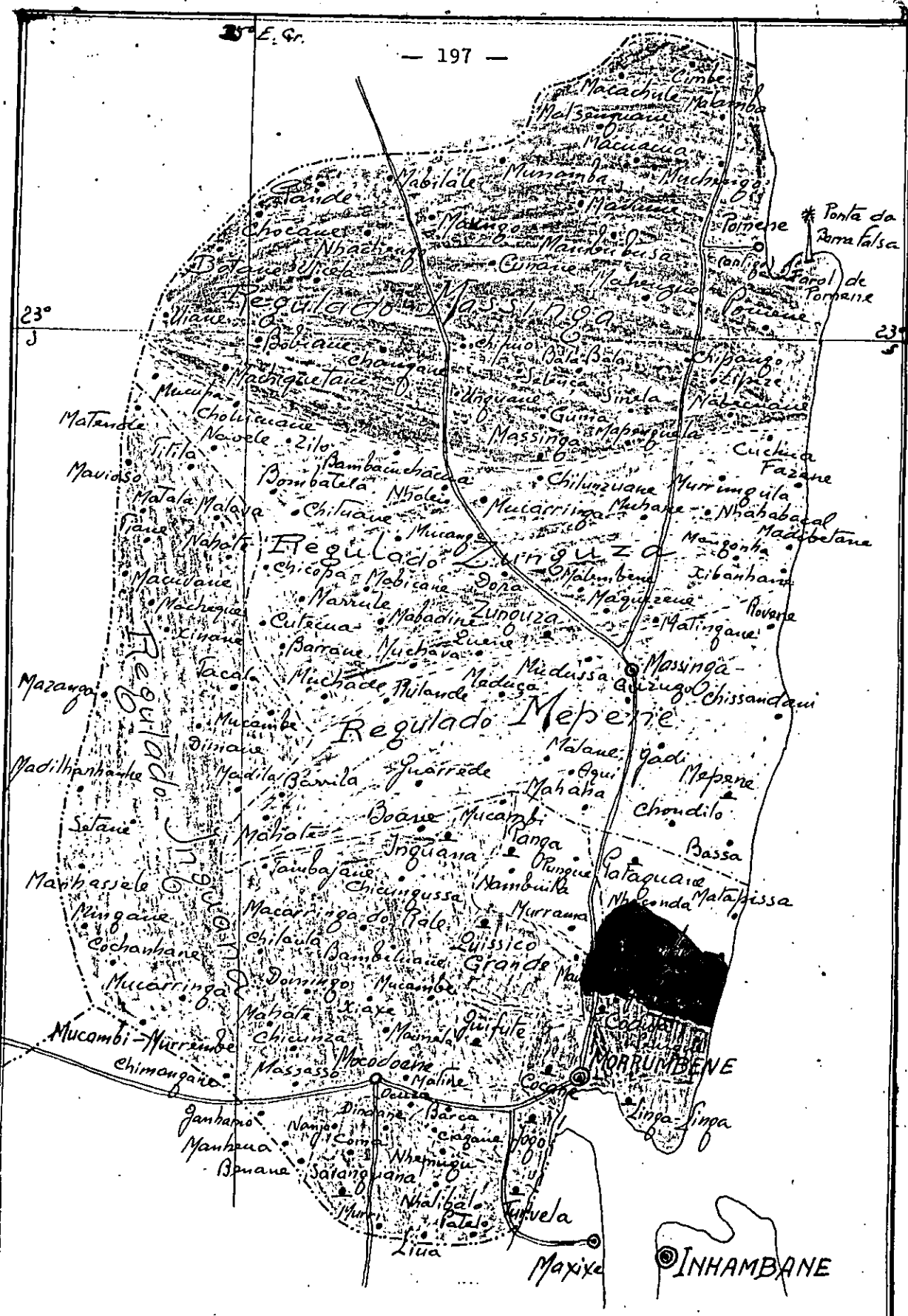
A. Chegou de viajar alguma vez da RAS para aqui durante o tempo de guerra?

B. Hi..Hi..Hi... Mamã. Nunca cheguei a fazer isso. Adoptei o sistema de enviar as coisas ficando lá. Veja que desde que fui nos meados de 1985, só agora em Dezembro de 1992 é que pisei a terra de novo.

A. Estamos conversando. Tens alguma coisa que queiras falar?

B. Não parece que acabei. Não tenho.

A. Muito obrigado por ter aceite o convite para conversarmos e até um dia. Boa tarde mais uma vez.

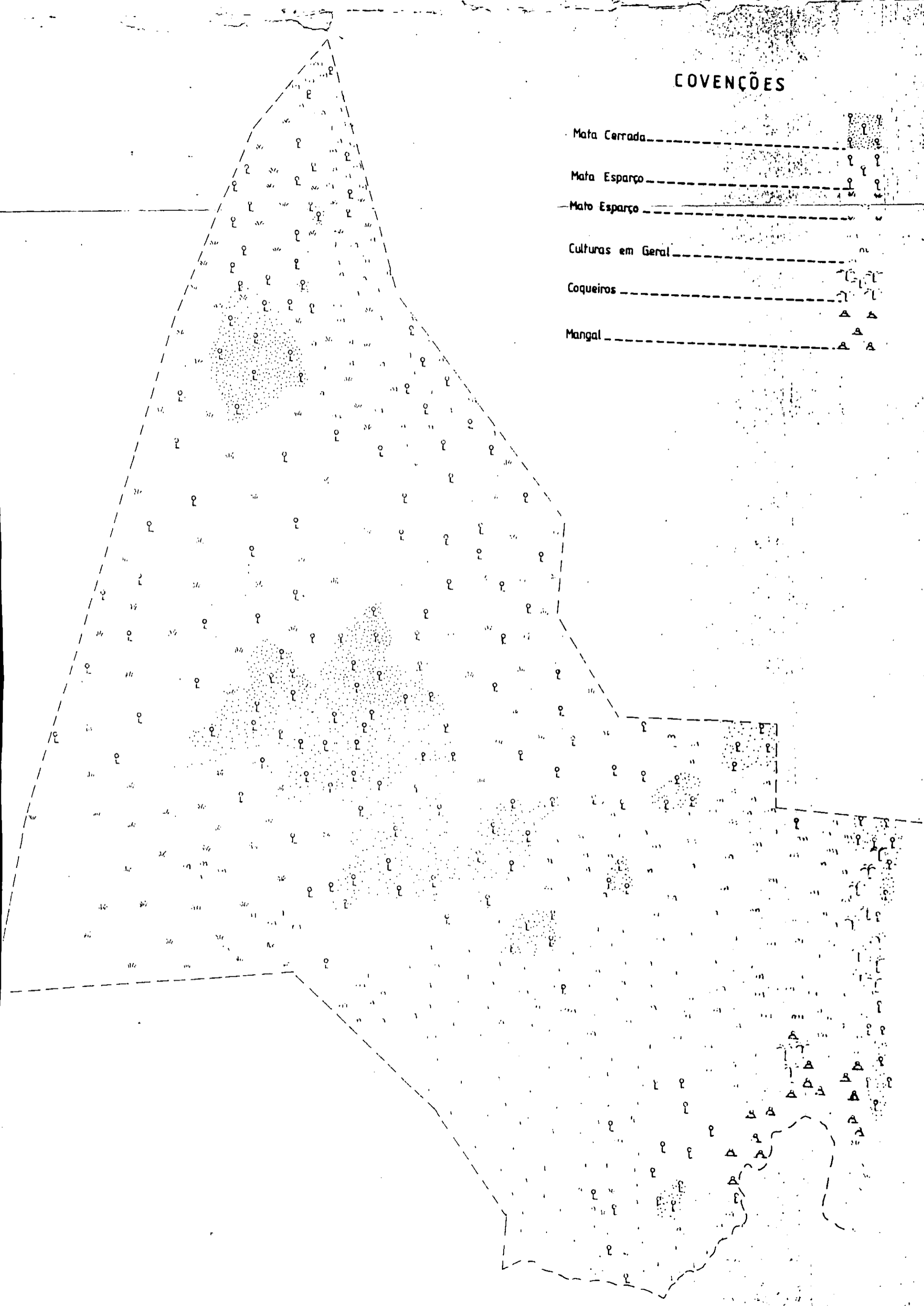


Esboço Geográfico da Circunscrição de
M O R R U M B E N E .

Escala : - 1/500.000

COVENÇÕES

- Mata Cerrada
- Mata Esparço
- Mato Esparço
- Culturas em Geral
- Coqueiros
- Mangal



700

710






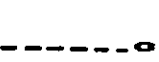
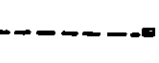
720

730

740

750

COVENÇÕES

- Rios e Ribeiros 
- Lagos e Lagbas 
- Linha da Costa Marítima 
- Pântanos 
- Zona de Inundação Temporária 
- Pogo, Artesiano, Com Engenho 
- Tanque Carracida 
- Toma de Água 